



O QUE É O FASCISMO NO BRASIL E COMO DERROTÁ-LO

Org. Magno Francisco e Wanderson Pinheiro



MAGNO FRANCISCO DA SILVA
WANDERSON CARVALHO PINHEIRO
(ORGANIZADORES)

O QUE É O FASCISMO
NO BRASIL E COMO
DERROTÁ-LO



Catálogo na Fonte

Departamento de Tratamento Técnico das Edições Manoel Lisboa

- Q3 O que é fascismo no Brasil e como derrotá-lo / Magno Francisco da Silva, Wanderson Carvalho Pinheiro. –Maceió : Edições Manoel Lisboa, 2020. 107 p. : il.

ISBN: 978-65-991728-0-9.

1. Capitalismo. 2. Socialismo. 3. Comunismo. 4. Fascismo. 5. Revolução. 6. Bolsonarismo. 7. Política. 8. Brasil. I. Silva, Magno Francisco da, org. II. Pinheiro, Wanderson Carvalho, org.

CDU: 330.342.14 (81)

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

O que é o fascismo no Brasil e como derrotá-lo *Brasil, julho de 2020*

Revisão: Julia Poletto
Foto da capa: Paulo Paiva
Projeto gráfico, capa e diagramação: Ésio Melo

Edições Manoel Lisboa
Rua Carneiro Vilela, 138
Espinheiro. Recife-PE
Tel. (81) 3427,9367



Berlim, maio de 1945.

“Considerar o fascismo como um fenômeno passageiro e transitório que, no quadro do capitalismo, poderia ser substituído pela restauração do antigo regime democrático burguês, e negar o perigo da instauração do fascismo nos grandes países capitalistas, constituem apenas vãs ilusões que podem enfraquecer a vigilância e a resistência do proletariado, servir o fascismo e contribuir para o reforço passageiro da ditadura fascista.”

G. Dimitrov

Sobre a luta contra o fascismo e
os Sindicatos Amarelos



Recife, junho de 2020. Foto: Paulo Paiva

APRESENTAÇÃO

Com a vitória eleitoral de políticos da extrema-direita de caráter fascista, como Trump, Orban e Bolsonaro, novamente o debate sobre o que é o fascismo vem à tona. Na mesma medida, ativistas sociais e revolucionários querem saber como vencer a ofensiva da burguesia diante da maior crise econômica da sua história e desejam lutar, derrotar o fascismo e construir um mundo de justiça e solidariedade.

De maneira geral, o fascismo é a ditadura terrorista descarada da burguesia (dos donos dos meios de produção) mais reacionária, mais violenta contra os trabalhadores e demais camadas sociais, aliada ao capital financeiro. No Brasil, o fascismo se apresenta de maneira particular, requeitando elementos ideológicos dos fascistas dos séculos XX através da junção da doutrina econômica da Escola Austríaca de Economia, do conservadorismo religioso e dos vestígios de anticomunismo que sobraram da Ditadura Militar.

O Fascismo é a tentativa de impor um estado ditatorial e violento à serviço das grandes classes dominantes. Neste sentido é a usurpação do Estado por grandes grupos econômicos nacionais e internacionais. No caso brasileiro, diante de uma burguesia que nunca teve projeto de Nação, ele é, também, a submissão ao grande capital internacional, em especial ao capital financeiro dos EUA.

Por isso, Bolsonaro e seu governo dos generais e militares quer privatizar e cortar gastos sociais. Pretende, ao mesmo tempo, entregar nosso patrimônio público, cortar gastos do povo e satisfazer os interesses de seus amos nacionais e estrangeiros. Assim, implementou, em parceria com um congresso de corruptos e serviçais da burguesia, a reforma da previdência e a retirada dos direitos dos trabalhadores.

Muito embora fale em Nação, o fascismo dependente, como no caso brasileiro é anti-nacional. Utiliza-se das cores nacionais para reprimir o povo, mas não passam de meros intermediários e administradores dos interesses imperialistas norte-americanos. É para manter esse domínio que oprimem negros, nordestinos, mulheres e homossexuais. Visam humilhar e massacrar as “minorias” como instrumento de dominação e manutenção de um capitalismo ainda mais desumano.

Eles se utilizam de discursos ideológicos com base em preconceitos, mentiras repetidas milhares de vezes e criação de “mitos”. Esse é o caso da criação da lenda do Kit Gay, da Escola sem Partido e outras invenções usadas como propaganda para disseminar o ódio. Se aproveitam da crise criada pelos próprios ricos, canalizam a revolta do povo de forma inconsequente e pregam o ódio ao diferente, ao estrangeiro, ao imigrante e, principalmente, aos pobres. Buscam com isso se isentar da crise do capitalismo e transformar as vítimas em culpados pela violência e miséria que eles mesmos criaram;

Utilizam também de um falso discurso religioso, falso moralista, dizendo que defendem Deus, a família e os bons costumes. Na prática são corruptos, praticam a prostituição e pregam valores egoístas totalmente anticristãos; Mesmo que, segundo a Bíblia, Jesus tenha condenado a riqueza e o ódio, pregado a paz, o perdão e a igualdade.

Nesta obra o leitor terá a oportunidade de encontrar um arsenal teórico para qualificar a intervenção política e enfrentar o fascismo no Brasil. São textos escritos por revolucionários, comprometidos com a causa do socialismo e da libertação da humanidade. A obra está dividida em duas partes: Textos do calor do momento, são artigos produzidos durante o governo do fascista Bolsonaro, e textos clássicos, escritos pelos principais combatentes da causa antifascista no século XX.

Ótima leitura!

Abaixo o fascismo!

SUMÁRIO

PARTE I

TEXTOS NO CALOR DO MOMENTO

MAIORIA DOS ELEITORES BRASILEIROS NÃO VOTOU NO MILIONÁRIO FASCISTA Luiz Falcão	12
GENERAIS E BANQUEIROS QUEREM UM ESTADO FASCISTA NO BRASIL Executiva Nacional da Unidade Popular	24
NOSSA LUTA PARA DERROTAR O GOVERNO FASCISTA EM MEIO AO AVANÇO DAS CONTRADIÇÕES INTERIMPERIALISTAS Wanderson Pinheiro e Leonardo Péricles	30
O QUE É O BOLSONARISMO E COMO DERROTÁ-LO Magno Francisco da Silva.....	40
QUAL FRENTE PRECISAMOS CONSTRUIR PARA ENFRENTAR O FASCISMO? Gregório Gould	46
O NECESSÁRIO ENFRENTAMENTO AO FASCISMO Heron Barroso	50
O QUE É PRECISO PARA SER UM ANTIFASCISTA Felipe Annunziata.....	53
FASCISMO, IMPERIALISMO E MILITARES NO BRASIL Natanael Sarmiento	58
O FASCISMO SÓ SERÁ ELIMINADO COM O FIM DA BURGUESIA Nana Sanches	69

PARTE II

TEXTOS CLÁSSICOS SOBRE COMO ENTENDER E DERROTAR O FASCISMO

NEM FASCISMO, NEM LIBERALISMO: SOVIETISMO!

Antonio Gramsci 73

MANIFESTO DA FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA AO POVO DO BRASIL

Frente Única Antifascista do Brasil 76

FASCISMO

Clara Zetkin 80

A LUTA PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA CONTRA O FASCISMO (Extrato)

Gueorgui Dimitrov 89

**PRONUNCIAMENTO À NAÇÃO NO DIA SEGUINTE À VITÓRIA SOVIÉTICA SOBRE
A ALEMANHA FASCISTA**

Josef Stálin 106

PARTE I

MAIORIA DOS ELEITORES BRASILEIROS NÃO VOTOU NO MILIONÁRIO FASCISTA

Luiz Falcão¹

“A revolução não se desenvolve numa linha ascendente, num auge progressivo ininterrupto, senão em ziguezague, numa sucessão de avanços e retrocessos, numa sucessão de fluxos e refluxos, e no curso desse desenvolvimento as forças da revolução são temperadas e preparam sua vitória definitiva.” (Josef Stálin, Obras Completas, Tomo 7)

Após passar toda a campanha eleitoral fugindo dos debates e espalhando mentiras por seu Twitter e pelo WhatsApp, o capitão reformado Jair Bolsonaro considerado pelo próprio Exército como mentiroso, indisciplinado e mau militar foi eleito presidente da República com 57.797 milhões de votos. Fernando Haddad, da coligação PT-PCdoB-PROS, teve 47.040 milhões de votos. Como o Brasil tem 147 milhões de eleitores, somando os votos de Haddad com os dos que se abstiveram, votaram nulo ou em branco, a ampla maioria do povo brasileiro, mais de 89 milhões de brasileiros, recusou-se a votar no candidato da extrema-direita.

Mas como foi possível que um capitão de carreira medíocre no Exército e no Congresso Nacional, que defende a tortura, laqueaduras e vasectomia em vez da construção de moradia popular, torne-se presidente 33 anos após o povo brasileiro ter acabado com o regime fascista imposto pelo golpe em 1964? Por que o candidato do PT não conseguiu sensibilizar 42 milhões de eleitores que se recusaram a votar em Bolsonaro?

No capitalismo não tem democracia verdadeira

Como sabemos, num país capitalista as eleições estão longe de serem democráticas, pois ocorrem debaixo de um sistema econômico no qual apenas um pequeno número de pessoas muito ricas são donas dos grandes meios de comunicação (TVs, jornais, rádios e internet), das indústrias, lojas, empresas agrícolas, fazendas, etc.¹

De posse desse poder, os patrões, além da pressão psicológica e do assédio, durante o período eleitoral ameaçam os trabalhadores de demissão caso o candidato que apoiam não vença a eleição. Prova disso foi o vídeo divulgado pelo empresário Luciano Hang, dono da rede de lojas Havan, para seus funcionários e reencaminhado por centenas de outros donos de empresas, onde afirma textualmente que, se Bolsonaro não fosse eleito,

poderia fechar suas lojas, sair do país e demitir os 15 mil funcionários: “Você está preparado para sair da Havan? ... a Havan pode fechar as portas e demitir os 15 mil colaboradores?!”².

Não bastasse, como a burguesia é a classe que se apropria do lucro das vendas dos produtos (a mais-valia), é dona dos bancos, tem o Estado a seu serviço e controla o dinheiro, pode promover variadas formas de financiar as campanhas eleitorais. Exemplo: o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) investiga a denúncia de que empresários tenham feito contratos no valor de R\$ 12 milhões com empresas como a Quickmobile, Yacows, Croc Services e SMS Market, para realizarem disparos em massas no WhatsApp em favor da campanha do milionário Bolsonaro. O trabalhador, por sua vez, possui somente seu salário, que mal dá para pagar as contas. Caso seja candidato, precisará convencer seus irmãos e irmãs trabalhadoras que suas propostas são as melhores. Por essas e outras, é um erro superestimar as eleições burguesas.

Apesar de ser esta a realidade, alguns dizem que, mesmo nesse sistema, o PT venceu quatro eleições para presidente da República: Lula foi eleito em 2002 e reeleito em 2006 e Dilma Rousseff foi eleita em 2010 e reeleita em 2014. Porém, é preciso lembrar que, antes de vencer essas eleições, Lula e o PT assumiram o compromisso de manter não só a propriedade privada dos meios de produção, proteger os interesses do agronegócio, do capital estrangeiro e financeiro e pagar a dívida pública.

Volta, então, a pergunta: por que não seguiu ganhando as eleições já que fazia concessões às classes ricas? Ou pior: por que foi perder exatamente para o mais reacionário dos candidatos que enfrentou e por uma diferença de 10 milhões de votos?

Uma derrota anunciada?

Não há, evidentemente, um só motivo para a derrota da chapa PT-PCdoB nas eleições de 2018.

O fato é que, desde que vieram a público as denúncias de corrupção nos governos de Lula e de Dilma, o PT foi incapaz de responder de forma profunda a cada uma das acusações. Em 2014, foram realizadas as primeiras prisões do doleiro Alberto Youssef, do ex-diretor de abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, do ex-diretor de Engenharia e Serviços da Petrobras Renato Duque. Em seguida, vieram as prisões e delações dos presidentes da Odebrecht, Marcelo Odebrecht, da Andrade Gutierrez, Otávio Marques de Azevedo; da OAS, José Aldemário Pinheiro Filho; da UTC/Constran, Ricardo Pessoa; entre outros. Sucessivas reportagens nos principais meios de comunicação mostraram

como era operado o esquema de corrupção na Petrobras e o desvio de dinheiro para as campanhas eleitorais do PT, do MDB, do PP e outros partidos. A cada nova denúncia, o PT ia mais para a defensiva e perdia credibilidade. Tal situação se agravou com a delação premiada dos marqueteiros das campanhas do PT, João Santana e Mônica Santana, ambos afirmando que receberam caixa dois para fazer as campanhas do partido. As delações premiadas foram usadas para a condenação de Lula, que preferiu se entregar, dizendo confiar na Justiça. Condenado na segunda instância, Lula foi retirado da disputa para favorecer a eleição de um candidato que, em tempos de crise econômica, não tivesse nenhuma hesitação em arrochar salários e cortar gastos sociais.

Mais recentemente, o ex-ministro da Fazenda no Governo Lula e ex-ministro da Casa Civil no governo Dilma, Antônio Palocci, considerado o autor intelectual da carta aos brasileiros, teve sua delação premiada aceita e divulgada amplamente nas TVs, rádios e jornais, e repetida centenas de vezes no programa do PSDB, e, no segundo turno, no programa de Bolsonaro. Nela, Palocci afirma que o dono da Odebrecht, Emílio Odebrecht, fez, no final de 2010, um “pacto de sangue” com o presidente Lula para que este beneficiasse sua empresa e, em troca, recebesse R\$ 300 milhões para as despesas políticas, o terreno onde seria construído o Instituto Lula, além de contratar palestras do ex-presidente por R\$ 200 mil.

Tais denúncias fizeram com que o PT, um partido que nasceu dizendo que iria acabar com a corrupção, perdesse a confiança de boa parte do eleitorado, como ficou claro nas derrotas eleitorais que sofreu nos principais colégios do país, à exceção do Nordeste.

Crise econômica fecha milhares de empresas

Por outro lado, ao manter a economia nacional sob controle dos monopólios capitalistas e do capital financeiro, era uma questão de tempo, a crise econômica que abalou a economia mundial a partir de 2008, ocorrer também no Brasil. De fato, o capitalismo é um sistema que produz permanentemente crises econômicas que provocam o fechamento de indústrias, desemprego em massa e pobreza. Pois bem, após alguns anos de crescimento, uma grave crise econômica irrompe na economia brasileira.

Quando, em 2015, no segundo governo de Dilma, após ter realizado uma campanha denunciando os bancos e banqueiros, fazendo um discurso contra o ajuste fiscal, a presidente nomeou para ministro da Fazenda Joaquim Levy, homem forte do Bradesco, e adotou o ajuste neoliberal que tanto criticara na eleição, seu governo perdeu apoio até de eleitores que a elegeram.

O ajuste fiscal do Governo Dilma trouxe consequências desastrosas e aprofundou a crise. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão do Governo Federal, entre 2013 e 2016, foram fechadas no Brasil nada mais nada menos que 13,8 mil indústrias. Somente em 2014 e 2015, ainda no Governo Dilma, 10,5 mil indústrias foram fechadas, resultando em milhares de operários demitidos. (G1, 21/06/2018).

Um número assustador, porém, verdadeiro e que mostra toda a capacidade de destruição que têm as crises do sistema capitalista. A população desempregada cresceu 27,35%, em 2015, e atingiu 8,59 milhões de trabalhadores. Com o aumento da procura de emprego, o salário diminuiu, e muitas pequenas empresas do setor de serviços também fecharam as portas. **A inflação oficial foi para 9,28%**, o poder de compra da população foi reduzido, **o PIB caiu e a economia registrou retração de 3,9%**, **a dívida interna aumentou em mais de 70%** e os pagamentos de juros aos banqueiros deixaram o Estado com poucos recursos para investimentos públicos e sociais.

Os enormes gastos que tinham sido realizados pelos governos do PT para construir estádios para a Copa do Mundo da Fifa, em 2014, quando a sociedade carecia de saúde, de educação e pagava caro por um transporte público deficiente, fez crescer a desconfiança no governo de Dilma e no PT, que preferiu culpar as manifestações de junho de 2013 contra os abusivos aumentos de passagens em vez de enfrentar as reais causas de seu desgaste político.

Além do aumento do exército de desempregados, formado em boa parte por jovens, as camadas médias também pagaram sua cota na crise. Aqueles que abriram pequenas empresas viram suas lojas sem clientes, seu capital virar fumaça e dívidas crescerem, enquanto os bancos comemoravam o aumento de seus gigantescos lucros.

Em consequência, ocorre um vertiginoso aumento da criminalidade e da violência, algo que acontecia lentamente nos anos pré-crise. A insegurança das pessoas nas grandes cidades é motivo de conversas nas ruas, as famílias se sentem indefesas ao assistirem diariamente na TV a assaltos e mortes e tornam-se receptivas ao discurso que promete acabar com a maioria penal e com a criminalidade matando os bandidos. Tal discurso de proteção à família, de mais segurança pública, passou a ganhar apoio nas camadas médias da sociedade, mas também na população trabalhadora que associava os problemas sociais e econômicos do país não a sua verdadeira causa, o sistema econômico, mas à corrupção e à impunidade. Lembremos o que escreveu G. Dimitrov em sua importante obra *A unidade Operária contra o fascismo*: “A demagogia social deu ao fascismo a possibilidade de arrastar consigo as massas da pequena burguesia desajustada pela crise e

até setores das camadas mais atrasadas do proletariado que jamais seguiriam o fascismo se tivessem compreendido seu verdadeiro caráter de classe, sua verdadeira natureza.”³

Ora, a crise econômica, o desemprego, a pobreza, a violência e a criminalidade não são obras do diabo, mas resultado da maneira como a sociedade se organiza economicamente. Quando o sistema é capitalista, como no Brasil, somente uma minoria de pessoas, a burguesia pode enriquecer, e consegue isso explorando a força de trabalho da classe operária e demais trabalhadores e utilizando em seu benefício os recursos do Estado. De fato, segundo relatório do banco suíço UBS divulgado no dia 26 de outubro, apenas 42 brasileiros têm uma fortuna de US\$ 176,7 bilhões, enquanto falta trabalho para 27,6 milhões de pessoas, de acordo com o IBGE.

A ausência do trabalho de conscientização

Registre-se também que o PT, durante os 14 anos em que esteve no Palácio do Planalto, em vários governos estaduais e centenas de prefeituras no país, não desenvolveu nenhum trabalho de conscientização do povo, não deixou claro quem realmente lucrava com o crescimento da economia capitalista ou o quanto era prejudicial ao país o capital financeiro dominar o Estado. Na realidade, nesses 14 anos, o PT, bem como o PCdoB, as entidades e os movimentos sociais que dirigem, buscaram ao máximo a conciliação de classes.

Alguns dias antes da eleição, em ato pró-Haddad, no Rio de Janeiro, o cantor e compositor Mano Brown, integrante do grupo Racionais MC's, fez exatamente essa análise: “Se o pessoal daqui falhou, agora vai pagar o preço. Porque a comunicação é a alma, e, se não está falando a língua do povo, vai perder mesmo, certo?!”.

A prática da conspiração

Mesmo após o golpe parlamentar que retirou Dilma da Presidência e entronou Temer, o PT seguiu com sua política de mobilizar e depois frear o movimento. Foi assim quando, durante o ápice das manifestações contra o impeachment, Lula disse que voltaria a adotar a “política do Lulinha paz e amor” e assumiria o Ministério da Casa Civil. Foi assim também durante a greve geral contra as reformas trabalhista e da Previdência, fazendo apenas um dia de paralisação, apesar de toda adesão que teve dos trabalhadores. Houve ainda a decisão de não deflagrar uma nova greve geral, meses depois, contra a reforma da Previdência. Só para citar os casos mais recentes. Enfim, por trás da política de governabilidade, estava o imobilismo das massas e o retrocesso na consciência política.

Ademais, as verdadeiras causas da crise econômica nunca são reveladas pelos grandes meios de comunicação e os partidos revisionistas e socialdemocratas, como o PT hoje se define, preferem vender ilusões de que é possível melhorar a vida do povo mesmo numa economia capitalista. Resultado, os trabalhadores e os pobres não percebem a relação direta que existe entre os problemas econômicos vividos pela sociedade e a violência, e que o mesmo sistema capitalista que concentra a riqueza nas mãos de uns poucos é o sistema que lava o dinheiro do tráfico de drogas nos seus bancos e que os políticos que prometem mais repressão não pretendem reprimir o crime, mas a luta do povo por seus direitos.

Outro elemento decisivo para o capitão reformado conseguir chegar ao segundo turno e ficar em condições de derrotar Fernando Haddad foi a facada que sofreu no dia 6 de setembro durante um evento da sua campanha na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Apesar de estar cercado de seguranças privados, da Polícia Federal e de correligionários, e com toda sua experiência militar, Bolsonaro conseguiu a proeza de ser o único candidato a presidente esfaqueado numa campanha. Estranhamente, a facada provocou no ex-capitão uma cara de dor e de satisfação. A partir desse momento, o candidato, que tinha apenas alguns segundos de propaganda na TV e no rádio, passou a ser o candidato com mais tempo em todos os meios de comunicação. Foram dias inteiros de cobertura midiática da sua cirurgia, da sua transferência de avião para São Paulo, tornando-o mais uma vítima da insegurança e da violência que reina no país. Nada poderia servir melhor ao candidato que tinha como sua principal bandeira a questão da segurança pública do que levar uma facada em plena luz do dia. Todos os demais candidatos declararam trégua ao candidato-vítima e suspenderam suas campanhas. Situação inédita ocorreu: um só candidato fazia campanha enquanto os outros assistiam pela TV seu crescimento na opinião pública. Quem teria motivo para dar essa facada num candidato tão medíocre? Ninguém ousou fazer a pergunta nos programas dos demais candidatos. O homem que conseguiu com salários de capitão e de parlamentar construir, junto com seus filhos, uma fortuna de R\$ 16,5 milhões apenas em imóveis, que tinha funcionária fantasma em seu gabinete e recebia auxílio-moradia, embora possuísse apartamento próprio em Brasília, era inatacável dentro de um hospital.

Lamentavelmente, a campanha do PT passou todo o primeiro turno sem desmascarar Bolsonaro. Não denunciou nenhuma de suas mentiras nem o que realmente representava sua candidatura. A justificativa para tal comportamento é que ninguém sabia que Bolsonaro iria para o segundo turno. Mas não é bem assim. O jornal A Verdade, na edição 209, lançada no início de setembro, já indicava qual o principal inimigo a ser combatido

nas eleições ao estampar a manchete: “Milionário Bolsonaro votou para retirar direitos dos trabalhadores”. (*www.averdade.org.br*)

No segundo turno, a campanha de Haddad decidiu revelar a verdadeira face do ex-capitão, seu compromisso com o capital estrangeiro, a defesa que faz da tortura e sua posição sempre contrária aos direitos dos trabalhadores e dos pobres. Mas tinha menos de 20 dias para a eleição, e nada disse sobre os interesses por trás da prisão de Lula, calou-se diante das acusações de corrupção nos governos do PT e não esclareceu por que ocorreu o crescimento do desemprego no Governo Dilma. Pior, abriu mão de várias das propostas que tinha apresentado, mostrando vacilação em relação ao que realmente defendia para o país.

Foi nesse ambiente que mentiras como “os bandidos matam e são libertados e que os policiais nada podem fazer”, repetidas pelos meios de comunicação, transformou-se em falsas verdades. De fato, o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo: o total de pessoas presas no país chegou a 726.712, em junho de 2016. Em 2002, o número de presos no Brasil era de 239.345 pessoas. Houve um crescimento de quase 500 mil presos, por isso, todos os presídios estão superlotados. Nos últimos dez anos, a Polícia Militar de São Paulo matou 5.000 pessoas e a do Rio de Janeiro, 8.000, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen).

Na realidade, não temos uma campanha de notícias falsas apenas na campanha eleitoral, mas durante os 365 dias do ano, pois assim agem os grandes meios de comunicação visando a inculcar nas massas que o capitalismo é o melhor regime do mundo, que o socialismo fracassou e que a revolução é impossível. Exatamente por isso, nós, os comunistas revolucionários, mantemos com todas as nossas forças, há 19 anos, saindo rigorosamente todos os meses o jornal A Verdade. Gostaríamos que fosse diário ou semanal, mas dispomos de poucos recursos e sabemos que, para manter nossa independência política, temos que andar com nossas próprias pernas.

Fascismo e Forças Armadas

Cabe também registrar o papel ativo e em total desrespeito à Constituição que a alta cúpula das Forças Armadas, em particular o Exército, teve nos últimos anos em prol de um governo militar. De fato, desde que a crise econômica se aprofundou vários chefes militares passaram a dar entrevistas, pronunciamentos e palestras sobre a situação política do país e se colocando como uma alternativa.

Não é à toa, que vários generais que nos últimos anos estavam na ativa, tenham par-

ticipado ativamente da coordenação da campanha de Bolsonaro, como o general Augusto Heleno, seu futuro ministro da Defesa, e que o seu vice-presidente seja exatamente o general Antônio Hamilton Martins Mourão, o mesmo que, conforme denunciou o jornal *A Verdade*, na sua edição de outubro de 2017, nº 199, em palestra, na Loja Maçônica de Brasília, declarou que “Na minha visão, aí a minha visão que coincide com os meus companheiros do Alto Comando do Exército, nós estamos numa situação daquilo que poderíamos lembrar lá da tábua de logaritmos, ‘aproximações sucessivas’. Até chegar o momento em que ou as instituições solucionam o problema político, pela ação do Judiciário, retirando da vida pública esses elementos envolvidos em todos os ilícitos, ou então nós teremos que impor isso”. (Ver *A Verdade*, nº 199).

A história brasileira é cheia de exemplos da intervenção dos altos mandos das Forças Armadas na política brasileira e de vários golpes militares contra a democracia e em favor dos Estados Unidos. O mesmo se passou em maior ou menor grau em vários outros países da América Latina. Na realidade, graças a influência dos Estados Unidos em nosso continente e aos acordos militares que vigoram desde século passado com este país imperialista, termina existindo uma relação de subserviência e de vassalagem de muitos oficiais brasileiros ao Exército dos EUA, que consideram como um exemplo a ser seguido, em que pese ter sofrido duras derrotas no Vietnã e de ter cumprido um papel secundário na Segunda Guerra Mundial, pois, coube ao Exército Vermelho a honra de derrotar e sepultar todo poderoso exército nazista.

Pois bem, também em relação às Forças Armadas a política do PT foi de conciliação, a mesma que adotou em relação aos grandes meios de comunicação. Nada do que foi investigado e provado pela Comissão Nacional da Verdade foi levado à prática. O relatório foi esquecido e não se puniu nenhum dos militares responsáveis pelos assassinatos e as cruéis e bárbaras torturas durante o regime militar. Procedimento totalmente diferente do adotado pelos governos democráticos da Argentina, do Chile e do Uruguai. Fez-se sim ouvido de mercador para que as escolas militares continuassem doutrinando os novos oficiais a odiar o “inimigo interno”, a esquerda, os comunistas e a adorar os Estados Unidos, e que a ditadura militar não cometeu nenhum crime. Mas a verdade é outra. Documento de 1974 liberado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, comprovou que o ex-presidente Ernesto Geisel manteve a política de execuções de pessoas consideradas subversivas pela ditadura. O documento também associa os assassinatos a outro ex-presidente, João Figueiredo, na época, chefe do SNI, o Serviço Nacional de Informações. Não bastasse, entre 2003 e 2014, durante os governos do PT, os Investimentos em Defesa Nacional, tiveram um aumento de 500%.

Por que o pior cego é o que não quer ver

Após o resultado das eleições, vários comentaristas burgueses propagam novas mentiras: o Governo Bolsonaro não será fascista porque foi eleito pelo voto e ele irá respeitar a Constituição e a democracia.

Esquecem esses senhores e senhoras que o fascista e assassino Hitler também foi eleito por parcela significativa do povo alemão. De fato, após a profunda crise econômica de 1929, nas eleições de 1930, o partido nazista obteve 107 lugares no Parlamento. Nas eleições de julho de 1932, os nazistas tornaram-se o maior partido no Reichstag, com 230 lugares. Um ano depois, já com Hitler no poder, o partido nazista eliminou todos outros partidos e implantou o regime nazista na Alemanha. Também os golpistas de 1964, após deporem João Goulart, juraram cumprir a Constituição, mas depois a rasgaram.

Não é preciso ter mestrado em ciência política para compreender que Bolsonaro é um fascista, e da pior espécie de fascista que existe: o fascista covarde e mentiroso. Ele é fascista porque só um fascista diz que fecharia o Congresso Nacional ou orienta seu garoto a dizer que podem facilmente fechar o Supremo Tribunal federal (STF).

Bolsonaro é fascista porque só um fascista não aceita que as pessoas tenham o direito de escolher sua sexualidade, porque quer impor sua velha e apodrecida moral a toda a população brasileira. É fascista porque só um fascista diz que uma mulher merece ser estuprada e não aceita conviver com outras opiniões. É fascista porque só um fascista diz o que ele disse no dia 21 de outubro, uma semana antes da eleição, num vídeo divulgado em atos públicos de seus apoiadores:

“Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria. (...)”

Aguarde. O Haddad vai chegar aí também. Mas não será pra visitá-lo, não. Será pra ficar alguns anos ao teu lado.

Já que vocês se amam tanto, vocês vão apodrecer na cadeia. Porque lugar de bandido que rouba o povo é atrás das grades.

Petralhada, vai tudo vocês pra ponta da praia. Vocês não terão mais vez em nossa pátria porque eu vou cortar todas as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma limpeza nunca visto (sic) na história do Brasil. (...)

Bandidos do MST, bandidos do MTST, as ações de vocês serão tipificadas como ter-

rorismo. Vocês não levarão mais o terror ao campo ou à cidade. Ou vocês se enquadram e se submetem às leis ou vão fazer companhia ao cachaceiro lá em Curitiba.”

Isso é um discurso fascista feito por um fascista, e continuará sendo mesmo que quem o fez tenha tido alguns milhões de votos.

Aliás, como não acreditar que não há uma tentativa de impor o fascismo em nosso país se dias antes da votação vários tribunais ordenam a Polícia invadir universidades para reprimir a liberdade de expressão, apreender cartazes, folhetos ou manifestos que denunciavam o fascismo: Na UFMG, na UFRJ, na Ufersa (Federal do Semi-Árido), na UFCG (Campina Grande) e na Uerj. Até a inscrição: “+livros –armas”, a Polícia retirou da Universidade Estadual da Paraíba, e debates e aulas públicas sobre o fascismo foram proibidos nas Universidades Federais de Grande Dourados e do Rio Grande do Sul.

Se isso não é fascismo, o que é então? Autoritarismo? Despotismo? Violência e tendência para formas autoritárias ou ditatoriais de governo?

O fascismo será derrotado mais uma vez

Agora, o fato de Bolsonaro ser fascista não quer dizer que todos que votaram nele sejam fascistas. Claro que não são! É preciso separar o joio do trigo. Como disse o poeta Mano Brown, trata-se de uma multidão que tem que ser conquistada e só o será com um paciente trabalho na base.

Ele não conseguirá impor o fascismo porque no meio do caminho há um povo que ama a liberdade e sempre lutou por ela. Prova disso, são as amplas manifestações realizadas no dia 29 de setembro e no dia 20 de outubro, bem como a verdade das urnas: 89 milhões se recusaram a votar no milionário que é contra as trabalhadoras domésticas terem carteira assinada.

Além disso, Bolsonaro, como já declarou o banqueiro Paulo Guedes, seu futuro ministro da Economia, quer privatizar todas as estatais. Mas 67% da população brasileira considera que a venda das empresas brasileiras traz mais prejuízos para a nação do que benefícios. A Privatização da Petrobras é rechaçada por 70% dos brasileiros e 78% é contrária à participação do capital estrangeiro na Petrobras e na Amazônia.

O discurso de Bolsonaro de que vai fazer a economia crescer e criar milhões de empregos não passa de um conto da carochinha. A grande burguesia e seus meios de comunicação também disseram que o Governo Temer iria melhorar o país e foi um governo cem vezes pior que o de Dilma. De fato, o desemprego atingiu níveis insuportáveis, vários

direitos dos trabalhadores foram suprimidos e a corrupção cresceu. Somente um ex-ministro do Governo Temer, Geddel Vieira Lima, foi pego com R\$ 50 milhões em malas num apartamento em Salvador.

As mentiras do capitão reformado de que acabará com os bandidos, com a violência e toda sua demagogia reacionária serão desmoralizadas na medida em que seu governo revelar o que realmente é: um governo para favorecer o capital financeiro internacional e nacional, os monopólios capitalistas e os grandes latifundiários. Sua política de traição nacional, de entregar nossas riquezas, nosso território, como a base de Alcântara e a Amazônia aos Estados Unidos e outras potências imperialistas, revelará o traidor da pátria que ele é.

Isso não significa, entretanto, que o governo de Bolsonaro cairá sozinho. Para derubá-lo é necessário um paciente e cotidiano trabalho de conscientização das massas, em particular das massas trabalhadoras. A classe trabalhadora, como sabemos, é a principal classe revolucionária da sociedade, pois é essa classe que produz as riquezas e só ela pode construir o poder popular. Para vencer o fascismo é preciso, portanto, estarmos muito mais presentes nas fábricas e empresas, nas escolas, nas universidades e nos bairros pobres. Também, nessa luta contra o governo fascista de Bolsonaro é fundamental deixarmos de lado qualquer sectarismo, defendermos a unidade para enfraquecer nosso maior inimigo, que tem, no momento, mais força e conta com todo o Estado e meios de comunicação a seu favor.

É verdade que crescerá a repressão, é verdade que ocorreu uma mudança na correlação de forças na sociedade em favor da extrema-direita e da grande burguesia nacional e estrangeira. Mas, como estabelece uma conhecida lei da Física: “A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade”. As lutas populares, operárias e estudantis, portanto, crescerão também.

A juventude estudantil e combativa, com certeza, tomará as ruas contra todo ato repressivo e arbitrário do governo fascista de Bolsonaro e seu plano de destruição da educação pública. As famílias pobres continuarão lutando por seu direito de ter filhos, de criar suas crianças e lutando pelo direito humano de morar dignamente. As massas trabalhadoras, que hoje têm um enorme contingente de desempregados, exigirão seu direito ao trabalho, direito de viver, lutarão, como sempre fizeram, por um salário decente, farão assembleias e organizarão greves para derrotar a feroz exploração dos patrões. Os camponeses não têm saída: se quiserem terem terra para trabalhar, terão que também lutar e enfrentar de cabeça erguida os arroubos autoritários desse governo de mentiras.

Não se trata de sermos aventureiros. Acumulamos forças e construímos, nos últimos dois anos, sem nenhum centavo da burguesia e contando com a abnegação e dedicação irrestrita dos nossos militantes, esse poderoso instrumento que é a Unidade Popular, embora esta batalha ainda não tenha terminado e continua exigindo nossa atenção.

Não há, portanto, motivo para desânimo. Somos herdeiros do sangue derramado por Manoel Lisboa, Emmanuel Bezerra, Manoel Aleixo, de revolucionários que não tremaram diante dos carrascos. Somos herdeiros de Zumbi, de Iara, de Olga Benário Prestes, de Helenira, de Tina Martins, das irmãs Mirabal, de Lênin, de Stálin, do Exército Vermelho, somos herdeiros do comandante Che Guevara, e, como tal, somos companheiros e companheiras de todos aqueles que lutam contra a injustiça em qualquer lugar do mundo. Nossa causa é a causa da libertação do nosso povo de séculos de sofrimento, é a causa do socialismo e do comunismo, é a causa da humanidade que luta para destruir um sistema que mata de fome quase um bilhão de pessoas e provoca guerras imperialistas.

Hoje, somos muito mais fortes e mais organizados do que em qualquer outro momento da nossa história. Se vencermos o espontaneísmo que ainda existe, se superarmos o individualismo que, muitas vezes, leva-nos a ter descompromisso com nossa organização, se desenvolvermos um trabalho ainda maior no seio do povo, e nos integrarmos com ele, o futuro nos pertencerá e a vitória será nossa.

(Publicado em A Verdade nº 211, novembro de 2018)

Notas:

¹Luiz Falcão é redator chefe do Jornal A Verdade e membro do Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário - PCR

²O bilionário Mark Zuckerberg é dono e controla toda rede de Facebook e WhatsApp no mundo. Em 2016, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, mais de 87 milhões de usuários do Facebook tiveram seus dados pessoais vazados pela consultoria britânica Cambridge Analytica para favorecer a campanha online de Donald Trump.

³<https://www.youtube.com/watch?v=Bed-vF5ye6w>

⁴A Unidade Operária contra o fascismo. Edições Manoel Lisboa, 2014

GENERAIS E BANQUEIROS QUEREM UM ESTADO FASCISTA NO BRASIL

Unidade Popular

“Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”

O projeto dos generais e banqueiros é reduzir os salários dos trabalhadores e aumentar o lucro dos grandes capitalistas. O governo que ocupa hoje o Palácio do Planalto, composto por militares de alta patente do Exército e por banqueiros, é um governo que entrega sistematicamente as riquezas do país para a grande burguesia nacional e estrangeira, em particular para o capital financeiro. Faz isso, em primeiro lugar, propiciando que as multinacionais aumentem a extração da mais-valia dos trabalhadores, promovendo a retirada de direitos e a redução dos salários. Em segundo lugar, promove todo tipo de entrega de matérias-primas aos monopólios estrangeiros, como petróleo, água doce, energia, minérios, além de terras férteis e de alimentos. Além disso, fez a entrega da base militar espacial de Alcântara, no Maranhão, para os EUA. É, assim, um governo contra os pobres e a favor dos ricos.

Mesmo antes da pandemia da Covid-19, a política econômica deste governo elevou o desemprego, o subemprego e a fome no país. Para 2020, a taxa de desemprego projetada pela Fundação Getúlio Vargas é de 17,8% em 2020, o que representa 37,3 milhões de seres humanos jogados na rua e que engrossarão o exército de reserva do capital. Bolsonaro, como um cão de guarda que é, vai às ruas pedir o fechamento do Congresso Nacional e leva uma matilha de empresários ao STF para exigir que os trabalhadores continuem sendo explorados, mesmo correndo risco de perderem suas vidas.

Para garantir essa política de exploração no país, os generais trabalham para promover uma ditadura militar no Brasil. Isso é fato. Não há nenhuma divergência séria entre Bolsonaro (um ex-capitão) e os generais no governo, a chamada ala militar. Ambos agem para defender os interesses dos banqueiros e do grande capital. Esse grupo do governo é composto por fascistas subservientes ao imperialismo dos EUA. Seguindo as ordens de Trump, os milicos são assessorados pela CIA e pelo Departamento de Estado dos EUA. É impressionante como as táticas adotadas são similares às praticadas em outros países, inclusive nos próprios EUA. Manifestações fascistas, acampamentos em frente ao Congresso Nacional, ida às ruas para mobilizar uma parcela da burguesia e da pequena burguesia, tudo isso para construir uma base social para apoiar golpes fascistas.

É importante dizer que essa corrente fascista é internacional e tem como principal base de apoio os governos de Trump e de Boris Johnson (Reino Unido). Aqui, os milicianos são apenas uma parte dessa corrente fascista, que se constitui também no Brasil. No entanto, atuam como tropa de choque e promovem táticas antidemocráticas. Mas, perguntamos: por que, sendo bandos armados, não são enquadrados pelas Polícias Militares e Forças Armadas?

Simplesmente porque estes são também fascistas e trabalham diuturnamente pelo golpe militar. De fato, como comprovou o vídeo da reunião ministerial do dia 22 de abril, o governo atual é tão somente um comitê pela implantação de uma ditadura militar fascista em nosso país. Também a nota divulgada no dia 22 de maio pelo general Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), ameaçando a nação com “consequências imprevisíveis”, é uma declaração por escrito de que os fascistas planejam um golpe. É preciso deixar claro ainda que o presidente comanda uma grande milícia no país, na verdade, grupos paramilitares que atuam com a anuência dos generais. São parte dos esquadrões da morte, uma herança da ditadura militar, que matam pobres e negros nas favelas.

Além disso, essa elite militar tem hábitos aristocráticos, comem banquetes servidos com os recursos públicos, espelham-se no império norte-americano e não têm pudor em se submeter ao imperialismo. Afirmaram, muitas vezes, em alto e bom som, que estão fazendo a tática de aproximação indireta e sucessiva, que significa cercar o adversário, retirar espaços e preparar a situação para o golpe final. Os verdadeiros democratas não podem ter ilusão neste Exército, que, além de ser antipatriota, é o herdeiro da ditadura militar de 1964. Foram os pais desses atuais generais que expulsaram das fileiras das Forças Armadas os militares democratas, muitos, inclusive, foram torturados e assassinados. Então, os que estão aí são torturadores ou filhos de torturadores que não escondem até hoje a mágoa contra os comunistas por terem sido retirados do poder em 1985.

Dessa forma, Bolsonaro é apenas uma peça no xadrez. Ele e os generais que estão no governo atuam a serviço do grande capital, em particular do capital financeiro internacional. Essa grande burguesia também não é democrática, pois a própria democracia burguesa nada mais é do que uma democracia para os ricos e uma ditadura para os trabalhadores. Mas agora, diante de um aprofundamento da crise mundial, eles necessitam fortalecer um Estado repressor a seu serviço, demarcar as fronteiras dos seus territórios econômicos e se preparar para a guerra entre os monopólios pelos mercados mundiais, daí defenderem um Estado fascista.

O Estado fascista é mais adequado para eles. Primeiro, porque permite aumentar a repressão contra os trabalhadores, proibindo greves e manifestações. Segundo, porque

desencadearão uma superexploração da mão de obra dos trabalhadores, reduzindo salários e cortando todos os direitos. Só assim poderão realizar a manutenção da taxa de lucro dos seus monopólios e continuar sugando os recursos nacionais com o pagamento de juros ao seu capital. Por tudo isso, dizemos que este governo é um governo de militares e banqueiros que governam para o grande capital e querem agora implementar uma ditadura militar fascista no nosso país.

O governo não será derrubado com flores

Por tudo isso, chamamos a atenção dos verdadeiros democratas e dos trabalhadores para o fato de que esse governo não será derrubado com flores, mas somente com a força do povo nas ruas. Em outras palavras, não será possível encontrar uma saída por meio da conciliação de classes. Alguns companheiros e companheiras de esquerda têm na sua consciência que este governo será tirado do poder numa sessão do Congresso Nacional que aprove um impeachment. Comparam a atual situação com a de Collor ou mesmo a de Dilma.

A atual situação é única em nossa história, portanto, é válido comparar e utilizar a história como aprendizado, mas nunca transplantá-la. O atual governo tem todo o aparato das forças militares apontado contra o Congresso Nacional, contra o STF, além dos cães milicianos que também atuam a seu serviço. Este é um dos motivos para Rodrigo Maia (DEM) não encaminhar nenhum dos mais de 30 pedidos de impeachment que estão em sua mesa. Também, apesar do avanço do processo no STF contra Bolsonaro após a delação do ex-ministro Sérgio Moro, não acreditamos que o Supremo promoverá a saída de Bolsonaro sem anuência dos generais e sem o aval do Congresso.

Assim, os generais seguem sua tática para implantar uma ditadura. Ridiculamente, mandam uma “marombeira” miliciana propagandear a “ucranização” do Brasil, fazendo referência aos protestos fascistas violentos que foram promovidos na Ucrânia para derrubar o governo daquele país com o objetivo de alinhá-lo à União Europeia e à política externa dos EUA.

Na realidade, é cada vez mais nítida a opção preferencial dos altos mandos dos generais pela ditadura, como mostra a nomeação de um general para o Ministério da Saúde e de mais 22 oficiais para ocupar os cargos técnicos do Ministério. Os militares, na verdade, apenas se preparam para o momento de crise aguda que virá, provavelmente na saída da quarentena, e calculam todas as opções possíveis. A opção da saída de Bolsonaro por cima é uma possibilidade, mas não é a mais provável no momento. Além disso, a saída dele e a posse do vice-presidente, general Hamilton Mourão, resultaria no aprofunda-

mento do desgaste dos militares. Um governo de Mourão também não resolveria o problema do povo, pois seria a continuidade deste mesmo desgoverno.

A proposta de um novo plano econômico, chamado de Plano Pró-Brasil, prometendo investimentos públicos e privados em obras de infraestrutura, é uma iniciativa que busca apresentar uma saída “desenvolvimentista”, mas só para inglês ver, pois o próprio general Braga Netto afirmou que o Tesouro não tem dinheiro e o banqueiro Paulo Guedes disse que é preciso realizar as privatizações, inclusive do Banco do Brasil e da Petrobras. Ambos, portanto, querem promover as privatizações e a retirada dos direitos trabalhistas. Trata-se de fracassada tentativa de apresentar que o governo é capaz de dar resposta à crise política e econômica que só se aprofunda.

Só com o povo na rua nossa luta avança

Devemos, pois, chamar todos os trabalhadores e democratas que ainda estão nas fileiras dos demais partidos de esquerda a fazerem uma reflexão profunda e se somarem conosco numa grande frente de luta para derrotarmos o fascismo no Brasil. Uma frente popular e dos trabalhadores é mais do que necessária neste momento, mais importante que buscar alianças com setores da grande burguesia ditos democráticas, mas que não são. Não passa de uma grandiosíssima ilusão imaginar que Doria, do PSDB, e Rodrigo Maia, do DEM, serão grandes aliados contra o fascismo. O que precisamos para enterrar o fascismo é mobilizar a classe trabalhadora.

Devemos entender que temos tempo e podemos aglutinar forças para barrar esse golpe militar. A luta de classes está mais aberta do que nunca e devemos acreditar em nosso povo e na sua capacidade de enfrentar o fascismo. É óbvio que se os militares pretendem fazer uma contrarrevolução é porque também sentem que uma revolução pode esbarrar seu caminho. Lembremos as gigantescas revoltas populares na América Latina, tendo como ápices as rebeliões do Equador e do Chile. A revolta do Equador conquistou grandes vitórias no terreno econômico e quase derrubou o governo de Lenín Moreno. Igualmente, a revolta do Chile derrotou o autoritarismo do governo de direita e manteve por meses as barricadas nas ruas.

No Brasil tivemos as grandiosas jornadas de junho de 2013, que abalaram os governos e conquistaram a redução e o congelamento por mais de um ano das tarifas do transporte coletivo. Esse momento foi de grande aprendizado, colocamos milhões nas ruas nas principais capitais do país. Mais recentemente, tivemos duas greves gerais e, nos últimos dois anos, manifestações massivas da juventude e das mulheres. Sem dúvida

sobram exemplos de que existe uma grande disposição de luta de nosso povo.

Enfrentar a luta de classe é a única saída

Precisamos nos preparar para enfrentar essa luta de classes que está aí. Iniciar com o preparo físico, político e ideológico. Somos trabalhadores conscientes e precisamos transformar essa consciência em determinação. Nosso preparo físico não pode ser tratado secundariamente, pois vamos enfrentar o fascismo cara a cara para derrotá-lo. Organizaremos greves, manifestações, protestos e lutaremos para que culminem em um grande levante popular. Para isso, precisaremos de lideranças fortes e saudáveis para enfrentar essas batalhas que se avizinham.

Como dissemos, a luta contra o fascismo não se dará com flores. Por isso, devemos combater as ilusões institucionais, inclusive em nossas fileiras, e nos preparar para as barricadas e os enfrentamentos de rua. Esta é a luta contra o fascismo, não cabendo vacilações nem conciliações de classe no momento em curso. Devemos organizar desde já os comitês de defesa popular e nos prepararmos para, após a saída da quarentena, estarmos nas ruas defendendo a democracia popular e organizando a autodefesa para derrotar os bandos fascistas.

É claro que, nos últimos dias, ocorreu um enfraquecimento e um isolamento ainda maiores do governo, levando a crescer em diversos setores da sociedade a defesa do impeachment. Porém, também cresceu o desespero dos fascistas. Sem dúvida, como sabemos, a maior parte do alto comando do Exército está intimamente envolvida com o atual governo e sua política antinacional e antipopular.

Desse modo, a campanha pelo impeachment deve ser aproveitada para isolar ainda mais o governo fascista e como mais uma tribuna para desenvolver uma ampla agitação da nossa proposta de uma revolução popular que ponha fim à exploração dos trabalhadores e construa uma pátria soberana e socialista. Nesse sentido, ao lado da bandeira do impeachment, devemos continuar defendendo a palavra de ordem “Fora Bolsonaro! Por um Governo Popular!”. Ela expressa com profundidade qual é o nosso objetivo, que não aceitamos o governo dos banqueiros e dos militares e que lutamos pelo poder popular.

Precisamos explicar isso pacientemente ao nosso povo, dizendo que o fascismo representa o governo dos ricos para os ricos, que quer aumentar a exploração dos trabalhadores e matá-los nas filas dos hospitais. Dizer ainda que só com um governo popular, composto diretamente por trabalhadores e trabalhadoras, conseguiremos tirar o país da crise e garantir emprego digno para todos.

Em particular, devemos fazer uma ampla agitação de quais medidas podem efetivamente pôr fim à crise política, sanitária e econômica em nosso país, isto é, apresentar o programa da UP e as medidas econômicas que defendemos, como o fim das demissões e garantia de emprego para todos os trabalhadores; suspensão do pagamento dos juros da dívida pública; estatização dos bancos; congelamento dos preços de alimentos; nacionalização das nossas riquezas; reforma agrária; direito à memória e à justiça, punição aos torturadores e ditadura militar nunca mais.

E uma linha política realmente popular sempre alcançará resultados. Vejamos o exemplo do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), que têm realizado, há quase três meses, grandes brigadas de solidariedade aos trabalhadores e trabalhadoras mais pobres, fazendo nesse processo também um trabalho de conscientização.

Os painéis puxados pela UP também se constituíram em importantes protestos na quarentena. Já realizamos três painéis nas favelas, sempre com adesão crescente. Agora faremos mais um painel unificado com toda a esquerda e os movimentos sociais, que decidiram se somar a esta forma de protesto nos bairros populares. Realizamos ainda greves no telemarketing, na limpeza urbana, construção civil e petroleiros, só para citar alguns exemplos. Agora se iniciaram importantes protestos de trabalhadores da área da saúde, aos quais devemos dar grande apoio e solidariedade.

Vamos, assim, pavimentar um caminho para, na saída da quarentena, irmos às ruas com todas as nossas forças. Não temos dúvidas de que o nosso povo vai responder tudo isso a altura. Sairemos dos becos e vielas, desceremos morros e ocuparemos as ruas do nosso país. Seremos milhões e faremos valer o verdadeiro poder popular. Iremos às ruas com nossas panelas vazias, repletas de ódio contra a exploração e a opressão. Defendemos a vida, a paz e o socialismo como a alternativa mais humana para a sociedade. Pois, somente com o socialismo, podemos ter fartura para todos os povos, abolir as ameaças de guerra e destruir todas as opressões.

Chamamos todos os trabalhadores e trabalhadoras, democratas e revolucionários a cerrarmos fileiras e enfrentarmos o fascismo enquanto ainda é tempo. Vamos derrotar os milicianos e o governo fascista de Bolsonaro e construir um Brasil sem exploração e opressão dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Brasil, 26 de maio de 2020

Executiva Nacional da UP

NOSSA LUTA PARA DERROTAR O GOVERNO FASCISTA EM MEIO AO AVANÇO DAS CONTRADIÇÕES IMPERIALISTAS

Wanderson Pinheiro e Leonardo Péricles¹

1 – O Brasil e a questão internacional

O chamado neoliberalismo se aprofundou no Brasil nos anos 1990, primeiro no Governo Collor e depois durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso. Na verdade, tratou-se de uma maior submissão das economias nacionais com abertura dos mercados, iniciada no Chile e na Argentina, diante de um crescimento da exportação de capitais e maior domínio do capital financeiro internacional sobre as economias nacionais latino-americanas. Foi um período de ampla hegemonia dos EUA, encoberto sob o discurso da globalização.

A queda brusca dos impostos de importação e exportação, o fim do controle de capital e a isenção de impostos para a sua movimentação, a adoção de uma política cambial ancorada no dólar, o achatamento salarial dos trabalhadores e a privatização das principais empresas estatais foram as medidas centrais que tiveram consequências estruturais perversas para a economia nacional.

No entanto, o que se desenvolve de fato são as características do imperialismo capitalista, com o aprofundamento da financeirização do capital monopolista e uma gigantesca exportação de capitais por diversas vias. O capital se expande permanentemente, destruindo as economias nacionais, promovendo o desemprego e a redução salarial, para extrair mais-valia extraordinária e, assim, buscar manter sua taxa de lucro. Neste sentido, falar apenas contra o neoliberalismo e aceitar o capitalismo é propor aceitar a exploração dos trabalhadores, a manutenção da escravidão assalariada e sua expressão política, a democracia burguesa.

Além da política neoliberal praticada pelo imperialismo dos EUA, sofremos uma ação neocolonialista brutal, com a “elite nacional” sendo subornada e praticando a corrupção. Este fato foi evidenciado no processo de privatização, tendo boa parte dos recursos sido desviada para o “caixa 2” das campanhas eleitorais de 1998, mantendo FHC no governo.

Outro objeto de controle da nação foi a dívida pública. Com o aumento dos juros

para conter a inflação, os novos financiamentos recebidos do FMI aumentaram em muito as dívidas externa e interna, ampliando a dependência do Brasil ao capital financeiro dos EUA. A abertura financeira ocasionou ainda o aumento da dívida interna, pois era extremamente favorável para o capital financeiro especular com a alta de juros (a taxa Selic atingiu 45,67% ao ano, em 1997), com controle do câmbio e livre movimentação de capitais.

Resumindo: ocorria uma espoliação financeira terrível devido à política de total submissão às ordens do dito “Consenso de Washington” praticada pelo governo brasileiro.

Essa abertura gerou também a quebra de milhares de empresas nacionais. As pequenas e médias empresas foram as mais atingidas, mas também grandes empresas foram à falência, iniciando o processo de desindustrialização nacional. Porém, um setor com maior acúmulo de capital, a grande burguesia interna, que fez o acordo com a burguesia estadunidense, teve lucros crescentes e caminhou para expandir seus negócios para o exterior. Setores como o do agronegócio, da construção civil e dos frigoríficos, tornaram-se grandes empresas internacionais e, a partir desse acordo, passaram a expandir-se para a região do Mercosul.

Outros setores foram se associando ao capital estrangeiro, seja na aquisição das importantes empresas estatais que foram privatizadas (setores de minério, siderúrgico, energia, etc.) ou de indústrias e serviços privados para o investimento dos capitais internacionais. Tornaram-se, assim, um setor submisso ao capital internacional e aos ditames da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Entre os anos de 2003 a 2010, vivenciamos o Governo Lula e, de 2011 a meados de 2016, o Governo Dilma. Foi um período de hegemonia petista, considerado por alguns como desenvolvimentista ou neodesenvolvimentista, mas teve como base a diversificação da dependência nacional, principalmente em relação ao crescimento das exportações para a China, pautado também pelo investimento público feito nas empresas públicas e privadas, e pela ampliação do consumo da população com base numa grande oferta de crédito.

Esse processo de consumo levou a um relativo desenvolvimento da indústria naval, da construção civil, do agronegócio e da pecuária, propiciando o crescimento do lucro da grande burguesia e do capital financeiro. Porém, sendo um desenvolvimento com base no crescente endividamento e submetido aos interesses da grande burguesia nacional e mundial, terminou por esgotar-se com o aprofundamento da crise do capitalismo mundial.

Na verdade, o governo praticou uma política neodesenvolvimentista, mas manteve a hegemonia do capital financeiro, aprovando leis em seu benefício, como a lei de garantia de empréstimos com descontos em folha. A “Carta aos Brasileiros”, no início do primeiro mandato de Lula, foi, no fundamental, uma mensagem ao mercado financeiro internacional em que o presidente se comprometia a manter todos os acordos anteriores, não mexer no processo das privatizações, manter o controle da inflação, garantir o pagamento da dívida pública com altos juros e ampliar seus benefícios. Isso significou, na prática, a manutenção da política neoliberal.

Além de não ter revogado nenhuma das corruptas privatizações do Governo FHC, o PT realizou novas: privatizou portos, aeroportos e rodovias, além de fazer leilões de campos de petróleo para empresas estrangeiras. Porém, com o pré-sal (considerado o bilhete premiado), alterou o regime de exploração, mantendo os leilões em outros termos. Assim, a Petrobras foi um poderoso instrumento para desenvolver a política neodesenvolvimentista, promovendo investimentos em refinarias e alavancando a indústria naval brasileira e a construção civil. No entanto, o PT não reverteu a abertura de capital da Petrobras e esta permaneceu influenciada pesadamente pelos acionistas internacionais e pelo mercado.

A crise da era petista se iniciou em 2014, no final do primeiro Governo Dilma. A crise econômica chegou ao Brasil e ficou evidente que a política neodesenvolvimentista não conseguiu resolver os problemas estruturais do país, principalmente por não suspender o pagamento dos juros da dívida pública e manter a espoliação do capital financeiro e a dependência em relação ao agronegócio. Por outro lado, a relação com a China, que trouxe a ampliação da venda de commodities a níveis altos e a abertura para importação de produtos de toda ordem, gerou uma maior desindustrialização e dependência do setor externo. Essa troca desigual trouxe enormes benefícios para a grande burguesia do agronegócio, da mineração, da pecuária, da construção civil, etc., mas, como sempre, bastou uma oscilação do mercado internacional para tudo ir abaixo.

Realmente, a crise mundial se aprofundou com reduções seguidas de crescimento da economia chinesa. A China, mesmo possuindo enormes monopólios e rivalizando o comércio internacional com os EUA, não ficou de fora da nova crise de superprodução relativa que dificultou a realização de seu capital mundialmente. É importante notar que essa crise e a disputa de mercados continuam a se desenvolver, ameaçando agora entrar num período mais profundo, como afirmou recentemente a OMC. Sem ter como exportar mais mercadorias e com o super acúmulo de capital, a China avança a financeirização da sua economia.

Vejamos o que se sucedeu de 2007 a 2015. A China chegou a crescer 13%, em 2007, e o mercado de commodities brasileiro teve uma alta considerável. Em 2010, a China teve mais uma queda no seu PIB para 10,4%. Em 2015, relatório do FMI dizia que a China diminuiria o crescimento para 6,8%, a menor taxa anual do país dos últimos 25 anos. A queda da economia brasileira foi quase automática. Dilma Rousseff, que tomou posse para o segundo mandato no dia 1º de janeiro de 2015, permaneceu no posto apenas um ano e meio.

A crise ocasionada pela redução da produção da China fez cair enormemente o preço das commodities e reduziu os lucros da grande burguesia. Sendo pragmática, a burguesia, que há pouco havia colocado o gorro “comunista” na cabeça para adular o imperialismo chinês, pulou do barco e abandonou Dilma, definitivamente afastada do cargo em agosto de 2016.

O impeachment de Dilma teve ainda um elemento geopolítico. Os EUA usaram todo o seu poder para manter o país como sua área de influência, pois, mesmo sabendo que o PT atendia ao capital financeiro e pagava religiosamente a dívida pública, o avanço da crise do capitalismo mundial exigia ainda mais submissão. Vale salientar que a UP, ao mesmo tempo em que estava em processo de construção, esteve nas ruas lutando e denunciando este golpe.

Da mesma maneira, resistindo à quebra da sua hegemonia em nível internacional, os EUA lançaram o Tratado Transpacífico (TPP), que tinha como objetivo enfraquecer a China. Porém, após a eleição de Trump, os EUA se retiraram do TPP e adotaram como tática acordos bilaterais. Depois, abriram uma guerra comercial direta com a China, levantando barreiras às mercadorias chinesas, o que dura até hoje.

Assim, os EUA intervieram no Brasil com o objetivo de retirar o PT do governo para garantirem no poder um aliado subserviente. Financiaram e corromperam o judiciário brasileiro, apoiaram a fabricação da “Operação Lava-Jato”, que levou Lula à cadeia e promoveu a eleição de Bolsonaro. Da mesma maneira, os EUA disputam a Venezuela, com ações de bloqueio econômico e ameaça de invasão, e a Bolívia, onde promoveram um golpe fascista. Aparentemente, existe uma disputa entre forças reformistas liberais e o neoliberalismo fascista no continente, que tem como pano de fundo as disputas entre as duas propostas para conduzir o mundo capitalista.

Também era importante para os EUA ter o Brasil, principal país da América do Sul, como sua área de influência estratégica. Tendo como objetivo central na América Latina

a derrubada do Governo Maduro e não obtendo sucesso pela via “pacífica”, intensificou o bloqueio econômico e buscou envolver o Brasil e a Colômbia numa aventura imperialista contra a Venezuela. Trata-se claramente de uma estratégia neocolonialista, que visa a usar tropas de outros países, mas mantendo o objetivo de conquista e ainda lucrando com a guerra.

A China é hoje a segunda potência econômica mundial e busca acumular forças na disputa pela hegemonia no planeta, fato que leva ao acirramento de contradições imperialistas. Antes apenas exportadora de manufaturas, a China está alcançando o mais elevado grau de tecnologia, uma enorme acumulação de capital e intensificando a fase de exportação de capitais. No momento, essa exportação ocorre por meio do financiamento de infraestrutura nos países em desenvolvimento, investimentos financeiros, compra de títulos do Tesouro estadunidense, empréstimos e investimento direto.

O processo de exportação de capitais parece ser a ponte para uma defesa militar das áreas de influência econômica. Por isso, a China tem hoje o segundo maior gasto militar do planeta e já instala bases militares internacionais, sendo que a primeira foi estabelecida na África. Na América Latina, a China tem grandes investimentos, sendo o principal parceiro comercial de diversos países, inclusive do Brasil. Por isso, investem pesadamente em grandes porta-aviões, jatos, armas nucleares, e já superam os Estados Unidos em alguns aspectos tecnológicos.

Para termos uma noção, o país asiático investiu no Brasil, do ano de 2007 a 2018, US\$ 57,9 bilhões em 145 projetos voltados principalmente para o setor de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica. Os investimentos, no último ano, foram especialmente diretos, sendo 50% realizados em empresas construídas a partir do zero. Mas 42% foram investimentos em fusões e aquisições. Segundo o embaixador da China no Brasil, Yang Wanming, a China está aumentando a abertura do setor financeiro, de serviços, da agricultura, mineração e manufatura. Estima-se que o investimento chinês no próximo ano ultrapasse os US\$ 10 bilhões.

A China mantém os investimentos mesmo no Governo Bolsonaro e, embora reaja às declarações do filho dele de forma dura, o pragmatismo do capitalismo chinês projeta grandes investimentos nas áreas de a) energia, da ordem de R\$ 24,7 bilhões em quatro projetos (hidroelétrica, termonuclear e transmissão); b) ferrovias, R\$ 29,1 bilhões em quatro projetos (2.800 km); c) óleo e gás, R\$ 117,5 bilhões em quatro projetos; d) portos, com R\$ 5,9 bilhões em 16 projetos; e) aeroportos, R\$ 2,1 bilhões em dois projetos.

Por outro lado, embora Trump afirme que apoia Bolsonaro e ambos troquem elogios ideológicos em público, os EUA não fazem nada do ponto de vista financeiro para apoiar o governo brasileiro. O investimento dos EUA no Brasil foi pequeno em 2019: o valor foi de US\$ 2,2 bilhões, menor que o de 2017, quando o montante correspondeu a US\$ 2,9 bilhões. Os compromissos firmados se restringiram a acordos antinacionais e militares, como a entrega da Base Espacial de Alcântara, no Maranhão, e um acordo que transforma o Brasil numa força auxiliar do Comando Sul dos EUA, tornando-se um aliado extrarregional da OTAN. Ou seja, um acordo militar subserviente, que coloca o Brasil como mais uma base de operação militar dos EUA na região.

Como vemos, Bolsonaro segue cegamente o imperialismo norte-americano, pois, como fascista que é, em um país de economia altamente dependente e submissa como é o Brasil, seguirá a linha fascista de Trump para apoiar-se internacionalmente no império dos EUA. Bolsonaro é um representante da grande burguesia² e dos militares fascistas, que se declaram abertamente submissos ao capital estadunidense, não possuindo sequer um verniz de nacionalismo.

2 – Desenvolver a consciência das massas populares, aumentar o isolamento de Bolsonaro e criar as condições para derrubar o governo

Diante da crise do coronavírus e da projeção de uma crise econômica mais profunda nos próximos meses, setores da própria burguesia (como evidenciou editorial recente do Financial Times) falam que os governos devem ajudar a economia promovendo investimentos e renda para os mais pobres, ou seja, praticar uma política antiliberal para ajudar a cobrir os prejuízos da própria burguesia. Bolsonaro, no entanto, insiste em manter o arrocho salarial, cortar salário dos servidores e seguir a retirada de direitos a ferro e fogo. Assim, quer ser mais realista que o rei e promover a política neoliberal dos banqueiros e do capital financeiro estadunidense a todo custo.

Por tudo que fez desde o início do governo, como retirada de direitos dos trabalhadores, congelamento dos salários, desemprego e venda do patrimônio público, Bolsonaro tem um enorme desgaste, que tende a crescer com o aprofundamento da crise do coronavírus e a demissão de Luiz Henrique Mandetta do Ministério da Saúde. As mortes que se multiplicam evidenciam que a retirada dos recursos públicos da saúde foi um crime de lesa-humanidade. Também a insistência de Bolsonaro contra o isolamento social e de que a Covid-19 é apenas um “resfriadinho” trarão consequências desastrosas para a população. Hoje já temos quase 70% da população contra esse governo.

Porém, não vivemos em uma democracia popular, em que a maioria do povo é que decide. Vivemos debaixo de um governo de fascistas que tem como principais ministros gerais da ativa e da reserva. Também é um governo que representa os interesses da grande burguesia, que é uma ínfima minoria da sociedade e, por isso, teme o movimento operário e popular e tende ao fascismo, principalmente em momentos de crise.

Portanto, não devemos subestimar a possibilidade do atual governo, sob o pretexto de o país viver uma calamidade pública, promover um golpe e decretar um estado de sítio. Para isso, os fascistas não precisam de apoio da maioria da população, basta contar com apoio das Forças Armadas e de uma parcela reduzida da população disposta a ir às ruas nos seus luxuosos carros. Lembremos ainda que o governo dos EUA, aliado de Bolsonaro, pratica uma política fascista que impulsiona correntes desta natureza na Europa e na América Latina.

Em almoço realizado na sede da FIESP, no último dia 03 de fevereiro, para os 250 maiores industriais de São Paulo, com a presença de Bolsonaro, o presidente da entidade, Paulo Skaf, afirmou que “O Brasil não está dando certo. O Brasil já deu certo”, declarando, assim, o apoio da grande burguesia ao fascista. Este apoio é firmado especialmente na política de Paulo Guedes, que promoveu a reforma trabalhista, a reforma da Previdência e dá continuidade, em meio à crise do coronavírus, a propostas como a Carteira de Trabalho Verde e Amarela e a retirada de direitos dos servidores públicos. Assim, o apoio ao fascista está condicionado à agenda de retirada de direitos que assegure a maior extração de mais-valia dos trabalhadores.

O fascista também tem o apoio da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA), representada por João Martins, que também é parte da minoria dos exploradores e representa a grande burguesia agrária. Em setembro de 2019, momento em que Bolsonaro fez um ridículo discurso na ONU exaltando a ditadura militar de 1964, Martins afirmou que Bolsonaro o representou, fazendo excelente discurso: “Defendeu a soberania nacional, esclareceu equívocos sobre a Amazônia e ressaltou o importante papel do Brasil na produção mundial de alimentos e na preservação do meio ambiente. Também afastou a tese de que o governo está colocando o mundo contra o agro brasileiro, defendendo não apenas o setor, mas toda a nação”.

Vale lembrar que esse foi o momento em que a Amazônia estava em chamas e que o agronegócio foi um dos principais responsáveis por este crime contra a natureza. Mas vejamos que, apesar da reafirmação do apoio da grande burguesia, os meses vão se passando e fica evidente a cada dia que o governo Bolsonaro vem se enfraquecendo e

perdendo apoio popular. Porém, será defendido para que fique no poder por essa minoria enquanto for útil para a grande burguesia.

Nesse momento, apresentam-se algumas propostas políticas para retirada de Bolsonaro da presidência. O impeachment é uma delas. No entanto, com um Congresso Nacional altamente reacionário e antipopular como o atual, a única forma de forçar o impeachment seria a realização de grandes manifestações nas ruas. Mas, no momento, devido ao crescimento do número de mortes pela Covid-19, esta possibilidade não é viável. Desse modo, apostar que um Congresso Nacional que aprova leis contra os trabalhadores vai aprovar o impeachment sem o povo nas ruas é ignorar o papel das massas na luta política e propagar ilusões parlamentaristas.

Outra proposta apresentada é apelar para que Bolsonaro, que faz planos para governar 20 anos, renuncie. É como pedir para o diabo virar anjo. Alguns desses setores chegam até mesmo a afirmar que o general Mourão seria um “mal menor”. Esse é o caso do governador do Maranhão, Flávio Dino, do PCdoB: “Claro que Mourão não é do meu campo ideológico. Mas, se Bolsonaro entregar o governo para ele, o Brasil chegará em 2022 em melhores condições”.

Trata-se de um ledão engano e demonstra uma gigantesca ilusão de classes, uma total traição ao povo e sua história. Mourão é um general, representante ainda mais direto dos interesses do setor ultraconservador e fascista das Forças Armadas. Como Bolsonaro, Mourão defende a tortura, tenta falsificar a história escondendo os crimes cometidos pelas Forças Armadas e pela grande burguesia durante a Ditadura Militar, sendo, portanto, um defensor do aumento da repressão contra o povo e a classe trabalhadora.

Dessa maneira, nossa tática de aprofundar o desgaste deste governo, manter e impulsionar a palavra de ordem “FORA BOLSONARO! POR UM GOVERNO POPULAR!” é, sem dúvida, a mais correta. Primeiro, porque é a palavra de ordem que está na boca do povo. Foi gritada por milhares de mulheres de todas as correntes políticas no 8 de março, sendo esta a última manifestação nacional contra o fascismo. Segundo, taticamente, no momento de avanço da pandemia do coronavírus em que nos encontramos, devemos ter como principal atuação a solidariedade aos trabalhadores e trabalhadoras para enfrentar essa barbárie nas periferias e denunciar o caráter antidemocrático e antipopular do governo. Terceiro, devemos ampliar os painéis nas periferias, sendo esta uma forma de protesto importante, criada no fogo da batalha e capaz de desgastar o governo, dialogando com a consciência da classe trabalhadora, dizendo que o governo com sua política aumenta a fome e a miséria e só governa em prol da classe rica e dos EUA.

Assim, prepararemos o terreno para derrubar o Governo Bolsonaro pelas mãos do povo e fortaleceremos uma alternativa popular para o desfecho dessa crise, qual seja, a construção de um poder popular e do socialismo, única saída verdadeira para termos um país livre e independente. Da mesma forma, romperemos com as ilusões do reformismo e da pequena burguesia de que derrotarão o fascismo no âmbito institucional promovendo um impeachment ou mesmo pedindo, por favor, para que Bolsonaro renuncie.

3 – Derrotar o imperialismo capitalista é uma tarefa fundamental

Precisamos ter a consciência de que enfrentamos o fascismo internacionalmente. Por isso, a classe trabalhadora, em nível mundial, é nossa principal aliada na luta contra os imperialismos e pelo socialismo. Não basta levantar a bandeira contra a política neoliberal e passar a defender o neodesenvolvimentismo, pois o capitalismo é brutal em todas suas formas e tem como único objetivo despejar a crise nas costas da classe trabalhadora.

O capitalismo desenvolvimentista não é alternativa ao neoliberalismo, pois ambos são exploradores da mais-valia dos trabalhadores. Nosso objetivo deve ser destruir o capitalismo, e não apenas a política neoliberal dos EUA. Os neodesenvolvimentistas cumprem o papel de abrir caminho ao fascismo e são a outra face da moeda do capitalismo.

Prova disso foi o que ocorreu na Segunda Guerra Mundial, quando os EUA e a Inglaterra, tidos como democratas naquele período, deixaram a chama nazifascista bater-se contra a pátria socialista, só dando apoio na Frente Oriental depois de perceberem que a URSS sairia vitoriosa, e com grande chance de que seriam também vítimas do nazismo.

Quem é socialista e comunista tem como principal obrigação defender a classe trabalhadora e defender seus interesses presentes e futuros. Portanto, devemos trabalhar em nível internacional para que a classe trabalhadora não seja levada a uma luta interimperialista, mas que lute por sua libertação, pois, como internacionalistas que somos, fazemos parte do mesmo exército do mundial do proletariado.

Os trabalhadores e o povo da Venezuela estão na linha de tiro do imperialismo estadunidense, portanto, nossa solidariedade aos venezuelanos e nossas ações principais devem ser no sentido de derrotar esse imperialismo fascista e expulsá-lo da América Latina. Apoiamos, como internacionalistas, a classe trabalhadora que luta contra o imperialismo, mas que também luta pelo socialismo. Defendemos que esta classe possa, no processo revolucionário em curso, tomar consciência e declarar o caráter socialista da revolução. Não podemos aceitar sermos instrumento nem do imperialismo dos EUA, nem do imperialismo chinês e russo, uma vez que estes investem financeiramente na Ve-

nezuela, visando a mantê-la como área de influência econômica e geopolítica, gerando, de fato, igual dependência e exploração para os trabalhadores.

A revolução socialista é a única forma de derrotar definitivamente o imperialismo e a exploração dos trabalhadores. Essa luta é a luta do presente, atual e estratégica para a classe trabalhadora. Quem pensa o contrário, não faz mais que defender a manutenção da exploração do homem ou considerar este objetivo algo utópico. Para que os trabalhadores possam decidir seu destino e sua autodeterminação é fundamental fazer uma revolução proletária.

Trabalhadores e trabalhadoras de todo o mundo, uni-vos!

Notas:

¹Membros do Diretório Nacional da Unidade Popular (UP)

²Apesar das visíveis disputas políticas de Bolsonaro com outros representantes da grande burguesia, como Dória e a Globo, no fundamental, não divergem quando se trata de aumentar a exploração sobre a classe trabalhadora e a retirada de direitos – como vimos no caso da Reforma da Previdência, da PEC dos Gastos e no Pagamento da Dívida Pública, dentre outras medidas antipopulares.

O QUE É O BOLSONARISMO E COMO DERROTÁ-LO

Magno Francisco da Silva¹

A história do fascismo no século XX traz um conjunto de ensinamentos que nos permite compreender o que representa o bolsonarismo. Ainda há quem hesite em caracterizar Bolsonaro e os militantes bolsonaristas como um movimento fascista, classificando-os como “loucos” ou apenas antidemocráticos. Trata-se de um grave erro de análise, que impede o estabelecimento de uma tática correta contra a face mais reacionária da burguesia e do decadente sistema capitalista.

A primeira questão a ser compreendida é que o fascismo é um fenômeno internacional. Sua origem, no caso, o seu ressurgimento, está totalmente relacionado com a crise do modo de produção capitalista e a desmoralização de suas democracias liberais. A burguesia dos países imperialistas, em consonância com seus sócios de classe dos países com economias dependentes, necessita radicalizar a extração de mais-valia do proletariado mundial para manter as suas elevadas taxas de lucro, apesar do caos constante inerente a natureza do próprio capitalismo, gerando ainda mais desemprego, miséria e deterioração das condições de trabalho.

Descontentamento, revoltas, greves, mobilizações e possibilidades de revoluções decorrem como consequência do enfrentamento da classe trabalhadora contra as medidas de decomposição da sua condição de vida. Em momentos assim, a burguesia tira da manga a carta fascista, forjando governos altamente repressivos e ditatoriais com o objetivo de sufocar qualquer possibilidade de resistência e transformação, estabelecendo por meio da violência uma falsa paz, a garantia dos seus interesses e a sobrevivência do modo de produção capitalista.

Com efeito, essa é a síntese da situação internacional desde 2008, marco da atual crise do modo de produção capitalista. Imersos na decadência social, a população dos mais diversos países vai perdendo a crença na democracia liberal, decorrente da incapacidade dos partidos tradicionais da direita e dos partidos reformistas da esquerda oferecerem saídas plausíveis para a situação de vulnerabilidade da classe trabalhadora.

No caso dos partidos de direita e de seus políticos não se espera absolutamente nada a favor da classe trabalhadora, por isso é tão nefasto o papel desempenhado pela esquer-

da reformista e sua política de conciliação entre burgueses e proletários, inclusive implementando as medidas de retiradas de direitos dos trabalhadores, fazendo o jogo sujo da burguesia. É importante destacar que essa descrença se estabelece também pela desmoralização derivada do jogo sujo da corrupção, das gorjetas em arapucas que a própria burguesia cria na disputa de suas frações pelo poder.

Esse é o caso do Partido dos Trabalhadores, apesar de governar o Brasil durante 13 anos, em nenhum momento enfrentou a burguesia, muito pelo contrário, se comprometeu a não alterar nada da estrutura econômica do país e do Estado, fez alianças com partidos de direita, fortalecendo-os, adotou um profundo recuo do seu programa político original, realizou privatizações, cortou investimentos nas áreas sociais para pagar a dívida pública, gerou lucros recordes aos bancos e retirou direitos dos trabalhadores no momento que eles mais necessitavam.

Não bastasse, o PT e outras forças reformistas e liberais, que dirigem as centrais sindicais, levaram a classe trabalhadora a desconfiança ao convocar greves gerais e trair os interesses populares com acordos com a burguesia para que tudo se resolvesse após as eleições de 2018, o que ocasionou derrotas profundas. É o caso da luta contra a Reforma da Previdência. Após as traições das centrais sindicais nas Greves Gerais de 2017, a Reforma foi aprovada em 2019 sem sequer um apito na porta do Congresso Nacional.

Assim, no Brasil e em todos os países onde o fascismo vem ganhando força, apresenta-se essa configuração: caos social, falência da democracia liberal e seus partidos, desmoralização da esquerda reformista.

Esse quadro demonstra que o crescimento do fascismo é resultado da incapacidade conjuntural do proletariado resolver a crise econômica do capitalismo pela conquista do poder. Assim, em que pese a baixa condição de intervenção social dos partidos e movimentos revolucionários no mundo (bem diferente da situação do século XX, que apesar das vacilações apresentava uma esquerda revolucionária mais forte) a burguesia estabelece através do fortalecimento do fascismo contrarrevoluções preventivas.

O bolsonarismo é a expressão atual do fascismo brasileiro. Uma corrente política que encarna a função de cão de guarda dos interesses do capital financeiro e da burguesia imperialista. Trata-se de um instrumento para dar sobrevida ao capitalismo em meio a desintegração do estado liberal e a decadência econômica.

Tal como na trajetória do fascismo no século XX, o bolsonarismo aproveita-se da situação de miséria crescente para adotar um discurso antissistema, fundamenta sua ideo-

logia na tese de que a Nação e o Estado estão acima de todos, ou seja, mascarando os interesses diametralmente opostos entre trabalhadores e patrões, recorrendo a repressão sexual e ratificando os valores da falida família nuclear monogâmica, da sociedade patriarcal e da religião. Dito de outro modo, o bolsonarismo, vende a ideia de que os problemas do país resultam da luta de classes, do liberalismo sexual e da falta de Deus. Numa sociedade onde os valores morais conservadores são constantemente difundidos por intermédio da família e da religião (no último período, com mais força os neopen-tecostais), a pavimentação do caminho está feita para que o bolsonarismo adquira um caráter de massas.

Mas o fascismo brasileiro, o bolsonarismo, tem suas particularidades. O discurso nacionalista difundido pelos fascistas das grandes potências econômicas, que tem como meta disfarçar o militarismo e os objetivos imperialistas com a tese da suposta ameaça estrangeira e seus agentes nacionais, é reconfigurado no Brasil para escancarar a submissão aos interesses internacionais do imperialismo estadunidense tanto no plano econômico, como no plano militar.

Bolsonaro e os bolsonaristas afirmam que a nação está ameaçada por um perigo vermelho internacional e a saída é ser completamente submisso aos interesses dos Estados Unidos. Expressão disso: Bolsonaro, presta continência a bandeira estadunidense, faz acordos que subordinam o exército brasileiro, entregou a base de Alcântara para o comando dos EUA, e coloca o Brasil como bucha de canhão dos interesses de Trump em agredir os países da América Latina, como é o caso da Venezuela.

Esse suposto inimigo internacional que ameaça o Brasil é apresentado na ideologia bolsonarista como uma força difusa que está em todo o lugar. Seria o marxismo cultural, que supostamente teria ocupado as escolas, os meios de comunicação, o Congresso, o Superior Tribunal Federal, a ONU e contaminado a todos que contrariam as teses dos fascistas. Nesse caso, nada de novo, pois nos anos 20 e 30 do século passado, o fascismo inventou a mesma ladainha com o chamado bolchevismo cultural. Cumpre papel importante na retomada ideológica do fascismo, Steve Bennon, o Goebbels da atualidade.

Com esse tipo de mentira, Bolsonaro e os bolsonaristas alimentam o seu discurso radical, defendendo abertamente a implementação de uma Ditadura Militar. Se efetivamente houvesse uma democracia liberal no Brasil, Bolsonaro e os bolsonaristas estariam presos, pois a própria constituição brasileira proíbe a propaganda de regimes ditatoriais. Todavia, como em toda a história do fascismo no século XX, o estado liberal e seus agentes sempre foram complacentes com o fascismo e permitiram o seu desenvolvimento.

Como o Brasil é uma economia dependente do capital internacional, diferente do fascismo que se desenvolve nas principais potências econômicas, o bolsonarismo, que representa o setor mais entreguista da burguesia brasileira, adota um programa econômico de desindustrialização, desnacionalização da economia e radicalização do neoliberalismo, aprofundando a financeirização da economia para agradar os banqueiros.

O bolsonarismo, expressão do fascismo brasileiro, não pode ser subestimado, todavia, também não pode ser superestimado. É verdade que entre 30 a 35 por cento da população identifica-se com Bolsonaro. Porém, isso também indica que entre 65 e 70 por cento estão do lado oposto. Esse é um dado fundamental, pois o bolsonarismo tenta transmitir a imagem que representa a maioria do povo brasileiro e isso definitivamente é falso.

Bolsonaro sabe, apesar de contar com o apoio de generais, da burguesia e de grandes meios de comunicação, que ainda não tem força para implementar um golpe de estado, pois além de não ter a maioria do povo, também tem se revelado incapaz de unificar o campo da direita. Para saciar o potencial violento dos seus seguidores e esconder a sua ineficácia em cumprir suas promessas de campanha, Bolsonaro alimenta a necessidade constante do confronto, provocando disputas por espaço no Estado.

Em pouco mais de 500 dias de governo, doze ministros já caíram, o que demonstra a decomposição da força bolsonarista na administração do país. Cabe ainda lembrar que mesmo na condição de presidente da República, Bolsonaro foi capaz de perder o controle do Partido Social Liberal, seu antigo partido, ficando sem fundo partidário e vendo se reduzir sua base no Congresso Nacional.

Dessa forma, para tentar ganhar força, conforme toda história do fascismo, Bolsonaro tenta criar seu próprio partido, o Aliança Brasil, que para simbolizar sua política da morte, identifica-se com o número 38. Bolsonaro também sabe que para conseguir êxito político precisa estimular mais e mais a violência dos seus seguidores, não sendo suficiente contar com as forças armadas regulares do Estado. Por conta disso, mantém e aprofunda sua relação com as milícias. O que Bolsonaro quer é estimular a formação de agrupamentos paramilitares clandestinos com a finalidade de estabelecer o terror e ir pouco a pouco quebrando a resistência social através da perseguição, da morte e do medo.

Como Derrotar o Bolsonarismo?

A história ensina que o fascismo não pode ser derrotado com palavras adocicadas e apelos de salvação a democracia liberal. A verdade é que a maioria do povo brasileiro

sequer conheceu a democracia liberal, trata-se de uma coisa completamente estranha às populações que moram nas periferias, os mais pobres, onde inexistente o chamado estado democrático de direito. Para a maioria do povo brasileiro, resta apenas a fome, a miséria, o desemprego e a violência policial.

O liberalismo é o campo fértil do fascismo. Primeiro porque a democracia existe apenas para quem detém o poder econômico, ou seja, para a burguesia, segundo porque toda a estrutura que fundamenta o fascismo está presente nas sociedades liberais, como o aparelho militar, os instrumentos ideológicos de dominação e a estruturação social que promove valores reacionários.

Como estabelecemos, o fascismo se articula internacionalmente, Jair Bolsonaro no Brasil, Donald Trump nos Estados Unidos, Boris Johnson na Inglaterra, Viktor Orbán na Hungria e o ex-comediante Volodymyr Zelensky na Ucrânia, são expressão de um movimento internacional. Por consequência, o fascismo também precisa ser combatido internacionalmente. É um dever dos revolucionários em todo o mundo estabelecer uma ação comum para enfrentar o fascismo.

Para derrotar o bolsonarismo, uma das tarefas mais urgentes é a criação dos comitês de autodefesa. Conforme já afirmamos, o fascismo se utiliza da violência miliciana, de agrupamentos paramilitares clandestinos, é preciso criar as condições de enfrentá-los e defender a vida dos lutadores e lutadoras sociais, não podemos permitir que companheiros e companheiras sejam vítimas indefesas dessas bestas assassinas. Todavia, a criação de instrumentos de defesa não pode ser desorganizada, espontânea, ou resultado apenas do heroísmo pessoal. É necessário preparar a defesa organizada da classe, baseada na experiência histórica da luta popular.

A batalha ideológica contra o fascismo também é essencial. É preciso preparar a classe trabalhadora para o combate contra o fascismo. Desse modo, a partir dos interesses mais sentidos do proletariado, estabelecer a educação da classe, seja nas lutas concretas, greves e mobilizações, como na produção de panfletos, cartazes, reuniões, palestras, comícios e artigos na imprensa. Também é necessário ganhar os intelectuais para essa batalha. Todo o espaço precisa ser um espaço de propaganda e agitação das ideias anti-fascistas, ou seja, de fermentação da derrubada do governo Bolsonaro.

Defender a unidade de todos aqueles que querem derrubar o governo Bolsonaro, por intermédio da formação de Frentes Únicas, que permitam ampliar a defesa dos verdadeiros interesses do país contra a dominação imperialista, do combate ao neoliberalismo, da

punição a todos os agentes da infame Ditadura Militar e dos seus propagandistas e em defesa da revogação de todos os direitos dos trabalhadores que foram suprimidos.

Por último e mais importante, radicalizar na propaganda do poder popular e do socialismo. O capitalismo passa pela crise mais profunda de sua história, não existe momento mais propício para defender a revolução dos trabalhadores do que agora. A burguesia sabe que o momento de crise econômica exige saídas radicais, por isso tem escolhido apostar no fascismo para salvar o seu sistema econômico. Assim, não existe tarefa mais imperiosa no campo da esquerda que agitar em cada bairro proletário, em cada fábrica, a revolução popular. A batalha que se coloca no horizonte é de vida ou morte, é preciso temperar o aço para garantir o futuro da humanidade.

Notas:

¹Graduado em filosofia, mestre em história social, membro do Diretório Nacional da Unidade Popular - UP

QUAL FRENTE PRECISAMOS CONSTRUIR PARA ENFRENTAR O FASCISMO?

Gregório Gould¹

Está cada vez mais evidente a intenção do presidente Jair Bolsonaro, de dar um golpe e pôr em prática seu intento de fascista que é implantar uma ditadura que aprofunde a perseguição aos movimentos sociais organizados, aumente a exploração dos trabalhadores e que seja submissa aos interesses do imperialismo estadunidense e do capital financeiro.

O PCR (Partido Comunista Revolucionário), junto com a CIPOML (Confederação Internacional de Partidos e Organizações Marxista-leninistas), aponta essa tendência no Brasil e no mundo, bem como a necessidade de combatê-la, já há algum tempo, como demonstram as matérias do Jornal A Verdade e a publicação, em 2014, do livro “A Unidade Operária contra o Fascismo” de Dimitrov, pelas edições Manoel Lisboa.

No mesmo sentido apontava a criação do partido Unidade Popular pelo Socialismo – UP, fruto do esforço da militância combativa de nossos movimentos e organizações, como um instrumento político capaz de mobilizar o povo para combater o fascismo e construir o poder popular.

Em meados de 2014, quando apontávamos esse perigo éramos muitas vezes criticados pelas organizações que se encontravam no governo e outras organizações da social-democracia, acusados de superestimar os fascistas e subestimando a força do “Estado Democrático de Direito” ou, precisamente, a democracia burguesa.

Hoje, quando já não é possível ignorar o crescimento do fascismo, percebemos a preocupação mais generalizadas a esse respeito e o surgimento da defesa de que é preciso criar frentes amplas, do ponto de vista partidário, para impedir a ascensão de um possível golpe do fascista.

Recentemente, Marcelo Freixo retirou sua pré-candidatura à prefeitura do Rio e disse em vídeo que apoiaria um nome, seja qual fosse, que permitisse a unidade dos partidos PSOL, PT, PCdoB, REDE e PSB, pois para enfrentar o fascismo ele julga necessário uma frente desse tipo. No mesmo vídeo Freixo elogia Rodrigo Maia e diz que se esforçará para construir frentes dessa amplitude no Brasil inteiro.

É importante lembrar, que no segundo turno das eleições passadas para prefeito no Rio de Janeiro, em 2016, quando enfrentou Crivella, Marcelo Freixo teve apoio do REDE, PCdoB, PSB e PT, além do PCB (desde o primeiro turno) e PSTU, os dois últimos Freixo nem citou em seu vídeo. A Unidade Popular – UP, que estava em processo de legalização também apoiou Marcelo Freixo desde o primeiro turno. Ou seja, não foi por falta da unidade desses setores que Freixo perdeu a eleição para Crivella e não basta unir esses partidos para ganhar uma eleição ou, ainda mais, para enfrentar o fascismo. É preciso ganhar o povo, mobilizar os pobres, aqueles que são os maiores afetados pela política fascista.

Em 2016, Freixo, com todo esse apoio partidário e com o voto dos mais ricos e da classe média (segundo pesquisa de boca de urna do Datafolha), perdeu por não ter o voto dos mais pobres. É o povo pobre e trabalhador de nosso país que pode decidir eleições e enfrentar o fascismo, enquanto os setores progressistas subestimarem isso, qualquer frente ampla que venha dos gabinetes parlamentares ou até da intelectualidade progressista será incapaz de derrotar o fascismo.

É importante lembrar que o fascismo é “a ditadura abertamente terrorista dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro” como definiu Georgi Dimitrov, ainda na década de 1930. Portanto tem um caráter de classe fortemente estabelecido e é inimiga direta dos interesses populares. Precisamos ainda afirmar que o fascismo é um fenômeno de crescimento previsível em tempos de crise econômica do capitalismo, quando os antagonismos de classe se aprofundam e a burguesia não consegue dominar as revoltas populares contra a exploração e retirada de direitos sem o aumento da repressão contra as camadas populares e os setores progressistas.

Nesse sentido, para estabelecer uma correta política de frente é preciso ter claro que não enfrentaremos o fascismo sem um programa que possa ganhar as massas populares. Não será defendendo uma política de “desenvolvimento nacional” ou de “conciliação dos interesses das classes” que superaremos o fascismo. Primeiro porque isso já foi proposto, implementado e foi nesse contexto que o fascismo brasileiro se fortaleceu. Segundo, porque com a mais profunda crise de superprodução da história da humanidade é impossível falar em recuperação da economia e distribuição da riqueza sem propor a superação do modo de produção capitalista. Portanto, somente a defesa de uma sociedade em que a classe trabalhadora seja dona do que produz, onde as riquezas sejam do povo, onde todas e todos tenham trabalho, alimentação de qualidade, mo-

radia digna, acesso à educação e a saúde é que pode se contrapor de maneira eficiente ao programa dos ricos.

Nesse sentido, por mais importante que seja frentes parlamentares com setores progressistas, a participação desses será sempre vacilante. Sem falar que um congresso nacional profundamente desmoralizado junto ao povo, que aprovou a reforma da previdência, que retira direito dos trabalhadores e trabalhadoras, que aprovou um pacote anticrime que aumenta a mira da polícia contra a juventude pobre e negra, não tem condições de ser o centro da resistência ao fascismo.

Só o povo organizado pode derrubar o fascismo!

Já que o fascismo serve aos interesses dos poderosos contra os interesses da classe trabalhadora, é fundamental incorporarmos setores descontentes com o fascismo em uma frente ampla, mas isso é impossível sem uma ação enérgica na luta antifascista da única classe que pode levar essa batalha até as suas últimas consequências: a classe trabalhadora.

A frente antifascista que temos que construir de maneira urgente é com o povo. É preciso avançar com velocidade na organização de nosso povo, fazer com que venha das ruas, das periferias, das fábricas a resistência ao fascismo e isso é possível, como mostram os crescentes painéis contra Bolsonaro nas favelas organizados pelo MLB e, a partir daí, também por outros movimentos sociais. Mostrar aos trabalhadores e trabalhadoras que esse Governo é inimigo dos pobres, dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, da comunidade LGBT, etc. É um governo dos ricos e para os ricos.

A militância da UP e os movimentos e organizações que a construíram, precisam estar nos bairros, nas ruas, nas fábricas, sabendo lidar com a situação da pandemia, para mobilizar o povo brasileiro contra o iminente golpe e para defender um governo popular. É preciso demonstrar, através das medidas adotadas por esse governo, que é um governo antipovo, mas também um governo fraco, e para que a situação dos trabalhadores não piore ainda mais é preciso derrubá-lo.

É verdade que essa tarefa é mais complicada que organizar uma reunião de partidos, mas é a única forma eficaz de ser consequente na luta contra o fascismo, e é possível! Foi a classe operária que derrubou o fascismo no momento de maior ascensão deste, foram os trabalhadores do mundo vanguardados pelos trabalhadores soviéticos que derrotaram o exército nazista, tido até então como invencível, e será agora a mesma classe trabalhadora, organizada pelos revolucionários, que colocará o fascismo no seu

devido lugar, a lata de lixo da história. É preciso, portanto, como se costuma dizer, colocar o pé no barro.

Então camaradas, trabalhemos. Vamos mobilizar o nosso povo pobre e trabalhador que às custas de muito suor e muito sangue ergueu esse país para construir uma grande unidade popular antifascista e construir o poder popular e o socialismo.

Notas:

¹ Diretório da Unidade Popular da Bahia

O NECESSÁRIO ENFRENTAMENTO AO FASCISMO

Heron Barroso¹

Existe entre muitos companheiros da esquerda e de setores da pequena burguesia medo da atual ameaça fascista. Muitos acham praticamente impossível impedir as “aproximações sucessivas” que levarão a um golpe de Bolsonaro e seus bandos neonazistas. Se assustam com as declarações, artigos e notas de ministros e generais alinhados ao ex-capitão. Encaram e consideram essas ameaças golpistas exatamente como os fascistas querem: como uma coisa que já está definida, restando apenas um pretexto para acontecer.

Sem fé nas massas, muitos partidos e movimentos reformistas, além de várias pessoas honestas, democratas e progressistas, temem um enfrentamento aberto e direto com a extrema-direita. Sua paralisia é motivada pela ilusão de que não provocando a besta-fera afastarão o risco de golpe. Chegam, inclusive, ao ponto de desaconselhar qualquer manifestação antifascista sob o argumento de que darão a Bolsonaro a tão aguardada oportunidade para fechar o regime. Dito de outra forma, transferem para os setores populares dispostos à luta a responsabilidade pelo que vier a acontecer com o que sobrou da democracia no Brasil.

Esse raciocínio é tão falso e reacionário que se assemelha ao que até hoje é usado para defender a tese de que a resistência armada à ditadura militar de 1964 levou ao AI-5 e ao endurecimento da repressão, culpando indiretamente os guerrilheiros pelas perseguições, sequestros, torturas e assassinatos promovidos pelas Forças Armadas.

Falam o mesmo das manifestações de Junho de 2013, reinterpretadas como movimentos de direita, uma espécie de “marco zero” da ascensão fascista em nosso país. Não confessam, mas é como se os milhões de jovens que foram às ruas e derrubaram o aumento das passagens estivessem errados em exigir melhores empregos, salários dignos, hospitais e escolas “padrão FIFA” e não passassem de massa de manobra do fascismo.

Porém, o erro principal desses setores – que vacilam entre enfrentar ou recuar ante o fascismo – é não compreender exatamente e em profundidade o caráter de classe do fascismo e o que este representa.

A ditadura fascista é a pior e mais cruel inimiga da classe trabalhadora, da juventude, das mulheres, dos indígenas, dos negros e do povo pobre. É a ditadura terrorista imposta pelo capital financeiro, a grande burguesia e o imperialismo para tentar salvar o sistema capitalista da crise e da bancarrota. Esse é, ao mesmo tempo, seu ponto forte e sua fraqueza. Sua aparente força reside no fato de contar com o apoio da oligarquia financeira, das Forças Armadas e de setores da classe média radicalizados pela ameaça de verem seus privilégios de classe em risco. Por outro lado, o fascismo não representa os interesses da imensa maioria do povo e, no caso do Brasil, não conta com o apoio de, pelo menos, dois terços da população. Por isso, seu poder é frágil e pode ser derrotado

Porém, não basta ser maioria. É preciso mobilizar essa maioria e tomar a iniciativa, golpear o fascismo antes que ele ganhe corpo e ocupe as ruas de maneira definitiva. É aí que reside a importância de se adotar uma atitude combativa frente a ameaça do fascismo.

Por isso, as manifestações do próximo domingo (7), convocadas por vários movimentos populares e torcidas organizadas, são um passo fundamental na luta para derrotar Bolsonaro e seus planos, romper com a paralisia e o medo e deixar claro que haverá resistência. Sem isso não derrotaremos o fascismo.

Sem ocupar as ruas, deixaremos campo aberto para que os bandos neonazistas se sintam à vontade para promover suas marchas macabras e obscurantistas. Sem denunciar o fascismo, deixaremos as massas de nosso povo vulneráveis à sua propaganda falsa e demagógica. E o pior: sem enfrentar o fascismo hoje, agora, nos desmoralizaremos perante a classe trabalhadora e a juventude para travar qualquer luta séria daqui para frente. Como disse Carlos Marighella, “é preciso ter coragem”.

Por mais crítico que seja o momento e por maior que seja a dificuldade que a quarentena impõe à mobilização de amplos setores da sociedade contrários a Bolsonaro e ao golpe, não podemos seguir assistindo de longe a agitação do caos promovida pelo presidente aspirante a Hitler.

A hora é essa. O descontentamento popular em relação ao governo, a indignação frente sua indiferença pelos mais de 30 mil mortos pela Covid-19, a revolta de milhões de trabalhadores que não conseguem acessar o auxílio emergencial e a ampla adesão à luta pelo Fora Bolsonaro! e pelo impeachment nos dão uma grande base de apoio social à luta antifascista.

Essa luta se fortalecerá ainda mais se não se deixar cair nas provocações da extrema-direita e se combinarmos a coragem com o trabalho de base diário entre as massas nos

bairros, favelas, fábricas e empresas, por meio das ações de solidariedade e assistência às famílias abandonadas pelo governo à própria sorte e aos quase 17 milhões de trabalhadores desempregados pela crise. Todos os partidos, sindicatos, movimentos populares, associações de moradores, entidades estudantis, etc., precisam voltar suas energias para esse trabalho agora, antes que seja tarde.

Essa tem sido a linha de ação do Partido Comunista Revolucionário (PCR), da União da Juventude Rebelião (UJR), da Unidade Popular pelo Socialismo (UP), do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), do Movimento de Mulheres Olga Benario e do Movimento Luta de Classes (MLC).

Se eles têm armas, dinheiro, soldados e robôs, nós temos o povo, e com o povo unido venceremos!

Notas:

¹ Membro da Coordenação Nacional do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas

O QUE É PRECISO PARA SER UM ANTIFASCISTA

Felipe Annunziata¹

Embora o título deste texto tenha um tom pretensioso, a proposta não é dar uma versão pronta e acabada da luta antifascista no país. Pelo contrário, a ideia aqui é, através do resgate da experiência dos povos de todo o mundo nessa luta, tentar esboçar em que consiste ser antifascista em pleno século 21.

No Brasil, temos visto o aparecimento – cada dia menos envergonhado – de organizações fascistas. Seja a quadrilha armada de Sara Winter acampada em Brasília ou os grupos que defendem golpe militar nas manifestações em defesa do atual ocupante do Planalto. Mas o que nos fez chegar até aqui? Quem apoia, financia e dá cobertura a esses bandos? O que tornou possível esses grupos existirem e se sentirem à vontade para propagandear suas mentiras? Procurar responder essas perguntas é, talvez, o primeiro passo para se tornar um antifascista.

Reconhecer o fascismo, seus apoiadores e combatê-los com toda força

Georgi Dimitrov, comunista búlgaro que lutou contra o nazismo na 2ª Guerra Mundial, classificou o fascismo como “a ditadura aberta do capital financeiro”. Com essa definição e uma breve análise histórica podemos encontrar a presença dos grandes bancos e monopólios capitalistas no apoio aos regimes fascistas em todo o mundo no século passado.

Na Alemanha de Hitler (1933-1945), empresas como Bayer, Volkswagen e Pfizer deram todo apoio financeiro e político ao regime do partido nazista. Na ditadura fascista italiana (1922-1943), empresas como a Fiat apoiaram sem reservas Mussolini, o líder fascista citado recentemente por Bolsonaro.

Em Portugal, durante o regime salazarista, grandes bancos ingleses e estadunidenses apoiaram e investiram na exploração colonial de Angola, Moçambique e outras nações africanas para financiar o regime fascista que durou 48 anos. No Japão fascista, entre as décadas de 1930 e 1940, monopólios como a Mitsubishi apoiaram, militarmente inclusive, o Estado Fascista japonês.

Assim, vemos que no mundo essa foi a regra ao longo da história. Não importasse o

modelo organizacional, o nome que se dava ao ditador de plantão, a regra do fascismo sempre foi se apoiar nos grandes monopólios capitalistas. E no nosso país não é diferente.

Os maiores apoiadores e financiadores de Bolsonaro e dos movimentos dirigidos por ele são investidores da Bolsa de São Paulo, ligado a corretoras de ações (entre elas a BTG Pactual, de onde vem o ministro Paulo Guedes) e empresários donos de grandes redes de serviços. Além disso, vemos monopólios internacionais, grandes bancos e federações patronais, como a FIESP e FEBRABAN, apoiando as principais campanhas que sustentaram o governo até agora, como a Reforma da Previdência em 2019.

Outro setor que tem se mostrado fundamental na base do movimento fascista de Bolsonaro são as polícias militares e as Forças Armadas. Nos atos do último domingo (31/05), todo o Brasil foi testemunha de que a polícia reprimiu com força os atos antifascistas e antirracistas, enquanto abraçava e tirava foto ao lado dos manifestantes que pediam o fechamento do Congresso, do STF e uma intervenção militar pró-Bolsonaro. Logo, identificar esses apoiadores e enfrentá-los é um passo fundamental na luta antifascista.

Isso implica que para ser um antifascista não basta apenas se opor aos grupelhos que vão às ruas defender um golpe de Bolsonaro. É fundamental enfrentar sua rede de apoiadores e financiadores. Para isso, o único caminho é derrotar o programa político dessa elite fascista: as reformas antipovo (como a da Previdência), os cortes nos investimentos sociais e a diminuição dos direitos trabalhistas. É preciso também defender o avanço dos direitos do povo pobre, como o acesso à terra pelos camponeses, a moradia digna, a ampliação dos direitos dos trabalhadores e o aumento do investimento nas áreas sociais.

No caso dos militares, significa defender a abertura de todos os arquivos da Ditadura, a prisão de militares torturadores e a desmilitarização da PM, instituição repressiva com origens no período colonial e que sempre apoiou os golpes de Estado em nossa história. Com o avanço dessas lutas, o fascismo encontrará menos espaço para propagandar mentiras.

É evidente que Bolsonaro & Cia. têm outras fontes de apoio, como os sites e blogs de fake news e as redes criminosas de disparos no WhatsApp, que não são mais do que a velha propaganda mentirosa nazista informatizada. Eles ainda encontram apoio em setores (hoje aparentemente minoritários) da grande mídia tradicional. Mas todo esse pessoal é financiado, como as próprias investigações sobre fake news apontam, pelos grupos burgueses citados antes. Assim, derrotar o capital e os capitalistas que apoiam os fascistas é um passo fundamental para derrotar também o fascismo.

Reconhecer todos que podem contribuir para a luta

Uma confusão muito comum entre os próprios setores da esquerda é achar que para ser antifascista é preciso também ser revolucionário. Acontece que todo revolucionário é necessariamente antifascista, mas nem todo antifascista é um revolucionário.

O que aqui é fundamental é que o antifascista reconheça que o fascismo só surgiu e se desenvolveu porque o capital sentiu a necessidade de um regime autoritário para aumentar a exploração dos trabalhadores. Portanto, o antifascismo é também uma luta pelas pautas populares.

Dessa forma, pessoas que defendam apenas reformas que garantam mais direitos ao povo e uma melhoria das condições, ainda que dentro da ordem capitalista, podem e são bem-vindos na luta antifascista. Mas para esses setores é preciso ficar claro que o enfrentamento ao fascismo é também um enfrentamento às pautas do capital financeiro. Setores democratas, progressistas ou reformistas que não vejam numa revolução a saída para as mazelas da sociedade, desde que entendendo a real dimensão do inimigo que se enfrenta, podem ser importantes aliados da luta antifascista.

Na França ocupada pelos nazistas, as redes de resistência dos partisans eram compostas por comunistas, anarquistas, socialdemocratas e liberais progressistas. Todos estavam unidos para enfrentar não apenas os nazistas alemães, mas também os franceses colaboracionistas. Em Portugal, durante a Revolução dos Cravos, a união de militares de baixa patente revoltosos com a política colonial e democratas progressistas, somada à luta armada de mais de quatro décadas do Partido Comunista, foi fundamental para a derrubada do salazarismo.

Ser antifascista, portanto, embora não seja sinônimo de ser revolucionário, significa sim ser contra o capital financeiro e as políticas de diminuição dos direitos do povo. Logo, ser antifascista é, no mínimo, ser progressista.

A luta antifascista é uma luta das forças populares contra as forças reacionárias

Este talvez é o ponto mais importante. Há na grande mídia o discurso de que cabe às instituições da ordem (STF, Congresso e a própria mídia) controlar Bolsonaro e seu movimento golpista e, eventualmente, derrotá-lo. Em nenhum lugar da história as chamadas “instituições democráticas” foram capazes de barrar um golpe fascista. Pelo contrário, em todos os casos ou se apoiou o golpe através do parlamento ou essas instituições se omitiram diante do avanço fascista.

Hoje não é diferente. Mesmo sabendo de todo apoio de neonazistas e supremacistas brancos que Bolsonaro tem, Rodrigo Maia (presidente da Câmara) senta em cima de mais de 40 processos de impeachment contra o presidente. Os mais novos aliados de Bolsonaro são os deputados do chamado “Centrão”, que não é nada mais que um grupo que reúne uma ou duas centenas de deputados de direita que vivem de currais eleitorais e de parasitar o Estado brasileiro durante gerações que aprovam tudo que é de interesse da burguesia em troca de cargos no governo.

No judiciário, a despeito de declarações mais duras de um ministro ou outro do STF, o presidente da corte gosta de andar de afagos com Bolsonaro. O procurador-geral Augusto Aras, por sua vez, faz de tudo para agir como advogado particular da família miliciana do presidente.

Muito mais não pode se falar dos governadores que se opõe ao presidente, boa parte dos quais aplicam políticas corruptas e assassinas contra o povo pobre dos seus estados. Exemplo de Wilson Witzel, no Rio de Janeiro, que foi denunciado por roubar dinheiro da saúde no meio da pandemia e ainda continua a sua política genocida contra a população negra das favelas. Portanto, não será nenhuma instituição estatal que terá as condições de conduzir a luta contra o golpe fascista, e é por isso que temos mais um motivo para compreender que a luta antifascista é uma luta essencialmente popular.

Dimitrov dizia que o fascismo só se derrubava com uma ampla “frente popular”. Hoje, isso é muito atual. Apenas com o povo pobre de frente, através de sua mobilização e das suas organizações, é que poderemos derrotar o fascismo. São os sem-terra, os movimentos de moradia, os elementos progressistas das torcidas organizadas, os partidos e organizações populares, as organizações indígenas, os movimentos e coletivos negros, sindicatos, movimentos de mulheres e LGBT que estarão na frente de batalha contra os fascistas.

São esses setores os mais atacados num golpe fascista. São esses movimentos, que representam uma ou mais pautas e setores da sociedade, que os fascistas odeiam de morte. Os fascistas não odeiam de morte a grande mídia, apenas querem controlá-la e transformá-la numa rede de propaganda de mentiras a seu favor. Eles não odeiam de morte o Congresso e o STF, desde que apoiem suas pautas. Eles odeiam de morte apenas os trabalhadores, os negros, as mulheres, os LGBTs, os camponeses, os sem-teto e os sem-terra, porque para eles a simples existência digna desses setores significa uma ameaça a seu projeto.

Por isso, o fascismo só se vence nas ruas. Todos os manifestos, frentes da intelectualidade, apoios dentro da institucionalidade, desde que observado essas questões que se apresenta, são importantes. Mas é apenas na luta de rua, na ação do povo pobre que os fascistas serão derrotados. O fascismo gosta de se afirmar como um movimento de massa e tem nisso uma de suas táticas centrais, portanto, só com um amplo e grande movimento de massa, verdadeiramente popular, é que venceremos o fascismo.

Notas:

¹ Graduando em história pela UFRJ e militante do Movimento Luta de Classes (MLC)

FASCISMO, IMPERIALISMO E MILITARES NO BRASIL

Natanael Sarmiento¹

O ovo da serpente

Na opinião de Palmiro Togliatti lente do curso Lições Sobre o Fascismo, a mais completa definição do fascismo foi formulada pela 3ª Internacional Comunista: “O fascismo é uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro”

Eminentes pensadores, dentro e fora dessa tradição marxista, ressaltam a ampliação do conceito de fascismo, entre outros: Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino e Tom Bottomore sustentam que fascismo ganhou dimensões internacionais, para além da Itália. E que permite analogias identitárias com o nazismo da Alemanha hitlerista.

Dessa forma, contesta-se a teoria reducionista do fascismo exclusivo do regime de Mussolini na Itália, da criação do partido em 1922 à derrocada em 1945. Nenhum pensamento ou sistema político é a-histórico. Todavia, tampouco é produto único de uma personalidade, por mais criativa e genial, seu fundador ou “criador”. Esses têm o mérito de elaborar, sistematizar, propor algo novo, porém, sobre pensamentos e sistemas cujas bases são preexistentes. As ideias políticas, concepções filosóficas, os saberes científicos não surgem da estaca zero, tampouco desaparecem com a morte dos “fundadores”, dos criadores. Isso equivalia ao absurdo da lógica formal ter desaparecido com a morte de Aristóteles há mais de 2 mil anos, do cristianismo, com a morte de Cristo, com o fim do marxismo na morte do eminente pensador Karl Marx. Ora, o materialismo histórico-dialético de Marx e Engels tem a sua epistemologia definida num contexto da história do século XIX, da influência do iluminismo ao materialismo e da dialética à filosofia hegeliana.

Numa rápida exegese epistêmica do fascismo identifica-se o ecletismo dessa ideologia em vasto leque de concepções oriundas da antiguidade, elementos do determinismo, passeia-se pelo século V DC do maniqueísmo pensamento religioso, na dicotomia do bem e do mal-; embebera-se no absolutismo maquiavélico do século XVI, da coação legítima para uso da força pelo dever de manter o poder - os fins justificam os meio, abriga-se

na Teoria das Elites, de Gaetano Mosca - comandantes e comandados - e Vilfredo Pareto - poucos mais produtivos -, refastela-se com o darwinismo transmutando a seleção natural dos animais selvagens à vida social, todos do banquete do século XIX. No século XX, a burguesia encontra na ideologia do imperialismo, no nazismo e no fascismo, as concepções políticas e ideológicas que se ajustam aos seus interesses classistas dominantes.

Neste sentido, fascismo passou a caracterizar diversos governos e movimentos ditatoriais da burguesia, universalmente, com traços adequados às condições históricas nacionais.

Não se trata de transposição mecânica do fascismo, de repetição do processo histórico italiano. Na explicação materialista e dialética de Marx a história humana define-se na luta de classes, em permanente movimento e desenvolvimento, não se repete. É célebre a chiste usada por ele no 18º Brumário de Luís Bonaparte, sobre aquele acontecimento na França: “a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como comédia”.

Assim a tragédia nazifascista tem se repetido, mas como farsa, como pantomima protagonizada pelas trupes inspiradas nas células troncos do fascismo e do nazismo. Daí falarmos, corretamente, em fascismo na Espanha, Portugal, Chile, Brasil, com Franco, Salazar, Pinochet, Médici, respectivamente. Intelectuais serviçais da burguesia costumam criticar os comunistas que chamam governos fascistas, de fascistas, sob o falso argumento de faltar rigor científico na temporalidade e localidade italiana, e outras bazó-fias do gênero, que mal ocultam a quem servem.

O nazismo doutrina a supremacia alemã, a pureza racial ariana, a inferioridade racial dos judeus e dos negros. Defendem a depuração da espécie, a sobreposição a todos os outras “raças”, através da eugenia, da expansão e da conquista imperialista sob regime totalitário liderado pelo fúher. Nessa “missão saneadora, depuradora” da civilização, trava combate sem trégua aos comunistas, por serem inimigos irreconciliáveis.

O tempero do chucrute alemão nazista ganhou o molho da macarronada italiana com o fascismo de Benito Mussolini. Eles diferem na forma, mas ao cabo, a suástica ou o “feixe romano” servem à mesma essência do banquete do capitalismo monopolista imperialista. Sob o símbolo do “feixe” imperial Mussolini a exemplo de Hitler é financiado pelos empresários, banqueiros, industriais, comerciantes que defendiam, porque precisavam, um Estado totalitário, um regime tirano e terrorista ao seu serviço. Na chefia estatal, o “Duce”, o grande líder para conduzir a Itália às glórias do império romano. No pedestal criado pela ideologia fascista, “acima das classes”, para organizar o sistema corporativista. A desenvolver o capitalismo e enriquecer a burguesia de proprietários privados com

recursos públicos. Com uma retórica nacionalista e imperialista, para a política externa, expansionista, e interna, de repressão brutal aos movimentos sociais e de trabalhadores, a liquidação dos comunistas.

Num esboço esquemático são traços comuns do fascismo, em escala global: 1. Preservação da propriedade privada, do capital e dos monopólios capitalistas; 2. Governo- sob forma de autocracia/totalitarismo/terrorismo de Estado/ hierarquização; 3. Ditadura aberta/violência policial/ Eliminação física de opositores; 4. Expansionismo imperialista; 5. Anticomunismo.

Segundo a doutrinação fascista, os líderes e governantes sempre existiram e devem ser venerados e obedecidos, integralmente, qualquer desobediência ou oposição significa quebra da hierarquia. Hierarquia é fundamental à preservação da ordem e do progresso. Considera inevitável o uso da força repressiva do estado, militar e paramilitar, à imposição da sua ordem. Trata com métodos medievais de tortura os lutadores sociais, os combatentes, insurgentes. Os revolucionários comunistas, esses devem ser eliminados, extintos. Considerados traidores da “Nação”. As classes e pessoas mais baixas, hipossuficientes, os vulneráveis, desses o processo de seleção natural se encarrega, “quem não pode viver, morre”, na fatalidade da natureza. Amplia-se a extração e obtenção de mais-valia dos trabalhadores, mediante redução de direitos e arrocho salarial. As “classes laboriosas” são diluídas em abstratas noções de “nação”, “pátria” e “povo”, indistintamente. Desigualdades são naturais, mas isso não quer dizer respeito às diferenças. Desigualdades naturais, que sempre existiram e sempre existirão, os ricos e pobres, as raças superiores dos fortes e as inferiores dos fracos, assim doutrinam os fascistas. E mentem! As desigualdades sociais, nem sempre existiram, surgem com o advento da propriedade privada, na divisão de proprietários e não proprietários. Tampouco é razoável o determinismo, que a natureza e a sociedade, cientificamente, estão em permanente movimento e transformação. É grotesca a analogia da vida nas sociedades humanas com a vida selvagem do mundo animal, para justificar os mais fortes, os predadores imperialistas em guerras de rapina e genocídios. Assim, diferenças de etnias, orientações sexuais, de opiniões políticas e filosóficas, são estorvos intoleráveis. Consideradas nocivas e indesejáveis numa sociedade sadia e “superior”. Portanto, a narrativa busca “legitimar” os crimes hediondos e os genocídios, a violência contra judeus, comunistas, índios, negros, homossexuais. Os líderes fascistas apresentam-se, geralmente, como escolhidos metafisicamente por alguma força divinal para a missão, na consigna nazista: “um deus, uma pátria, um líder”, absolutos eles exigem lealdade acima de tudo e de todos o duce, o führer, o generalíssimo, o mito e tantos outras demagogos embusteiros.

Contudo, a tosca ideologia fascista não deve ser subestimada. Haja vista ser o remédio usual do imperialismo para sair de suas crises. Nesses períodos de crises econômicas prolongadas o campo fica fértil para o golpismo dos fascistas. Para golpes de Estado, ou para outras fraudes que abram caminho para implantação de governos totalitários. O fascismo sustenta-se com o apoio político, financeiro e propagandístico midiático de banqueiros e empresários capitalistas. As serpentes fascistas não sobrevivem sem a troca de vantagens econômicas e garantia de lucros para a burguesia. A burguesia investe neles e recebe em dobro, através de contratos bilionários e financiamentos impagáveis, de anistias fiscais e tributárias, da reserva de mercados e “estabilidade” na superexploração dos trabalhadores, com retirada de direitos trabalhistas e arrocho salarial. Deixam cair todas máscaras dos arautos do “livre mercado e da livre concorrência”, se socorrem do dinheiro Público para salvá-los da recessão, da crise, do “crash”. O intervencionismo estatal, tão satanizado na teoria, é santificado na prática, quando serve para salvar empresários, banqueiros, latifundiários e grandes comerciantes e industriais. Neste ponto explica-se todo pavor e ódio da burguesia e dos fascistas aos comunistas, aos antagonistas mais radicais e consequentes, anticapitalistas e anti-imperialistas. Igualmente retórico o nacionalismo do fascismo: meras cortinas de fumaça. Desde o século XIX, dentro e fora de fronteiras nacionais, bem demonstrado por Vladimir Lenin no Imperialismo, fase superior do capitalismo – com a fusão do capital financeiro e os monopólios, o capitalismo desenvolve-se com mais lucros e exploração de povos e dos trabalhadores - coloniais e neocoloniais – pela dominação imperialista, das grandes potências capitalistas mundiais. Elas fazem a partilha do mundo e se articulam em relações de suserania e vassalagem com classes dominantes do novo colonialismo. Portanto, o nacionalismo de fachada, de usar um paletó verde bandeira com gravata amarela de palhaço é salamaleques de fascista, patriotismo de desfile e bandeirinha, que vende a pátria e entrega a Amazônia, leiloa empresas nacionais, dilapida o meio ambiente e as riquezas nacionais, aliena a soberania com dívida externa e submissão ao FMI, abandona a nação e o povo em troca das migalhas dotadas pelo imperialismo pela vassalagem.

Terror de Estado e a ditadura policial, sequestros, invasão de lares, torturas, assassinatos por esquadrões da morte fascistas, forte censura à imprensa, aos meios de comunicação, a espetáculos e à produção artística, cultural e científica, culto ao obscurantismo, ao misticismo religioso, lavagem cerebral, propaganda oficial institucionalizada, com anuência ou apoio aberto da burocracia Judicial e das Forças Armadas.

O ovo da serpente fascista começa a trincar nas crises e rompe-se, quando estas são prolongadas e incapazes de solução nos marcos dos instrumentos do estado democrático.

As cobras se agitam e rompem a frágil democracia liberal, assim aconteceu nas graves crises imperialistas que culminaram com as grandes guerras mundiais: 1914 a 1918 e 1939 a 1945.

Sobre a base social do fascismo, universalmente e o Brasil não discrepa, sua composição contempla elementos advindos de todas as classes: burguesia, pequena-burguesia, trabalhadores e do lumpemproletariado. A burguesia opera mais como sócia oculta que com quadros públicos, com raras exceções. Numericamente, inexpressiva com a camisa do fascismo é a maior responsável e financiadora. O fascismo ganha expressão nos contingentes oriundos da pequena-burguesia em segmentos de religiosos, intelectuais, militares, funcionários. Atrai elementos das classes trabalhadoras, dentre os mais atrasados politicamente e do sindicalismo pelego. Tem uma forte presença entre aventureiros pescadores de águas turvas assim entendidos os tipos sociais mais desqualificados e desprezíveis do lumpemproletariado, a súa de vagabundos, criminosos e milicianos que formam as tropas de choque e de assalto do fascismo.

O fascismo no Brasil

O fascismo à brasileira é contemporâneo do paradigma fundante italiano. Neste artigo caracterizamos e identificação quatro fases ou períodos do fascismo no Brasil. Nelas, há nuances diferentes na forma ou no “modus operandi”, mas todas elas possuem características essenciais de conteúdo fascista: a) defesa da propriedade privada em serventia ao capitalismo e aos monopólios; b) defesa ou exercício de governos totalitários, censura, terror policialesco contra movimentos sociais de trabalhadores; c) anticomunismo visceral.

Nessa conformidade, classificamos: 1^a. fase a compreendida entre a fundação do partido fascista - Ação Integralista Brasileira em 1932 e o golpe frustrado dos integralistas, em 1938. 2^a fase a Estadonovista: a ditadura do Estado Novo que vai de 1937 a 1945; 3^a fase Militarista, do Golpe Militar de 1964 até 1985 - dos Generais ditadores de Castelo Branco a Ernesto Geisel; 4^a fase Miliciano-Militarista iniciada após o golpe de 2016 e em curso sob os ataques do fascista Jair Bolsonaro et caterva.

Unus - Com a fundação do Partido fascista - Ação Integralista Brasileira, em 1932, o principal líder Plínio Salgado adapta elementos do nazismo e do fascismo e elaborar a doutrina integralista e aglutina admiradores e simpatizantes nacionalmente. Os “camisas verdes” participam de eleições e ocupam cargos em diversas esferas de governo antes e no início do Estado Novo, contra o qual intentam um golpe armado em 1938”.

Elegem vereadores, deputados e prefeitos. Sem mais serventia ideológica perdem espaços no governo de Getúlio Vargas e tentam derrubá-lo, no assalto ao Palácio do Catete, são debelados, reprimidos e presos. A base social integralista jamais foi ampla nos meios populares e dos operários urbanos. Aliciou elementos da burguesia e pequena burguesia, principalmente a rural. A base social com expressão encontra-se nas classes médias, nos estamentos da burocracia civil e mormente a oficialidade militar, nas cúpulas clericais, e setores da intelectualidade. Os camisas-verdes utilizavam a religião e o nacionalismo com o lema “Deus, Pátria e Família!”: O comunista Aparício Torelly, “Barão de Itararé” chistosamente, rebatia: “Adeus, Pátria e Família!”.

Duo - A 2ª fase vem com a roupagem da Ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas - 1937/1945. Não obstante ser um período governamental com recorte nacionalista e desenvolvimentista, criação de grandes empresas estatais, foi governo ditatorial, autocrático e anticomunista. Getúlio Vargas concentrava plenos poderes pela Constituição por ele outorgada, o Executivo hipertrofiado nomeava interventores federais e legislava por Decretos. Suspendeu eleições e fechou o Congresso Nacional, censurou e empastelou jornais de oposição, desenvolveu brutal repressão policialesca, banalizou as perseguições, sequestros e assassinatos de comunistas. Período de truculência contra trabalhadores e movimentos sociais, em geral, de autopromoção e “culto” do chefe nacional oficialmente através do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de governo.

Registre-se que o “Estado Novo” origina-se de um autogolpe de Estado com participação direta das Forças Armadas. A partir da farsa caluniosa anticomunista, urdida pelo General fascista Olympio Mourão Filho, o Plano Cohen, criando o ambiente psicológico para o golpe. É preciso assinalar nessa contabilidade o tribunal de exceção para condenar comunistas o Tribunal de Segurança Nacional, a Lei de Segurança Nacional e a notoriedade do torturador assassino chefe de polícia Filinto Müller treinado e assessorado pela Gestapo hitlerista, a criminosa deportação da judia comunista Olga Benário para ser assassinada em campo de concentração da Alemanha nazista.

Tres - Na 3ª fase a serpente do fascismo deu seu bote em 1º de abril de 1964, o golpe empresarial-militar patrocinado pelo imperialismo Norte-Americano. Com as Forças Armadas assumindo o triste papel de tropa de assalto do imperialismo e da burguesia, interrompendo o processo democrático e desenvolvimentista livre da tutela imperialista do governo João Goulart e mergulhando a nação numa ditadura terrorista. Com apoio de políticos empresários, políticos, jornalistas, juizes, membros de igrejas mobilizam pessoas apavoradas com a propaganda anticomunista e manipuladas pela ideologia domi-

nante para aparentar adesão social aos golpistas. Como soe acontecer, as mentiras têm pernas curtas, logo as máscaras caíram, bem cedo essas mesmas camadas sofreriam na pele o veneno do fascismo. O estatismo-desenvolvimentista e a geopolítica made in USA leva o país a monstruosas desigualdades regionais e sociais, aos lucros astronômicos das oligarquias financeiras e monopolistas, à desnacionalização e ampliação da dependência externa e da dívida que salto de 3 para mais de 105 bilhões de dólares, com truculência policialesca e repressiva contra os pobres, arrocho salarial, repressão dos movimentos sociais e dos trabalhadores, perseguição e eliminação de anticomunistas. Militares brasileiros treinados e financiados pelos EUA - CIA, finalmente logram executar a “geopolítica” de Segurança nacional, leia-se do imperialismo yankee, uma ideologia forjada na Escola Superior de Guerra modelada pela Escola de Guerra Americana, pactuada em acordos Brasil/EUA - US ARMY, TRADOC – Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos Estados Unidos, adestrados para combater o “inimigo comunista” na vassalagem aos EUA. Essa ditadura fascista sequestrou e assassinou 434 patriotas, perseguiu e torturou milhares de brasileiros, conforme ficou apurado pela Comissão Nacional da Verdade.

Quattour - o fascismo da 4ª geração tem a sua gênese nos USA, no conciliábulo dos mafiosos capitalistas signatários do Pacto de Atlanta, de 2012. Tem por marcos o impeachment da Presidente Dilma Rousseff e a eleição fraudulenta do fascista Jair Bolsonaro. Esse fascismo desenvolve-se no contexto da geopolítica marcada pelo declínio da maior potência mundial, - EUA incapazes de resolver as mazelas sociais e sair da crise econômica prolongada gerada pela política neoliberal, monopolista e financista, de equilibrar a dívida interna astronômica, da perspectiva de perda de hegemonia e derrocada na “guerra comercial” com a China. Obviamente, todos esses aspectos se aprofundam crescentemente, nos abalos provocados na economia, pela pandemia da Covid-19 dos nossos dias.

São elementos definidores do fascismo da quarta geração a agenda econômica e a política. Na “agenda econômica”, o neoliberalismo entreguista, do favorecimento ao grande capital monopolista, financeiro, industrial, comercial e agronegócio, retirada de direitos trabalhistas e previdenciários dos trabalhadores, cortes de verbas em educação, saúde e programas sociais, ampliação de investimentos nas forças militares e policiais e de espionagem da “segurança” estatal. Na geopolítica externa, alinhamento automático ao imperialismo Americano, interna, nos ataques à Constituição Federal, ataques ao livre exercício dos poderes diretamente ao STF e ao CN, desrespeito às conquistas sociais e ao Estado democrático. Naturalmente, tamanha ousadia se dá com apoio de grandes empresários, FIESP, CNI, Forças Armadas e Paramilitares. Anticomunismo visceral e necropolítica – mortes deliberadas pela omissão no combate eficaz à pandemia, genocídio de

indígenas, estímulo ao racismo e combate aos ativistas sociais, aos ambientalistas, degradação e devastação da Amazônia, homofobismo religioso fundamentalista, obscurantismo e combate ao mundo da cultura e da ciência, manifesto desejo de eliminação física dos opositores, empoderamento e legitimação das milícias; nepotismo, fisiologismo; aparelhamento do Estado –PF, MP, COAF Tais métodos, fraudulentos “na forma da lei”, através da manipulação, da corrupção, compra de parlamentares – corja do “Centrão e da “bancada Evangélica”-, membros do Judiciário e Ministério Público. Afunda país numa crise econômica sem precedentes, com maiores taxas de desemprego e de desvalorização da moeda da história, sustentado, até o presente momento, pelo forte aparato militar e paramilitar empoderado nesse governo: são 3.000 militares de Exército, Marinha e Aeronáutica empregados nos cabides do governo, há o apoio explícito de vários grupos armados, paramilitares, assim chamados por não integrarem as forças armadas, reles súcias de milicianos oriundos de estratos inferiores e medianos desclassificados socialmente que agem à margem da lei, respaldados, politicamente, por empresários, parlamentares governistas e funcionários incrustados no aparelho estatal a serviço do governo fascista de Jair Bolsonaro.

Imperialismo e Forças Armadas e Paramilitares

Desde meados do século XIX com o Manifesto Comunista desvendou-se a natureza de classe do Estado, que nas condições históricas do capitalismo é o comitê administrativo dos interesses comuns da burguesia. Lenin e Stálin no século XX continuam a explicação dessa organização política das sociedade de classes, no capitalismo avançado imperialista a máquina organizada destinada a manter o domínio econômico e político da burguesia imperialista sobre os trabalhadores, passando pela exploração das burguesias de potências imperiais sobre os povos subjugados e os trabalhadores, pelo controle monopolista dos meios de produção e circulação, pelo controle imperialista das riquezas e mercados mundiais. Na economia política o militar não é classe social e seu “locus” e o aparato Estatal: “funcionário da superestrutura”. Ao cabo, trata-se da violência institucional de garantia da organização do Estado classista, portanto, agentes armados à proteção dos interesses da classe dominante do Estado. Luís Althusser in *Aparelhos Ideológicos de Estado* além desse caráter repressivo destaca o ideológico, aduz: O que distingue o AIE do aparelho de Estado (repressivo) é a diferença fundamental seguinte: O aparato repressivo do Estado “trabalha com violência”, enquanto o aparelho ideológico de Estado opera “ideologicamente”.

Nessa moldura é correto concluir que as Forças Armadas brasileiras, historicamente, têm funcionado como aparatos repressivos e ideológicos na defesa dos interesses das classes dominantes, da burguesia e do imperialismo.

A vassalagem de militares brasileiros ao imperialismo vem de longe, desde o período Colonial Escravista, sob o domínio lusitano de 1500-1822; passa pelo neocolonialismo após a “independência em 1822” ao domínio do império britânico até meados dos anos 40 do século XX quando troca a suserania para a nova potência que se consolida ao fim da 2ª Guerra Mundial, os USA.

Na vassalagem ao imperialismo britânico os militares brasileiros protagonizam o genocídio no Paraguai, em 1870. Como vassalos dos USA, participam da “guerra” da Coreia, em 1950, e da ocupação do canal, em Suez, 1967.

Internamente, tem exercido ou tem sustentado governanças autoritárias, ditatoriais divorciadas dos anseios da maioria do povo brasileiro: governos ilegítimos, impopulares e corruptos. Tem reprimido exterminado, impiedosamente, o nosso povo quando este se insurge contra a exploração e a opressão das classes dominantes: a destruição dos Quilombos dos Palmares, no Nordeste, século XVII; na revolta popular da Cabanagem no Pará, 1840, no extermínio do Arraial Canudos, em 1897, na Bahia; no massacre do Contestado, no Sul, em 1912; do golpe de 1930 chamado de “Revolução Liberal”; na devassa e caça às bruxas do 1º Governo Popular Nacional e Revolucionário, no RN em 1935, na ditadura do Estado Novo, em 1937; na deposição de Vargas, em 1945, no golpe militar fascista de 1964; participação do artilheiro golpista de 2016 da derrubada da Presidente, da submissão e serventia de cão de guarda do governo fascista de Jair Bolsonaro.

Serventuários das classes dominantes, os militares favorecem a organização econômico-social baseada na superexploração da maioria do povo, baseada no sistema da propriedade privada, nos lucros capitalistas e imperialistas, dos modelos concentradores de riqueza e de rendas, responsáveis pelas desigualdades sociais do Brasil: 10ª economia e 79ª em condição de vida – IDH.

Legalmente proibidos de se organizarem em Partidos, as forças militares, todavia, jamais ficaram ausentes da política e dos partidos. Tampouco é correto afirmar trata-se de participações esporádicas ou individuais. É uma participação continuada e permanente, cabendo ao caso o conceito de núcleo dirigente ou núcleo hegemônico. Pelo menos, desde o final do século XIX, com a criação do Clube Militar, associação fundado em 1887 no Rio e com base em todo território nacional, a congregar oficiais da ativa e da reserva, das três armas. Desde a participação direta nas conspirações e execução do golpe militar da derrubada do Imperador D. Pedro II, em 1889, do suporte aos governos” dos oligarcas latifundiários exportadores da República Café com Leite, dos sucessos anteriores e posteriores a 1930 aos dias correntes, obviamente, nem sempre com o mesmo protagonismo dos tempos de República das Espadas.

Sem menor prejuízo à função repressiva, a formação ideológica das forças armadas ganha corpo, densidade e sistematização sob a vassalagem do imperialismo dos USA.

Logo nos primeiros passos da Guerra Fria, realiza-se no Brasil sob patrocínio dos USA a “Conferência Interamericana de Manutenção da Paz e Segurança” com notórios anticomunistas que assinam o “Tratado de Assistência Recíproca”, dando “Carta Branca” para a “Casa Branca” intervir em qualquer país do Continente, em nome da “paz e segurança ameaçadas”.

No combo da vassalagem americana regista-se a cassação do registro do PCB, a cassação de mandatos dos eleitos pela legenda, o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com a URSS e a criação da Escola Superior de Guerra – ESG, o anticomunismo como doutrina de segurança nacional e defesa do Estado no “altos estudos” de política defesa e estratégia elaborados nos USA. A ESG segue o modelo da National War College e recompila os tratados de geopolítica publicados pela biblioteca do Exército em livros, revistas e periódicos. A “aristocracia militar” precisava do próprio “pensamento sobre o Brasil” e sobretudo a partir dos anos 50 foi intensa a produção sobre “geopolítica”, entre outras: Geografia da Política Externa, Cel. Jaime Ribeiro da Graça; Compreensão da Unidade do Brasil, Cel. J.B. Magalhães; Segurança Nacional: Antagonismos e Vulnerabilidades, do General Lira Tavares; Uma Geopolítica Pan Amazônica; Brasil: Geopolítica e Destino; a trilogia Geopolítica, do General Meira Mattos e depois da batida do prego, a virada da ponta, de Planejamento Estratégico e Aspectos Geopolíticos do Brasil, do Cel. Golbery do Couto e Silva.

Nesse alinhamento cego ao imperialismo dos USA o anticomunismo passa a integrar a base pedagógica do adestramento militar e se expressa na “ideologia de Segurança Nacional”. Nesse “campus avançado” o WAR COLLEGE desenvolve o novo conceito de guerra de “mobilização de recursos econômicos, humanos e psicológicos”. Desfocando a força militar do papel da defesa nacional – defesa nacional de fronteiras, da integridade territorial e da soberania para o papel de cão de fila da “segurança nacional”, que amplitude e imprecisão conceitual, comporta até ameaças expressas e veladas ao Congresso Nacional, ao STF, ataques à Imprensa e às entidades da sociedade civil, repressão aos movimentos sociais e aos partidos políticos, ao sabor da cúpula militar definir o que representa risco à segurança nacional do Brasil, por tal doutrina. A lista dos dirigentes da ESG, fala por si: Castelo Branco, Lira Tavares, Golbery do Couto e Silva, Ernesto Geisel.

As classes dominantes e o imperialismo aperfeiçoam suas técnicas e elevam a níveis inimagináveis ligações criminosas de agentes públicos e governos com mercenários e traficantes, com o submundo do crime. Nesse sentido, vide os grupos de milicianos atuam abertamente como tropa de choque em manifestações pró-governo Bolsonaro, fi-

nanciados por empresários e políticos. O bando autodenominado 300 ocupa a Praça dos Três Poderes e ameaça o STF, o Congresso Nacional, agride jornalistas, impunemente. Mas as forças policiais reprimem atos e manifestações em defesa da democracia e antifascistas. Permanecem a todo vapor os “gabinetes” que espalham milhões de fake news através de robôs e contas falsas, com ataque racistas, anticomunistas e antidemocráticos, sem providências efetivas das altas autoridades, omissas, coniventes, quicá mentoras. Lá, nos USA eles se autointitulam de “Terceira Força”. O império não precisa recorrer aos “marines” oficiais de Estado. Nessa nova etapa, as agressões imperialistas são executadas por grupos paramilitares privados, assim sucedeu no golpe da Bolívia em 2019 e na frustrada invasão da Venezuela, em 2020. Tem se desenvolvido no Brasil com a proliferação de grupos de milicianos financiados, armados e treinados, com técnicas da CIA/DEA e sem os entraves legais das tropas regulares sujeitas aos controles constitucional, judicial e congressual e aos tratados e conselhos da ONU. Segundo dados da ONG Southern Poverty Law Center os grupos extremistas da direita, nos USA chegam a 623, dos quais, 165 são de milícias armadas. Paramilitares privados como empresas de “segurança”, organizados e treinados à semelhança das forças militares provocam golpes de Estado, sabotagens, ações financiadas pelo imperialismo.

No Brasil o ecletismo confuso ideológico desses grupos de extrema direita, mescla neonazismo, fascismo, obscurantismo religioso ditos evangélicas pentecostais da teologia da prosperidade “Deu\$ acima de tudo”, patriotismo de fachada ao Zé Carioca Hung, veneração aos USA e a Israel, anticomunismo visceral, racismo, desprezo e ódio aos pobres, aos índios e negros, homofobia, misoginia, elitismo. Uma verdadeira cloaca ideológica, todavia, partilhada por cerca de 20% da população brasileira, com ramificações em todo território nacional, de modo que não deve ser subestimada pelas forças democráticas e antifascistas, sobretudo pelos comunistas, que devem travar o combate de classes, anticapitalista e antifascista, com largueza de tática política que impediram o avanço e impingiram derrotas do fascismo participando ativamente de grande frentes nacionais e democráticas, como a frente ampla antifascista Aliança Nacional Libertadora, a campanha do Petróleo é Nosso e das Diretas, já! Derrotar o fascismo em aliança tática com todos os setores antifascistas, mas avançar com as bandeiras da real libertação de todo povo e da emancipação do proletariado, em defesa do poder popular e do socialismo, para não servir de carregador de piano no baile democrático da burguesia.

Notas:

¹Doutor em História, escritor, professor, advogado, Presidente da ADUCAPE e membro do Diretório Nacional da UP.

O FASCISMO SÓ SERÁ ELIMINADO COM O FIM DA BURGUESIA

Nana Sanches¹

Há alguns anos, diversas organizações políticas têm afirmado que há o avanço de forças fascistas em vários países do mundo. E não faltavam indicativos que apontassem para tal fato.

Nos últimos 20 anos, vimos o aumento de crimes e guerras relacionados à xenofobia e ao racismo, o aumento dos casos de violência de gênero, o aumento da criminalização dos movimentos sociais e o aprofundamento de medidas econômicas que visavam precarizar ainda mais a vida dos mais pobres, principalmente após a crise capitalista de 2008/2009. Tudo isso apontava que havia, como sempre houve, o risco de a burguesia utilizar-se da ideologia fascista para se impor enquanto classe e para salvar o capitalismo.

Em certa medida, o capitalismo se nutre de alguns elementos fascistas mesmo em tempos entre-crisis. O racismo é uma das formas que o capitalismo encontra de manter-se enquanto sistema, ao fazer com que uma boa parte dos trabalhadores reproduza os valores herdados da aristocracia colonial, que escravizava, torturava e comercializava milhões de homens e mulheres negros (práticas que em 2020 ainda não foram totalmente extirpadas de nossa sociedade). A justificativa para tanto se dava pela invenção da inferioridade dos negros. Isso fez com que muitos homens e mulheres fossem queimados vivos por grupos fascistas como a Ku Klux Klan (KKK), que chegou a organizar mais de 6 milhões de americanos durante a formação do 2º Klan, entre 1915 e 1944. Outro valor do fascismo que é aceitável no sistema capitalista e o beneficia é o machismo, conceito que supõe a autoridade do homem como ser superior à mulher. Este valor faz com que as mulheres passem por diversos tipos de violência e opressões. Faz também com que se volte para as mulheres a “culpa” referente a diversos problemas existentes no mundo, deixando os verdadeiros culpados de tanta desigualdade e sofrimento (a burguesia e os patrões) isentos de responsabilidade.

Esses são alguns aspectos que demonstram os valores que já estão incrustados na sociedade capitalista e que, durante graves crises econômicas como a que estamos passando, tornam-se uma ferramenta de opressão ainda maior contra a classe trabalhadora.

O fascismo é extremamente demagógico. Os covardes líderes que tomaram a frente

dos movimentos fascistas são caricaturas do que há de mais atrasado na política. São personagens que glorificam a si mesmos e fazem promessas irrealizáveis.

Além disso, o fascismo se aproveita de nobres valores do proletariado, como o senso de justiça, por exemplo. Mas também se aproveita de valores conservadores, como o machismo. Outra característica relacionada ao fascismo é a propaganda voltada para a mentira descarada. As notícias falsas (ou, em inglês, *fake news*) foram muito utilizadas pelos nazistas alemães e americanos, que muito se engajaram em criar uma mitologia sobre o comunismo, cujos ataques ideológicos estão personificados até hoje na imagem de Joseph Stalin, líder da União Soviética entre 1927 e 1953 e principal responsável por organizar o povo soviético para esmagar o nazismo. De diversas formas, essa propaganda faz com que milhões de pessoas atribuam ao comunismo as características do capitalismo, como a fome e a miséria. Essa propaganda também fez com que se atribuísse aos comunistas essa fixação à figura de Stalin, cuja contribuição para a humanidade é inegável, ao dirigir o exército vermelho ao esmagamento das tropas de Hitler. Se repararmos bem, em pleno século XXI, fascistas, grandes mídias e setores reacionários da esquerda ainda atacam e deturpam a figura de Stalin. Tentam, com isso, em parte, jogar muitos para a defesa do fascismo, contra o comunismo. Para além disso, as notícias falsas fazem com que a maioria das pessoas não saiba ao certo o que é fascismo ou o que é comunismo, ideologias que representam classes totalmente antagônicas.

Nesse sentido e percebendo este cenário, os comunistas marxista-leninistas de todo o mundo vem trabalhando arduamente para denunciar a fascistização do Estado-nacional em meio às populações mais vulneráveis, principais prejudicadas com as medidas contra a vida dos trabalhadores. Fazem isso combatendo a política de extermínio e alienação da juventude. Fazem isso através da organização das mulheres, impulsionando seu protagonismo na sua própria emancipação e de outras mulheres. Fazem isso em meio às categorias que fazem a sociedade funcionar. Fazem isso nos bairros populares. Fazem isso porque compreendem que existe uma classe que tem o poder de combater o fascismo: a classe trabalhadora, como a história do século XX comprova.

Assim como no final do século XIX e ao longo do início do século XX ocorreu uma séria disputa ideológica dentro do campo progressista. Demorou muito tempo para tal campo encarar a face do fascismo e do nazismo na Europa, mesmo com o alerta da vanguarda. Em seguida, seguiu-se um debate voraz quanto a qual seria o melhor método para combater o fascismo. De um lado, partidos defendiam que o nazismo “não era tudo isso” e seria combatido no parlamento. Do outro, defendia-se que, para além da luta

parlamentar, era necessário formar frentes antifascistas, infiltrar-se em organizações e sindicatos fascistas, era necessário compreender o inimigo e desmascará-lo. O fascismo é a face monstruosa da burguesia, sem máscaras. Não será algo considerado totalmente vencido enquanto a burguesia for a classe que domina a economia e os valores sociais que vigoram e limitam a mente e a sociedade humana.

O fascismo é a pior criação da burguesia.

O fascismo é o pior inimigo da classe trabalhadora.

Derrubar o fascismo é uma luta que deve estar ligada à luta pela mudança radical da nossa sociedade, que caminha para a socialização de todos os meios de produção, pelo fim do capitalismo.

Cabe aos comunistas aumentar a influência do socialismo e do comunismo entre as massas populares, estudantes e intelectuais.

Este é um momento único da história. Ondas de levantes populares têm ocorrido em todo este século e novas formas de lutas têm surgido. Contudo, percebemos que algumas lutas comovem milhares ou milhões de pessoas, mas dissipam-se na falta de projetos políticos que tenham como meta a tomada do poder pelos trabalhadores e a construção do poder popular, com a multiplicação e impulsão de experiências que nascem da organização do povo. Este é o objetivo final. O inicial é massificar nossa pauta, organizar os elementos que não aguentam mais viver sob a bota da opressão.

Encontraremos muitos obstáculos no caminho, como o oportunismo e o revisionismo, nenhuma novidade. A massa pode não saber o conceito de oportunismo ou revisionismo, mas já demonstra que não aceita mais diversas práticas políticas, como estas. Por outro lado, a população mais vulnerável conhece e pratica a solidariedade e esse é o sentimento que guiará a luta contra o fascismo, contra a burguesia, a favor de homens e mulheres que trabalham, que produzem tudo e que podem fazer, de fato, a sociedade mudar.

Notas

¹Coordenadora Nacional do Movimento de Mulheres Olga Benário e da Casa de Referência Mulheres Mirabal em Porto Alegre/RS

PARTE II

NEM FASCISMO, NEM LIBERALISMO: SOVIETISMO!

Antonio Gramsci

Na crise política pela liquidação do fascismo, o bloco de oposição parece ser progressivamente um fator de ordem secundária. Sua composição social heterogênea, suas vacilações, e sua aversão a uma luta das massas populares contra o regime fascista, reduz suas ações a uma campanha jornalística e a intrigas parlamentares, as quais combatem impotentemente contra a milícia armada fascista.

No movimento de oposição ao fascismo, o papel mais importante passou para o Partido Liberal porque o bloco não possui outro programa para opor ao fascismo que não o velho programa liberal da democracia parlamentar burguesa, o retorno para a constituição, para a legalidade, para a democracia. Na discussão a respeito da sucessão ao fascismo, de acordo com o congresso do Partido Liberal, o povo italiano é colocado pela oposição diante de uma escolha: ou fascismo ou liberalismo; ou um governo ditatorial sangrento de Mussolini ou um governo de Slandri, Giolitti, Amendola, Turati, Sturzo ou Vella, tendendo ao restabelecimento da boa e velha democracia liberal italiana, em que a burguesia continuará, sob essa máscara, a exercer sua lei exploratória.

O operário, o camponês, que por anos odiaram o fascismo que os oprime, acreditam ser necessário, para liquidá-lo, aliar-se com a burguesia liberal, apoiar aqueles que no passado, quando estiveram no poder, apoiaram e armaram o fascismo contra os proletários e camponeses, e que há alguns meses atrás formaram um bloco sólido com o fascismo e repartiram a responsabilidade por seus crimes. E é assim a maneira como a questão da liquidação do fascismo está posta? Não! A liquidação do fascismo deve ser a liquidação da burguesia que o criou.

Quando o Partido Comunista, nos dias que se seguiram ao assassinato de Matteoti, apresentou as palavras de ordem: “Abaixo ao governo de assassinos! Dissolução da milícia fascista!”, não pensou que o governo de assassinos deveria ser substituído por um governo daqueles que em todas as suas políticas abriram o caminho e armaram os assassinos; nunca pensou que Giolitti, Nitti e Amendola, os quais estavam no poder quando a milícia fascista foi formada, seriam capazes de desarmar essa milícia à qual foram favoráveis e à qual armaram contra a classe trabalhadora.

Erguendo essas palavras de ordem, nosso partido não visou substituir o fascismo derrocado pelo velho liberalismo, cujo fracasso vexaminoso e liquidação definitiva foi assinalado pela Marcha sobre Roma. O Partido Comunista, desde o começo da crise do fascismo, afirmou que a classe trabalhadora e os camponeses deveriam ser os coveiros e sucessores daqueles no poder.

A ação da massa dos proletários industriais e dos camponeses é necessária para a derrota do fascismo, para a luta de classes com todas as suas consequências. Sem dúvida alguma o proletariado deveria e deve usar, em sua luta contra o fascismo, das contradições e conflitos que se desenvolveram internamente a burguesia e a pequena-burguesia. Mas sem ação direta, o fascismo jamais poderá ser derrubado. Colocar o problema dessa maneira significaria, ao mesmo tempo, colocar a questão da sucessão ao fascismo. Com a derrota do fascismo pela ação das massas operárias e camponesas, o liberalismo não terá lugar em sua sucessão: esse direito pertence ao governo dos trabalhadores e camponeses, que apenas eles serão capazes e terão a determinação sincera para desarmar a milícia fascista, armando a classe trabalhadora e os camponeses.

No presente momento, trata-se de uma questão distinta do retorno à constituição, à democracia e ao liberalismo. Estes últimos são palavras sorradeiras que a burguesia usa para enganar os trabalhadores da cidade e do campo, para impedir que a crise tome seu caráter verdadeiro, que é a vingança dos trabalhadores e camponeses contra o fascismo que os reprimiu e contra o liberalismo que os enganou, e que há alguns meses atrás colaboraram ou procuraram colaborar (D'Aragona, Baldesi, etc.) com Mussolini.

A crise italiana só pode ser resolvida com a ação das massas trabalhadoras. Não há possibilidade de liquidação do fascismo no plano das intrigas parlamentares, apenas um compromisso que deixa a burguesia na dianteira com o fascismo armado a seu serviço. O Liberalismo, mesmo se inoculado com as glândulas do macaco reformista, é impotente. Pertence ao passado. E todos os Don Struzos da Itália, unidos com os Turatis e os Vellas, não terão sucesso em retomar sua jovialidade necessária para a liquidação do fascismo.

Um governo das classes dos trabalhadores e camponeses, que não irá se preocupar nem com a constituição nem com os princípios sagrados do liberalismo, mas que está determinado em derrotar definitivamente o fascismo, desarmá-lo e defender os interesses dos trabalhadores da cidade e do campo contra todos os exploradores, essa sozinha é a única força jovem capaz de liquidar um passado de opressão, de exploração e crime e de dar um futuro de verdadeira liberdade a todos que trabalham.

Hoje, o Partido Comunista é o único que repete essa verdade ao proletariado. Sua influência aumenta, sua organização está se desenvolvendo, mas a maioria dos trabalhadores e camponeses, arrastados pela Confederação do Trabalho e Partido Maximalista, em seu lado avançando sobre a oposição constitucional emergente, ainda não readquiriram sua consciência de classe, ainda não entenderam que as classes operária e camponesa são o principal fator nessa crise porque possuem números irresistíveis e a grande força da juventude. Se não se quer iludir deve-se agir no plano da luta de classe enquanto uma força independente, que será em breve determinante, e não no plano da colaboração de classe no sentido de não fazer nada a não ser mudar a máscara da burguesia italiana.

A tarefa essencial de nosso partido consiste em penetrar essa ideia fundamental entre os operários e camponeses: somente a luta de classe das massas operárias e camponesas derrotarão o fascismo. Somente um governo de operários e camponeses pode desarmar a milícia fascista. Quando tais ideias essenciais tiverem penetrado o espírito das massas operárias e camponesas por meio de nossa incansável propaganda, os trabalhadores das fábricas e dos campos, ou qualquer outro partido, entenderão a necessidade de construir Comitês Operários e Camponeses para a defesa de seus interesses de classe e para a luta contra o fascismo.

Eles entenderão que esses são os instrumentos necessários da luta revolucionária e de sua vontade de substituir o governo de assassinos por um governo de operários e camponeses. No momento de fechamento do Congresso Liberal, que procura ainda vencer sobre o povo trabalhador, de um lado a outro da Itália os operários e camponeses responderão a sua sonora e vazia tagarelice com: NEM FASCISMO, NEM LIBERALISMO: SOVIETISMO!

Notas:

Texto publicado no site Lavra Palavra <<https://lavrpalavra.com/2020/06/02/nem-fascismo-nem-liberalismo-sovietismo/>> acesso em 06 de junho de 2020.

MANIFESTO DA FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA AO POVO DO BRASIL¹

Ao proletariado, principal força da população brasileira, contra o qual se levantaram as hostes sanguinárias da reação capitalista;

Aos trabalhadores de todas as profissões e nacionalidades, que na indústria, no comércio e na lavoura, constituem o dínamo propulsor da economia nacional;

Aos marinheiros, aos soldados, aos oficiais inferiores e a todos aqueles que, no Exército e na Marinha, continuam a ansiar pela vitória da grande causa da liberdade.

Aos estudantes, aos jornalistas, aos escritores e poetas da nova geração, aos intelectuais que não se vendem nem se corrompem e acompanham com a sua inteligência e a sua cultura a marcha tumultuosa do desenvolvimento social;

Aos industriais, lavradores e comerciantes pobres, vítimas do regime da concorrência mercantil e da acumulação;

Às camadas intermediárias da sociedade, que a demagogia fascista procura utilizar na realização dos seus propósitos sombrios;

Ao grande povo do Brasil, torturado e perseguido pelo despotismo dos governos reacionários e da plutocracia financeira, através de séculos de miséria e opressão. A FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA dirige a sua saudação fraternal, na hora mais trágica que a História registra para os destinos de toda a humanidade.

Cidadãos! Homens Livres! Companheiros! Camaradas!

No instante épico em que as massas populares de todos os países, sacudidas pelo desespero de uma crise econômica sem exemplo, se lançam denodadamente à luta contra os seus opressores, as forças reacionárias que constituem a reserva política da classe detentora do poder procuram destruir todas as conquistas da liberdade e da democracia, organizando tropas mercenárias recrutadas entre os elementos desclassificados da escória social, com o fim de transformar toda a organização governamental num sistema de banditismo especialmente destinado a arrancar do povo todos os recursos de luta e de defesa.

Para opor uma barreira de resistência a esse fenômeno mundial que obedece ao denominador comum do FASCISMO, é que se coligaram em São Paulo todos os partidos políticos, sindicatos operários e organizações jornalísticas que continuam a sustentar, nas linhas dos seus programas, a reivindicação da mais ampla liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa, [sem] restrições de qualquer natureza.

A consolidação do fascismo na Itália, a vitória dos nacional-socialistas alemães e a combinações que, nos diferentes países, se vêm fazendo dos meios legais da democracia com os processos tenebrosos das milícias mussolinescas, tornam cada vez mais premente a necessidade de uma ação comum contra o inimigo que nos ameaça.

No Brasil, se bem que esse mesmo fenômeno não resulte diretamente de condições objetivas locais, dado o atraso lamentável em que ainda se encontra o movimento operário, existem entretanto, outros fatores bastante ponderáveis que nos levam a considerar, não só como provável, mas como perfeitamente lógico, o triunfo de uma aventura fascista ou fascistizante, se não forem tomadas em tempo as medidas práticas para uma contra-ofensiva. Se, verificada a existência desses fatores, entre os quais se encontra, em primeiro plano, o caráter mundial da economia capitalista determinando, na situação de crise generalizada, a necessidade de uma política mundial correspondente, o baixo grau de organização da classe trabalhadora, diante da repercussão do fenômeno em nosso país, só pode constituir mais um obstáculo à ação de resistência.

O fascismo conta, entre nós, não só com a oportunidade internacional que lhe favorece a expansão, como possui ainda o auxílio moral e material das agências consulares dos países fascistas e dos elementos estrangeiros que tivemos a desgraça de importar e que o apóiam dentro das suas respectivas colônias. É o que explica o relativo êxito que vem tendo, em vários Estados e no próprio coração da Capital da República, a organização de seus bandos militarizados.

Conta, além disso, o fascismo brasileiro com um aliado natural, que o sustentará no momento preciso e que, por sua incontestável influência sobre as camadas retardatárias da população, torna ainda maior a gravidade do problema. Queremos referir-nos à Igreja Católica. Esta, como se sabe, foi sempre uma força reacionária em todas as transformações sociais do passado, colocando-se invariavelmente, como instituição parasitária, ao lado da classe dominante. Daí a necessidade, vital para ela, de readaptar-se às novas situações criadas, aproximando-se, depois dos fatos consumados, de cada nova classe detentora do poder. Ora, acontece que, no atual estágio do desenvolvimento histórico, a igreja compreende a impossibilidade de adaptar-se ao sistema social que sucederá ao

capitalismo, uma vez que, com o desaparecimento das classes, se tornará praticamente impossível a sobrevivência de toda e qualquer instituição parasitária. Eis porque, continuando, como no passado, a defender sempre a classe que se encontra no poder, a Igreja Católica se vê obrigada a utilizar os recursos extremos, os “*remédios heróicos*”, para a salvação da burguesia. Trata-se aí, para ela, de uma questão de vida ou de morte, pois tem um grande poder de discernimento e uma velha experiência política para compreender, com relativa facilidade, que a questão do desaparecimento do capitalismo está ligada a do seu próprio desaparecimento.

Como vemos, existem condições de ordem política, e mesmo material a demonstrarem que não são de todo vãs as esperanças dos fascistas brasileiros. E é a consideração desses fatos que põe na ordem do dia com mais força e oportunidade do que nunca, o problema da luta contra o fascismo.

Entre nós, onde a capacidade de resistência do proletariado revolucionário é ainda muito reduzido, a política de frente única se apresenta, por isso mesmo, como o único recurso de defesa. Esta verdade elementar foi compreendida ainda em tempo, por um grande número de organizações do S. Paulo, que sem abdicarem dos seus programas próprios e sem perda de sua autonomia e liberdade de crítica, resolveram unir-se contra o inimigo comum, numa sólida Frente Única Antifascista, cujos princípios básicos são os seguintes:

“1 - Sob a denominação de Frente Única Antifascista, coligam-se em São Paulo, sem distinção de credos políticos ou filosóficos, todas as organizações antifascistas, com estes objetivos comuns:

- a) combate às idéias, ao desenvolvimento e à ação do fascismo;
- b) luta pela mais ampla liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa;
- c) reivindicação da garantia do ensino leigo e da separação da Igreja e do Estado;
- d) formação de um bloco único de ação contra o fascismo.

2 - Todas as organizações coligadas conservarão a sua plena autonomia e inteira liberdade de crítica. Os atritos que se verificarem entre as organizações, fora da esfera de ação antifascista, nunca poderão servir de motivo para o rompimento da Frente Única. A estabilidade desta será garantida por um programa comum de ação, em cujo desenvolvimento não se ferirão os pontos de divergência ideológica existentes entre as organizações coligadas.”

Cidadãos! Companheiros!

O fascismo significa a miséria, a opressão, o espezinhamento das consciências. Começa por destruir todas as organizações do proletariado e acaba por se tornar o senhor absoluto, “integral”, que não respeita ideologias, nem admite divergências. Nem comunistas nem socialistas, nem anarquistas, nem democratas, poderão existir sob o seu jugo. Fere e amordaça, esmaga e assassina. As escolas, as universidades, a imprensa, as instituições administrativas e científicas, tudo, sem exceção, obedece ao seu controle e ao seu domínio. Não existe garantia de qualquer espécie, nenhuma segurança se oferece aos cidadãos. Os domicílios são violados, os lares constantemente invadidos para as perseguições. O Homem do povo fica reduzido à situação de um animal acorrentado, que não fala, nem pensa, nem escreve, nem trabalha, senão sob o chicote dos seus verdugos. A dignidade humana, a fraternidade, a ligação confiante entre os homens desaparecem. Cada indivíduo vê no seu semelhante um inimigo e um espião que o entregará, na primeira oportunidade à ferocidade dos governantes. O fascismo é a morte certa para os que protestam e a volta à barbárie para os que ficam. Acima de quaisquer interesses de classe ele é, essencialmente, desumano é anti-humano.

É o problema da legítima defesa de todo o povo o que se coloca presentemente diante de nós. Luta contra o fascismo é, no sentido mais literal, lutar pela própria existência.

Cidadãos!

Organizemos, em todo o Brasil, a Frente Única Antifascista!

Consagremos o dia 14 de julho como a primeira jornada contra o fascismo internacional! Lutemos corajosamente, com a nossa consciência e com a nossa vontade, contra o inimigo comum!

Abaixo o fascismo! Viva a Liberdade!

S. Paulo, 14 de julho de 1933

A Frente Única Antifascista

Nota:

¹Publicado originalmente em O Socialista, 16/07/33, p. 7

FASCISMO

Clara Zetkin

No fascismo, o proletariado é confrontado por um inimigo extraordinariamente perigoso. O fascismo é a expressão concentrada da ofensiva geral empreendida pela burguesia mundial contra o proletariado. Sua derrubada é, portanto, uma necessidade absoluta, ou melhor, é mesmo uma questão da existência cotidiana e do pão com manteiga de todo trabalhador comum. Por estes motivos, todo o proletariado deve concentrar-se na luta contra o fascismo. Será muito mais fácil derrotar o fascismo se estudarmos clara e distintamente sua natureza. Até aqui tem havido ideias extremamente vagas sobre esse assunto, não apenas entre as grandes massas de trabalhadores, mas também no interior da vanguarda revolucionária do proletariado e dos comunistas. Até agora, o fascismo foi colocado em um nível com o Terror Branco de Horthy na Hungria. Embora os métodos de ambos sejam semelhantes, em essência eles são diferentes. O Terror Horthy foi estabelecido depois que a vitoriosa, embora de curta duração, revolução do proletariado havia sido suprimida, e era a expressão da vingança da burguesia. Os líderes do Terror Branco eram um grupo muito pequeno de ex-oficiais. O fascismo, ao contrário, visto objetivamente, não é a vingança da burguesia em retaliação à agressão proletária contra a burguesia, mas é uma punição do proletariado por não conseguir levar adiante a revolução iniciada na Rússia. Os líderes fascistas não são uma casta pequena e exclusiva; eles se estendem profundamente em amplos elementos da população.

Temos que superar o fascismo não apenas militarmente, mas também política e ideologicamente. Os reformistas até hoje consideram o fascismo como nada mais que uma violência nua, a reação contra a violência iniciada pelo proletariado. Para os reformistas, a Revolução Russa equivale à Mãe Eva mordendo a maçã no Jardim do Éden. Os reformistas rastreiam o fascismo de volta à Revolução Russa e suas consequências. Nada além dito foi afirmado por Otto Bauer no Congresso da Unidade em Hamburgo, quando declarou que uma grande parte da culpa pelo fascismo recai sobre os comunistas, que enfraqueceram a força do proletariado por divisões contínuas. Ao dizer isso, ele ignorou inteiramente o fato de que os [Social-Democratas] Independentes alemães haviam se separado muito antes que este “exemplo desmoralizante” fosse dado pela Revolução Russa.

Ao contrário de seus próprios pontos de vista, Bauer, em Hamburgo, teve de concluir que a violência organizada do fascismo deve ser enfrentada pela formação de organizações de defesa do proletariado, porque nenhum apelo à democracia pode recorrer contra a violência direta. De qualquer forma, ele prosseguiu explicando que não se referia a armas como insurreição ou greve geral, que nem sempre levavam ao sucesso. O que ele quis dizer foi a coordenação da ação parlamentar com ação de massa. Qual seria a natureza dessas ações que Otto Bauer não disse, mas esse é o ponto exato da questão. A única arma recomendada por Bauer para a luta contra o fascismo foi o estabelecimento de um Bureau Internacional de Informações sobre a reação mundial.

A característica distintiva dessa nova e antiga [2ª] Internacional é sua fé no poder e permanência da dominação burguesa, e sua desconfiança e covardia em relação ao proletariado como o fator mais forte da revolução mundial. Eles são da opinião de que, contra a força invulnerável da burguesia, o proletariado não pode fazer nada além de agir com moderação e abster-se de provocar o tigre da burguesia. O fascismo, com todo ímpeto na execução de seus atos violentos, não é mais do que a expressão da desintegração e decadência da economia capitalista e o sintoma da dissolução do Estado burguês. Esta é uma das suas raízes. Os sintomas dessa decadência do capitalismo foram observados mesmo antes da guerra.

A guerra abalou a economia capitalista até a sua fundação, resultando não apenas no empobrecimento colossal do proletariado, mas também na miséria profunda da pequena burguesia, do pequeno campesinato e dos intelectuais. Havia sido prometido a todos esses elementos que a guerra traria uma melhoria de suas condições materiais. Mas o oposto aconteceu. Um grande número de ex-classes médias tornaram-se proletárias, perdendo inteiramente sua segurança econômica. Essas fileiras foram integradas por grandes massas de ex-oficiais, que agora estão desempregados. Foi entre esses elementos que o fascismo recrutou um contingente considerável. O seu modo de composição é também a razão pela qual o fascismo em alguns países é de caráter francamente monarquista.

A segunda raiz do fascismo está no retardamento da revolução mundial pela atitude traiçoeira dos líderes reformistas. Grande parte da pequena burguesia, incluindo até as classes médias, havia descartado sua psicologia dos tempos da guerra em nome de uma certa simpatia pelo socialismo reformista, esperando que este provocasse uma reforma social por vias democráticas. Eles ficaram desapontados em suas esperanças. Eles podem agora ver que os líderes reformistas estão em acordo benevolente com a burguesia, e o pior de tudo é que essas massas perderam a fé não apenas nos líderes re-

formistas, mas no socialismo como um todo. Essas massas de simpatizantes socialistas decepcionados são acompanhadas por grandes círculos do proletariado, de trabalhadores que desistiram de sua fé não apenas no socialismo, mas também em sua própria classe. O fascismo se tornou uma espécie de refúgio para os politicamente sem abrigo. Para ser justo, deve-se dizer que os comunistas também – exceto os russos – levam parte da culpa pela deserção desses elementos para as fileiras fascistas, porque nossas ações, por vezes, não conseguiram agitar as massas profundamente o suficiente. O objetivo óbvio dos fascistas, ao ganhar apoio entre os vários elementos da sociedade, seria, naturalmente, tentar superar o antagonismo de classe nas próprias fileiras de seus adeptos, e o chamado Estado autoritário deveria servir como um meio para esse fim. O fascismo agora abrange elementos que podem se tornar muito perigosos para a ordem burguesa. No entanto, até agora esses elementos foram invariavelmente superados pelos elementos reacionários.

A burguesia tinha visto claramente a situação desde o início. A burguesia quer reconstruir a economia capitalista. Nas atuais circunstâncias, a reconstrução da dominação de classe burguesa só pode ser conseguida às custas da crescente exploração do proletariado pela burguesia. A burguesia tem plena consciência de que os socialistas reformistas de fala mansa estão rapidamente perdendo seu controle sobre o proletariado, e que não haverá nada para a burguesia, mas recorrer à violência contra o proletariado. Mas os meios de violência dos Estados burgueses estão começando a falhar. Eles precisam, portanto, de uma nova organização de violência, e isso é oferecido a eles pelo confuso conglomerado do fascismo. Por essa razão, a burguesia oferece toda as forças sob seu comando a serviço do fascismo.

O fascismo tem características diversas em diferentes países. No entanto, tem duas características distintivas em todos os países, a saber, a pretensão de um programa revolucionário, que é habilmente adaptado aos interesses e demandas das grandes massas, e, por outro lado, a aplicação da violência mais brutal.

O exemplo clássico é o fascismo italiano. O capital industrial na Itália não era forte o suficiente para reconstruir a economia arruinada. Não se esperava que o Estado intervisse para aumentar o poder e as possibilidades materiais da capital industrial do norte da Itália. O Estado estava dando toda a sua atenção ao capital agrário e ao pequeno capital financeiro. As indústrias pesadas, que haviam sido artificialmente impulsionadas durante a guerra, entraram em colapso quando a guerra acabou, e uma onda de desemprego sem precedentes se instalou. As promessas feitas aos soldados não puderam ser

resgatadas. Todas essas circunstâncias criaram uma situação extremamente revolucionária. Esta situação revolucionária resultou, no verão de 1920, na ocupação das fábricas. Naquela ocasião ficou demonstrado que as maduras condições revolucionárias faziam sua primeira aparição apenas para uma pequena minoria do proletariado. A ocupação das fábricas estava, portanto, fadada a terminar em uma tremenda derrota, em vez de se tornar o ponto de partida para o desenvolvimento revolucionário. Os líderes reformistas dos sindicatos agiram como traidores ignominiosos, mas ao mesmo tempo foi demonstrado que o proletariado não possuía nem a vontade nem o poder de marchar em direção à revolução.

Não obstante a influência reformista, havia forças em ação entre o proletariado que poderiam se tornar inconvenientes para a burguesia. As eleições municipais, nas quais os social-democratas conquistaram um terço de todos os conselhos, foram um sinal de alarme para a burguesia, que imediatamente começou a procurar uma força que pudesse combater o proletariado revolucionário. Foi nessa época que Mussolini ganhou alguma importância com o fascismo. Após a derrota do proletariado na ocupação das fábricas, o número de fascistas era superior a mil, e grandes massas do proletariado juntaram-se à organização Mussolini. Por outro lado, grandes massas do proletariado haviam caído em um estado de indiferença. A causa do primeiro sucesso do fascismo foi que ele começou com um gesto revolucionário. Seu pretense objetivo era lutar para manter as conquistas revolucionárias da guerra revolucionária e, por isso, exigiam um Estado forte, capaz de proteger esses frutos revolucionários da vitória contra os interesses hostis das várias classes sociais representadas pelo “antigo Estado”. Suas palavras de ordem eram dirigidas contra todos os exploradores e, portanto, também contra a burguesia. O fascismo naquela época era tão radical que até exigiu a execução de Giolitti e o destronamento da dinastia italiana. Mas Giolitti absteve-se cuidadosamente de usar a violência contra o fascismo, que lhe parecia ser o mal menor. Para satisfazer esses clamores fascistas, ele dissolveu o Parlamento. Naquela época, Mussolini ainda fingia ser um republicano, e em uma entrevista, ele declarou que a facção fascista não poderia participar na abertura do parlamento italiano por causa da cerimônia monárquica que o acompanhava. Essas declarações provocaram uma crise no Movimento Fascista, que havia sido estabelecido como um partido por uma fusão dos seguidores de Mussolini e dos representantes da organização monarquista, e a [direção] executiva do novo partido era formada por um número par de membros de ambas as facções. O Partido Fascista criou uma arma de dois gumes para a corrupção e a aterrorização da classe trabalhadora. Para a corrupção da classe trabalhadora foram criados os sindicatos fascistas, as chamadas corporações

nas quais trabalhadores e empregadores estavam unidos. Para aterrorizar a classe trabalhadora, o Partido Fascista criou os esquadrões militantes que surgiram das expedições punitivas.

Aqui deve ser enfatizado novamente que a tremenda traição dos reformistas italianos durante a greve geral, que foi a causa da terrível derrota do proletariado italiano, havia dado um incentivo direto aos fascistas para capturar o Estado. Por outro lado, os erros do Partido Comunista consistiam em considerar o fascismo apenas como um movimento militarista e terrorista sem qualquer base social profunda.

Vamos agora examinar o que o fascismo fez desde a conquista do poder para o cumprimento de seu programa revolucionário pretendido, para a realização de sua promessa de criar um Estado sem classes. O fascismo ergueu a promessa de uma nova e melhor lei eleitoral e de igual sufrágio para as mulheres. A nova lei do sufrágio de Mussolini é, na realidade, a pior restrição da lei do sufrágio em favor do Movimento Fascista. De acordo com essa lei, dois terços de todos os assentos devem ser entregues ao partido mais forte, e todos os outros partidos juntos devem ter apenas um terço das cadeiras. O sufrágio feminino foi quase totalmente eliminado. O direito de voto é dado apenas a um pequeno grupo de mulheres proprietárias e às chamadas “viúvas dos generais”. Não há mais nenhuma menção à promessa de um parlamento econômico e da Assembleia Nacional, nem da abolição do Senado, prometida tão solenemente pelos fascistas.

O mesmo pode ser dito sobre as promessas feitas na esfera social. Os fascistas haviam inscrito em seu programa a jornada de oito horas, mas o projeto de lei apresentado por eles fornece tantas exceções que não deve haver uma só pessoa que trabalhe oito horas na Itália. Nada veio também da prometida garantia dos salários. A destruição dos sindicatos permitiu aos empregadores efetuar reduções salariais de 20% a 30% e, em alguns casos, de 50% a 60%. O fascismo prometera a previdência para a velhice e a invalidez. Na prática, o governo fascista, em nome da economia, cortou aos miseráveis 50.000.000 de liras que haviam sido reservadas para esse fim no orçamento. Aos trabalhadores foi prometido o direito de participação técnica na administração das fábricas. Hoje existe uma lei na Itália que proíbe completamente os conselhos de fábrica. As empresas estatais estão passando para as mãos do capital privado. O programa fascista continha uma provisão para um imposto de renda progressivo sobre o capital, que era, até certo ponto, agir como uma forma de expropriação. Na verdade, o oposto foi feito. Vários impostos sobre o luxo foram abolidos, como o imposto sobre automóveis, pela pretensa razão de que restringi-

ria a produção nacional. Os impostos indiretos foram aumentados porque isso reduziria o consumo doméstico e, assim, melhoraria as possibilidades de exportação. O governo fascista também revogou a lei para o registro compulsório de transferências de títulos, reintroduzindo assim o sistema de títulos ao portador e abrindo a porta para o sonegador de impostos. As escolas foram entregues ao clero. Antes de capturar o Estado, Mussolini exigiu uma comissão para investigar os lucros da guerra, dos quais 85% deviam ser restituídos ao Estado. Quando esta comissão se tornou incômoda para seus patrocinadores financeiros, os industriais pesados, ele ordenou que a comissão só apresentasse um relatório a ele, e quem publicasse qualquer coisa que acontecesse naquela comissão seria punido com seis meses de prisão.

Também em questões militares, o fascismo não cumpriu suas promessas. Foi prometido que a atuação do exército seria restringida à defesa territorial. Na realidade, o período de serviço militar permanente foi aumentada de oito para dezoito meses, o que significou o aumento das forças armadas de 250.000 para 350.000. As Guardas Reais foram abolidas porque eram democráticas demais para se adequarem a Mussolini! Por outro lado, os carabineiros foram aumentados de 65.000 para 90.000 e todas as tropas policiais foram duplicadas. As organizações fascistas foram transformadas em uma espécie de milícia nacional, que pelas últimas contas já atingiu o número de 500.000. Mas as diferenças sociais introduziram um elemento de contraste político na milícia, que deve levar ao colapso final do fascismo.

Quando comparamos o programa fascista com o seu cumprimento, podemos antever hoje o completo colapso ideológico do fascismo na Itália. A bancarrota política deve inevitavelmente se seguir à falência ideológica. O fascismo é incapaz de manter juntas as forças que o ajudaram a entrar no poder. Um choque de interesses em muitas formas já está se fazendo sentir. O fascismo ainda não conseguiu tornar a antiga burocracia subserviente a ela. No exército também há atrito entre os velhos oficiais e os novos líderes fascistas. As diferenças entre os vários partidos políticos estão crescendo. A resistência contra o fascismo está aumentando em todo o país. O antagonismo de classes começa a permear até mesmo as fileiras dos fascistas. Os fascistas não conseguem cumprir as promessas que fizeram aos trabalhadores e aos sindicatos fascistas. Reduções salariais e demissões de trabalhadores estão na ordem do dia. Assim acontece que o primeiro protesto contra o movimento sindical fascista veio das fileiras dos próprios fascistas. Os trabalhadores logo voltarão ao seu interesse de classe e dever de classe. Não devemos encarar o fascismo como uma força unificada capaz de repelir nosso ataque. É antes uma formação, que compreende muitos elementos antagônicos,

e será desintegrada de dentro. Mas seria perigoso supor que a desintegração ideológica e política do fascismo na Itália seria seguida imediatamente pela desintegração militar. Pelo contrário, devemos estar preparados para o fascismo se esforçar para se manter vivo por métodos terroristas. Portanto, os revolucionários trabalhadores italianos devem estar preparados para as mais sérias lutas. Seria uma grande calamidade se estivessemos satisfeitos com o papel dos espectadores desse processo de desintegração. É nosso dever acelerar este processo com todos os meios à nossa disposição. Este não é apenas o dever do proletariado italiano, mas também o dever do proletariado alemão em face do fascismo alemão.

Depois da Itália, o fascismo é mais forte na Alemanha. Como consequência do resultado da guerra e do fracasso da revolução, a economia capitalista da Alemanha é fraca, e em nenhum outro país o contraste entre a maturidade objetiva para a revolução e o despreparo subjetivo da classe trabalhadora é tão grande quanto agora mesmo na Alemanha. Em nenhum outro país os reformistas falharam tão ignominiosamente como na Alemanha. O seu fracasso é mais criminoso do que o fracasso de qualquer outro partido na velha Internacional, porque são eles que deveriam ter conduzido a luta pela emancipação do proletariado por meios absolutamente diferentes especialmente no país onde as organizações da classe trabalhadora eram melhor organizadas e mais antigas do que em qualquer outro lugar.

Estou firmemente convencida de que nem os Tratados de Paz nem a ocupação do Ruhr deram tanto impulso ao fascismo na Alemanha quanto a tomada do poder por Mussolini. Isso encorajou os fascistas alemães. O colapso do fascismo na Itália desencorajaria grandemente os fascistas na Alemanha. Não devemos esquecer uma coisa: o pré-requisito para a derrubada do fascismo no exterior é a derrubada do fascismo em todos os países pelo proletariado desses países. Cabe a nós superar o fascismo ideológica e politicamente. Isso nos impõe enormes tarefas.

Devemos perceber que o fascismo é um movimento dos desapontados e daqueles cuja existência está arruinada. Portanto, devemos nos esforçar para conquistar ou neutralizar aquelas massas que ainda estão no campo fascista. Desejo enfatizar a importância de percebermos que devemos lutar ideologicamente pelos corações e mentes dessas massas. Devemos perceber que eles não estão apenas tentando escapar de suas tribulações atuais, mas que estão ansiando por uma nova filosofia. Devemos sair dos limites estreitos de nossa atividade atual. A Terceira Internacional é, em contraste com a antiga [2ª] Internacional, uma Internacional de todas as raças sem quaisquer distinções. Os partidos

comunistas não devem ser apenas a vanguarda dos proletários do trabalho manual, mas também os enérgicos defensores dos interesses dos trabalhadores do cérebro. Devemos liderar todos os setores da sociedade que sejam levados a se opor à dominação burguesa por causa de seus interesses e suas expectativas de futuro. Alegro-me, portanto, com a proposta do camarada Zinoviev (falando em uma sessão do Comitê Executivo Ampliado da Internacional Comunista em junho deste ano) de assumir a luta pelo governo dos trabalhadores e camponeses. Eu estava muito me alegrei quando li sobre isso. Esta nova palavra de ordem tem um grande significado para todos os países. Não podemos dispensá-lo na luta pela derrubada do fascismo. Significa que a salvação das grandes massas do pequeno campesinato será alcançada através do comunismo. Não devemos nos limitar a continuar lutando pelo nosso programa político e econômico. Devemos, ao mesmo tempo, familiarizar as massas com os ideais do comunismo como filosofia. Se fizermos isso, mostraremos o caminho para uma nova filosofia a todos aqueles elementos que perderam o rumo durante o desenvolvimento histórico dos últimos tempos. O pré-requisito necessário para isso é que, ao nos aproximarmos dessas massas, também nos tornemos organizacionalmente, como Partido, uma unidade firmemente soldada. Se não for assim, corremos o risco de cair em direção ao oportunismo e à falência. Devemos adaptar nossos métodos de trabalho às novas tarefas. Precisamos falar às massas em uma linguagem que elas possam entender, sem prejudicar nossas ideias. Assim, a luta contra o fascismo traz uma série de novas tarefas.

Cabe a todos os partidos realizar esta tarefa energicamente e em conformidade com a situação em seus respectivos países. No entanto, devemos ter em mente que não é suficiente superar o fascismo ideológica e politicamente. A posição do proletariado em relação ao fascismo é, atualmente, de autodefesa. Esta autodefesa do proletariado deve assumir a forma de uma luta pela sua existência e organização.

O proletariado deve ter um aparato bem organizado de autodefesa. Sempre que o fascismo usa a violência, deve ser enfrentado com a violência proletária. Não me refiro a esses atos terroristas individuais, mas à violência da luta de classes revolucionária organizada do proletariado. A Alemanha deu um primeiro passo com a criação de “centúrias” de fábricas. Essa luta só pode ser bem-sucedida se houver uma frente proletária unida. Os trabalhadores devem se unir para essa luta, independentemente de a qual partido pertençam. A autodefesa do proletariado é um dos maiores incentivos para o estabelecimento da frente única proletária. Somente instilando a consciência de classe na alma de todo trabalhador conseguiremos preparar também a derrubada militar do fascismo, que, no atual estágio, é absolutamente necessária. Se obtivermos sucesso

nisso, podemos ter a certeza de que em breve chegará a hora do sistema capitalista e do poder burguês, independentemente de qualquer êxito da ofensiva geral da burguesia contra o proletariado. Os sinais de desintegração, tão palpáveis diante de nossos olhos, nos dão a convicção de que o gigante proletário voltará a participar da luta revolucionária, e que seu grito ao mundo burguês será: eu sou a força, eu sou a vontade, em mim você vê o futuro!

Notas:

¹<https://lavrapalavra.com/2018/10/19/clara-zetkin-fascismo-1923/> Acesso em 06 de Junho de 2020

²Primeira Edição: Labour Monthly, August 1923, pp.69-78. Tradução: Gabriel Landi Fazzio - da versão em Inglês disponível em: <https://www.marxists.org/archive/zetkin/1923/08/fascism.htm>

A LUTA PELA UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA CONTRA O FASCISMO (Extrato)¹

Gueorgui Dimitrov

O fascismo e a classe operária

Camaradas: Já o VI Congresso da Internacional Comunista prevenira o proletariado internacional sobre a gestação de uma nova ofensiva fascista, chamando-o à luta contra ela. O Congresso salientou que “quase em toda parte existem tendências fascistas e germes de um movimento fascista em forma mais ou menos desenvolvida”.

Sob as condições da profundíssima crise geral do capitalismo, do revolucionamento das massas trabalhadoras o fascismo passou à ofensiva declarada. A burguesia dominante cada vez mais procura sua salvação no fascismo para empregar medidas excepcionais de espoliação contra os trabalhadores, para preparar uma guerra imperialista de rapina e de assalto contra a União Soviética, para preparar a escravização e divisão da China e impedir, por meio de tudo isto, a revolução.

Os círculos imperialistas tentam descarregar todo o peso das crises sobre os ombros dos trabalhadores. Para isto, necessitam do fascismo.

Tratam de resolver o problema dos mercados mediante a escravização dos povos débeis, mediante o aumento da opressão colonial e uma nova partilha do mundo por meio da guerra. Para isto, necessitam do fascismo.

Tentam atalhar o crescimento das forças da revolução por meio da destruição do movimento revolucionário dos operários e camponeses e do assalto militar à União Soviética, baluarte do proletariado mundial. Para isto, necessitam do fascismo.

Em uma série de países — particularmente na Alemanha — estes círculos imperialistas conseguiram, antes da viragem decisiva das massas para a revolução, infligir ao proletariado uma derrota e instaurar a ditadura fascista.

Mas a característica da vitória do fascismo é precisamente a circunstância de que esta vitória mostra, por um lado, a debilidade do proletariado, desorganizado e paralisado pela política divisionista socialdemocrata de colaboração de classe com a burguesia, e, por outro lado, revela a debilidade da própria burguesia, que tem medo que se realize a

unidade de luta da classe operária, teme a revolução e não está em condições de manter sua ditadura sobre as massas com os antigos métodos da democracia burguesa e do parlamentarismo.

O caráter de classe do fascismo

O fascismo no Poder, camaradas, é, como acertadamente o definiu o XIII Pleno do Comitê Executivo da Internacional Comunista, a ditadura terrorista descarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro.

A modalidade mais reacionária do fascismo é o fascismo de tipo alemão. Tem a ousadia de chamar-se nacional-socialismo, apesar de não ter nada em comum com o socialismo. O fascismo hitleriano não é apenas um nacionalismo burguês, é um chauvinismo bestial. É o sistema de governo do banditismo político, um sistema de provocações e torturas contra a classe operária e os elementos revolucionários da massa camponesa, da pequena burguesia e dos intelectuais. É a crueldade e a barbárie medievais, a agressividade desenfreada contra os demais povos e países.

O fascismo alemão atua como tropa de choque da contrarrevolução internacional, como incendiário principal da guerra Imperialista, como iniciador da cruzada contra a União Soviética, a grande pátria dos trabalhadores de todo o mundo.

O fascismo não é uma forma de Poder estatal que esteja, como se pretende, «por cima de ambas as classes do proletariado e da burguesia», como afirmou, por exemplo, Otto Bauer. Não é “a pequena burguesia sublevada que se apoderou do aparelho do Estado”, como declara o socialista inglês Brailsford. Não; o fascismo não é um poder situado por cima das classes, nem o poder da pequena burguesia ou do lumpemproletariado sobre o capital financeiro. O fascismo é o Poder do próprio capital financeiro. É a organização do ajuste de contas terroristas com a classe operária e a parte revolucionária dos camponeses e dos intelectuais. O fascismo em política exterior é o chauvinismo em sua forma mais brutal que cultiva um ódio bestial contra os demais povos.

É preciso salientar de modo especial este caráter verdadeiro do fascismo porque a dissimulação da demagogia social deu ao fascismo, numa série de países, a possibilidade de arrastar consigo as massas da pequena burguesia desajustadas pela crise, e até alguns setores das camadas mais atrasadas do proletariado que jamais seguiriam o fascismo se tivessem compreendido seu verdadeiro caráter de classe, sua verdadeira natureza.

O desenvolvimento do fascismo e a própria ditadura fascista revestem-se, nos diversos países, de formas diferentes, segundo as condições históricas, sociais e econômicas, as particularidades nacionais e a posição internacional de cada país. Em alguns países, principalmente onde não conta com uma ampla base de massas e onde a luta entre os diversos grupos no campo da própria burguesia fascista é bastante dura, o fascismo não se decide imediatamente a acabar com o parlamento e permite aos demais partidos burgueses, assim como à socialdemocracia, certa legalidade. Noutros países, onde a burguesia dominante teme a próxima eclosão da revolução, o fascismo estabelece seu monopólio político ilimitado, ora de golpe e bordoadada, ora intensificando cada vez mais o terror e o ajuste de contas com todos os partidos e agrupamentos rivais. Isto não faz com que o fascismo, quando se agrava de modo especial sua situação, deixe de estender sua base para combinar — sem alterar seu caráter de classe — a ditadura terrorista descarada com uma grosseira falsificação do parlamentarismo.

A ascensão do fascismo ao Poder não é uma simples troca de um governo burguês por outro, mas a substituição de uma forma estatal da dominação de classe da burguesia, a democracia burguesa, por outra: a ditadura terrorista declarada. Passar por alto esta diferença seria um erro grave que impediria o proletariado revolucionário de mobilizar as mais amplas camadas dos trabalhadores da cidade e do campo para lutar contra a ameaça da tomada do Poder pelos fascistas assim como de aproveitar as contradições existentes no campo da própria burguesia. Não obstante, não menos grave e perigoso é o erro de não apreciar suficientemente o significado que têm para a instauração da ditadura fascista as medidas reacionárias da burguesia que se intensificam atualmente nos países da democracia burguesa, medidas que reprimem as liberdades democráticas dos trabalhadores, restringem e falseiam os direitos do parlamento e agravam as medidas de repressão contra o movimento revolucionário.

Camaradas, não é possível representar a subida do fascismo ao Poder de uma forma tão simplista e fácil, como se um comitê qualquer do capital financeiro tomasse a resolução de implantar em tal ou qual dia a ditadura fascista. Na realidade, o fascismo chega geralmente ao Poder em luta recíproca, às vezes exasperada, com os antigos partidos burgueses ou com determinada parte destes em luta até no seio do próprio campo fascista, que muitas vezes conduz a choques armados, como vimos na Alemanha, Áustria e outros países. Tudo isto, no entanto, não diminui a significação do fato de que, antes da instauração da ditadura fascista, os governos burgueses atravessam habitualmente uma série de etapas preparatórias e realizam uma série de medidas reacionárias que facilitam diretamente o acesso do fascismo ao Poder. Todo aquele que não lutar nestas etapas pre-

paratórias contra as medidas reacionárias da burguesia e contra o fascismo em ascensão não estará em condições de impedir a vitória do fascismo, senão que, pelo contrário, a facilitará.

Os chefes da socialdemocracia encobriram e ocultaram às massas o verdadeiro caráter de classe do fascismo e não lutaram contra as medidas reacionárias cada vez mais graves da burguesia. Sobre eles pesa grande responsabilidade histórica, pelo fato de, nos momentos decisivos da ofensiva fascista, uma parte considerável das massas trabalhadoras da Alemanha e de diversos outros países fascistas não reconhecer no fascismo a fera sedenta de sangue do capital financeiro, seu pior inimigo, e destas massas não estarem preparadas para fazer-lhe frente.

De onde nasce a influência do fascismo sobre as massas? O fascismo consegue atrair para si as massas, porque apela de forma demagógica para suas necessidades e exigências mais candentes. O fascismo não só instiga os preconceitos profundamente arraigados nas massas, como especula também com os melhores sentimentos destas, com sua sede de justiça, e, às vezes, até com suas tradições revolucionárias. Por que os fascistas alemães, esses lacaios da grande burguesia e Inimigos mortais do socialismo, se fazem passar perante as massas por «socialistas» e apresentam sua subida ao Poder como uma «revolução»? Porque se esforçam em explorar a fé na revolução, a atração pelo socialismo que vive no coração das amplas massas trabalhadoras da Alemanha.

O fascismo age a serviço dos interesses dos imperialistas mais agressivos, porém se apresenta diante das massas disfarçado em defensor da nação ultrajada e apela para o sentimento nacional ferido, como fez, por exemplo o fascismo alemão, que arrastou consigo as massas com a palavra de ordem de “*Contra Versalhes!*”.

O fascismo aspira à mais desenfreada exploração das massas, porém, delas se aproxima com uma demagogia anticapitalista, muito hábil, explorando o ódio profundo dos trabalhadores contra a burguesia rapinante, contra os bancos, os “trustes” e os magnatas financeiros, e lançando as palavras de ordem mais sedutoras em determinado momento para as massas que não alcançaram a maturidade política. Na Alemanha: “o bem comum está acima do bem particular”, na Itália: “nosso Estado não é um Estado capitalista e sim um Estado corporativo”; no Japão: “por um Japão sem exploradores”; nos Estados Unidos: “pela divisão das riquezas”, etc.

O fascismo entrega o povo à voracidade dos elementos mais corrompidos e venais, mas apresenta-se diante dele com a reivindicação de um “governo honrado e insuborná-

vel”. Especulando com a profunda desilusão das massas em relação aos governos da democracia burguesa, o fascismo se indigna hipocritamente em face da corrupção (veja-se, por exemplo, o caso Barmat e Sklaret, na Alemanha; o caso Stéviski, na França « outros).

O fascismo atrai, no interesse dos setores mais reacionários da burguesia, as massas decepcionadas que abandonam os antigos partidos burgueses impressiona estas massas pela violência de seus ataques contra os governos burgueses, por sua atitude irreconciliável com os antigos partidos da burguesia.

Deixando atrás todas as outras variedades de reação burguesa, por seu cinismo e suas mentiras, o fascismo adapta sua demagogia às características nacionais de cada país e inclusive às características das diferentes camadas Sociais dentro de um mesmo país. E as massas da pequena burguesia e uma parte dos operários levados ao desespero pela miséria, o desemprego forçado e a insegurança de sua existência, se Convertem em vítimas da demagogia social e chauvinista do fascismo.

O fascismo chega ao Poder como o partido de choque contra o movimento revolucionário do proletariado, contra as massas populares em efervescência, porém apresenta sua subida ao Poder como um movimento “revolucionário” dirigido contra a burguesia, em nome de “todos a nação” e para “salvar a nação”. (Recordemos a “marcha” de Mussolini sobre Roma, a “marcha”; de Pilsudski sobre Varsóvia, a «revolução» nacional-socialista de Hitler na Alemanha etc.);

Mas qualquer que seja a máscara com que se disfarce, qualquer que seja a forma em que se apresente, qualquer que seja o caminho por que suba ao Poder, o fascismo é a mais feroz ofensiva do capital contra as massas trabalhadoras; o fascismo é a reação feroz e a contrarrevolução; o fascismo é o pior inimigo da classe operária e de todos os trabalhadores.

Que proporciona às massas o fascismo vitorioso?

O fascismo prometeu aos operários um “salário justo”; na realidade, lhes deu um nível de vida ainda mais baixo, mais miserável. Prometeu trabalho aos desempregados; e no final de contas lhes proporcionou mais fome e um trabalho servil: o trabalho forçado. Na verdade, o fascismo converte os operários e os desempregados em párias da sociedade capitalista, desprovidos de prerrogativas, destrói seus sindicatos, arrebatá-lhes o direito de greve e de imprensa operária, envolve-os pela força nas organizações fascistas, rouba-lhes os fundos dos seguros sociais, converte as fábricas e as oficinas em quartéis onde reina o despotismo desenfreado dos capitalistas.

O fascismo prometeu à juventude trabalhadora abrir-lhe um caminho amplo para um porvir esplendoroso. Na realidade, trouxe à juventude dispensa em massa das fábricas, campos de trabalho e exercícios militares incessantes, visando uma guerra de rapina.

O fascismo prometeu aos empregados, aos modestos funcionários, aos intelectuais, assegurar-lhes a existência acabar com a onipotência dos «trustes» e com a especulação do capital bancário. Na prática, trouxe-lhes maior desespero e insegurança no dia de amanhã, os submeteu a uma nova burocracia formada por seus partidários mais obedientes; criou uma ditadura insuportável dos «trustes» e semeou em proporções nunca vistas a corrupção e a decomposição.

O fascismo prometeu aos camponeses arruinados e depauperados acabar com a vasalagem das dívidas, suprimir o pagamento das rendas e até expropriar sem indenização a terra dos latifundiários em favor dos camponeses sem terra e arruinados. Na realidade, entrega os camponeses trabalhadores à escravidão sem precedentes dos «trustes» e do aparelho do Estado fascista e aumenta até o indizível a exploração das grandes massas camponesas pelos grandes agricultores, os bancos e os usuários.

“A Alemanha será um país camponês ou não será nada”, declarou solenemente Hitler. Mas que têm obtido os camponeses da Alemanha sob Hitler? Uma moratória que já está revogada? Ou a lei regulando o regime hereditário das fazendas camponesas, que expulsa do campo milhões de filhos e filhas de camponeses, convertendo-os em mendigos? Os assalariados do campo veem-se convertidos em semiescravos, aos quais foi arrebatado até o direito elementar de livre circulação. Aos camponeses trabalhadores foi tirada a possibilidade de vender os produtos de sua propriedade no mercado.

E na Polônia?

“O camponês polaco — escreve o jornal polonês “Czas” — emprega métodos e meios que só se aplicaram, seguramente, nos tempos da Idade Média: conserva o fogo na estufa e o empresta a seus vizinhos; divide em vários fragmentos os pavios de cera. Os camponeses dão uns aos outros a água de sabão usada. Fervem os barris de arenques para obter água salgada. Isto não é nenhum conto, mas a verdadeira situação reinante no campo, da qual qualquer pessoa pode convencer-se por si mesma”.

E isto, camaradas, não o escreve nenhum comunista, mas um jornal reacionário polonês!

Isto não é tudo, mas não é pouco. Dia após dia, nos campos de concentração da Alemanha fascista, nos porões da Gestapo (polícia secreta), nas masmorras polacas, nos

calabouços da polícia secreta búlgara e finlandesa, na “Gtawnjaísçh” de Belgrado, na “Siguranza” romana, nas Ilhas italianas, os melhores filhos da classe operária, os camponeses revolucionários, os que lutam por um futuro mais belo para a humanidade, são submetidos a torturas violentas e zombarias tão repugnantes que diante delas empalidecem os crimes mais abomináveis da polícia secreta czarista. O criminoso fascismo alemão converte os maridos, em presença de suas mulheres, em massas de carne Sangrenta, envia às mães em pacotes postais as cinzas de seus filhos assassinados. A esterilização se converteu num meio política de luta. Aos presos antifascistas encerrados nas câmaras de tortura inoculam pela força substâncias venenosas, rompem-lhes as mãos, arrancam-lhes os olhos, enforcam-nos, Injetam-lhes água com uma bomba, recortam-lhes cruces gamadas na pele viva.

Tenho diante de mim um resumo estatístico do Socorro Vermelho Internacional sobre os assassinados, feridos, presos, mutilados e torturados mortalmente na Alemanha, Polônia, Itália, Áustria, Bulgária e Iugoslávia. Somente na Alemanha, sob o governo dos nacional-socialistas, foram assassinadas mais de 4.200 pessoas; detidas 317.800; e 218.600 operários, camponeses, empregados e intelectuais antifascistas, comunistas, social-democratas e membros das organizações cristãs de oposição foram feridos e submetidos a torturas cruéis. Na Áustria, desde os combates de fevereiro do ano passado, foram assassinadas 1.900 pessoas; 10.000 feridas e mutiladas; e 40.000 operários revolucionários detidos pelo governo fascista “cristão”. E este resumo está muito longe de ser completo.

É difícil encontrar palavras com que expressar toda nossa indignação ao pensar nas torturas que hoje sofrem os trabalhadores em diversos países fascistas. As cifras e fatos que assinalamos não refletem nem a centésima parte do quadro verdadeiro da exploração e das torturas, do terror dos guardas brancos, que enchem a vida cotidiana da classe operária nos diversos países capitalistas. Nenhum livro, por volumoso que fosse, poderia dar uma ideia clara das incontáveis bestialidades do fascismo contra os trabalhadores. Com profunda emoção e ódio contra os verdugos fascistas inclinamos as bandeiras da Internacional Comunista ante a memória inolvidável de John Scheer, de Piede Schulze, de Lutgens, na Alemanha; de Koloman, Walisch e Munichreiter, na Áustria; de Sallai e Furst, na Hungria; de Kofardshiewe, Lutibrodski e Wovkow na Bulgária; ante a memória dos milhares e milhares de operários comunistas, social-democratas e sem partido, camponeses, representantes dos intelectuais progressistas que deram sua vida lutando contra o fascismo.

Desta tribuna, saudamos o chefe do proletariado alemão e Presidente de honra de nosso Congresso, o camarada Thaelmann. (Grande ovação; todos os delegados se põem de pé). Saudamos os camaradas Rakosi, Gramsci (grande ovação; todos os delegados se põem de pé), Antikainen, J. Panow. Saudamos o chefe dos socialistas espanhóis Largo Caballero, encarcerado pelos contrarrevolucionários, Tom Mooney, que conta já 18 anos de cárcere, e todos os milhares de prisioneiros do capital e do fascismo (grandes aplausos) e lhes gritamos: “Irmãos de luta! Companheiros de armas! Não vos esquecemos. Estamos convosco! Empregaremos todas as horas de nossa vida, até a última gota de nosso sangue, para arrancar-vos e para arrancar todos os trabalhadores do Ignominioso regime fascista”. (Grande ovação, todos os delegados se põem de pé).

Camaradas: Já Lenin nos avisara que a burguesia pode conseguir, caindo sobre os trabalhadores com o terror mais feroz, rechaçar durante um período mais ou menos curto as forças crescentes da revolução, mas que apesar disso não poderá salvar-se do naufrágio.

“A vida — escrevia Lenin — seguirá seu curso. Pode a burguesia arrebatarse, enfurecer-se até o paroxismo, exceder-se, cometer loucuras; vingar-se com antecedência dos bolcheviques e procurar exterminar (na Índia, na Hungria, na Alemanha, etc.) centenas de milhares de bolcheviques do amanhã ou de ontem; ao proceder assim, a burguesia procede como todas as classes condenadas pela história ao naufrágio. Os comunistas devem saber que, aconteça o que acontecer, o futuro lhes pertence. Por isto, podemos e devemos associar, na grande luta revolucionária, o maior entusiasmo à mais serena e sóbria apreciação das convulsões da burguesia”².

Sim; se nós e o proletariado do mundo inteiro marcharmos com firmeza pela senda que nos traçou Lenin, a burguesia se desmoronará, apesar de tudo (aplausos).

É inevitável a vitória do fascismo?

Por que e de que modo pode triunfar o fascismo?

O fascismo é o pior inimigo da classe operária e dos trabalhadores. O fascismo é o inimigo das nove décimas partes do povo alemão, das nove décimas partes do povo austríaco, das nove décimas partes dos outros povos dos países fascistas. Como e de que modo pode triunfar este inimigo encarniçado?

O fascismo pode chegar ao Poder, antes de tudo, porque a classe operária, graças à política de colaboração de classe com a burguesia praticada pelos chefes da socialdemocracia, se achava dividida, política e organicamente desarmada, frente à burguesia que

desenvolve sua ofensiva, e os Partidos Comunistas não eram suficientemente fortes para levantar as massas e conduzi-las à luta decisiva contra o fascismo, sem a socialdemocracia e contra ela.

Assim acontece! Que os milhões de operários social-democratas, que agora sofrem com seus irmãos comunistas os horrores da barbárie fascista, meditem seriamente sobre isto: se, no ano de 1918, quando estalou a revolução na Alemanha e na Áustria, o proletariado alemão e austríaco não tivesse seguido a direção social-democrata, de Otto Bauer, Friedrich Adler e Renner, na Áustria; de Ebert e Scheidemann, na Alemanha, e sim marchado pelo caminho dos bolcheviques russos, pela senda de Lenin, hoje não haveria fascismo nem na Áustria, nem na Alemanha, nem na Itália, nem na Hungria, nem na Polônia, nem nos Balcãs. Não seria a burguesia e sim a classe operária a senhora da situação na Europa, desde há muito tempo. (Aplausos).

Fixemo-nos, por exemplo, na socialdemocracia austríaca. A revolução de 1918 elevou-a a uma altura enorme. Tinha o Poder em suas mãos; tinha fortes posições dentro do exército, dentro do aparelho do Estado. Apoiando-se nelas, poderia matar em germe o nascente fascismo, mas foi cedendo sem resistência, uma após outra, as posições da classe operária. Permitiu à burguesia fortalecer seu poder, anular a Constituição, limpar o aparelho do Estado, o exército e a polícia de funcionários social-democratas, arrebatou aos operários seus depósitos de armas. Permitiu aos bandidos fascistas assassinar impunemente operários social-democratas, aceitou as condições do acordo de Ruttenberg, que abriu as portas das fábricas aos elementos fascistas. Ao mesmo tempo, os chefes da socialdemocracia enganavam os operários com o programa de Linz, no qual se previa a eventualidade do emprego da força armada contra a burguesia e a instauração da ditadura do proletariado, assegurando-lhes que, se as classes governantes apelassem para a violência contra a classe operária, o partido responderia com o apelo à greve geral e à luta armada. Como se toda a política de preparação do ataque fascista contra a classe operária não fosse uma cadeia de atos de violência, encobertos por meio de formas constitucionais! Mesmo nas vésperas dos combates de fevereiro e no transcurso destes, a direção da socialdemocracia austríaca abandonou o heroico “Schitzbund”, que lutava isolado das amplas massas, e condenou o proletariado austríaco à derrota.

Era inevitável a vitória do fascismo na Alemanha? Não, a classe operária alemã poderia tê-la impedido.

Mas, para isso, precisava ter conseguido estabelecer a frente única proletária antifascista, obrigar os chefes da socialdemocracia a pôr fim a sua cruzada contra os comunistas

e aceitar as reiteradas propostas do Partido Comunista sobre a unidade de ação contra o fascismo.

Não se devia ter dado por satisfeita, ante a ofensiva do fascismo e a gradual liquidação das liberdades democrático burguesas, pela burguesia, com as formosas resoluções da socialdemocracia, mas deveria ter respondido com uma verdadeira luta de massas que estorvasse a realização dos planos fascistas da burguesia alemã.

Não devia ter permitido a proibição da Liga de Combatentes da Frente Vermelha (Rote Frontkämpferbund), pelo governo Braun-Severing, mas estabelecer contato de luta entre a “Rote Frontkämpferbund” e a “Reichsbanner”³ que abrangia quase um milhão de filiados e obrigar Braun e Severing a armar ambas as organizações para repelir e destruir os bandos fascistas.

Precisava ter obrigado os dirigentes da socialdemocracia, que estavam à frente do governo da Prússia, a tomar medidas de defesa contra o fascismo, deter seus chefes, suprimir sua imprensa, confiscar-lhes os recursos materiais e os recursos dos capitalistas que subvencionavam o movimento fascista, dissolver suas organizações, tomar-lhes as armas, etc.

Além disso, precisava ter conseguido que se estabelecesse e ampliasse a assistência social sob todas as formas, que se concedesse uma moratória e subsídios aos camponeses atingidos pela crise, à custa de aumentos nos impostos sobre os bancos e “trustes”, para garantir por este meio o apoio dos camponeses trabalhadores. Nada se fez, por culpa da socialdemocracia alemã, e, graças a isto, pode triunfar o fascismo.

Haviam de triunfar inevitavelmente a burguesia e a nobreza na Espanha⁴ país onde as forças da Insurreição proletária se combinam tão vantajosamente com a guerra camponesa?

Os socialistas espanhóis estiveram representados no governo desde os primeiros dias da revolução. Estabeleceram por acaso contato de luta entre as organizações operárias de todas as tendências políticas, incluindo os comunistas e os anarquistas? Fundiram a classe operária numa só organização sindical? Acaso exigiram a confiscação de todas as terras dos latifundiários, das igrejas e dos conventos em favor dos camponeses, para conquistá-los para a revolução? Tentaram lutar pela autodeterminação nacional dos catalães, dos bascos, pela libertação do Marrocos? Limparam o exército de elementos monárquicos e fascistas, preparando a passagem das tropas para o lado dos operários e dos camponeses? Dissolveram a guarda civil, verdugo de todos os movimentos populares, tão

odiada pelo povo? Vibraram algum golpe contra o partido fascista de Gil Robles, contra o poderio do clero católico? Não, não fizeram nada disto. Repeliram as repetidas propostas dos comunistas sobre a unidade de ação contra a ofensiva da reação dos burgueses e dos latifundiários e do fascismo. Promulgaram uma lei eleitoral que permitiu à reação conquistar a maioria nas Cortes e uma série de leis em que se decretavam duras penalidades contra os movimentos populares, leis que servem agora para julgar os heroicos mineiros das Astúrias. Fuzilaram por mão do guarda civil os camponeses que lutavam pela terra etc., etc.

Assim, a socialdemocracia preparou ao fascismo o caminho do Poder, do mesmo modo na Alemanha, na Áustria e na Espanha, desorganizando e levando a cisão às fileiras da classe operária.

Camaradas, o fascismo triunfou também porque o proletariado foi encontrado isolado de seus aliados naturais. O fascismo pôde triunfar porque conseguiu arrastar consigo as grandes massas populares camponesas, graças ao fato da socialdemocracia, em nome da classe operária, ter leito uma política que era no fundo anticamponesa. O camponês via desfilarem pelo Poder uma série de governos social-democratas que personificavam, a seus olhos, o poder da classe operária, mas nenhum deles lhes entregava a terra. A socialdemocracia não incomodou em nada os latifundiários, resistiu às greves dos operários agrícolas e a consequência disto foi que os operários agrícolas da Alemanha, muito antes da subida de Hitler ao Poder, abandonaram os sindicatos reformistas passando-se na maioria dos casos para os “Capacetes de Aço” e para os nacional-socialistas.

O fascismo pode triunfar também porque conseguiu penetrar nas fileiras da juventude, enquanto a socialdemocracia desviava a juventude operária da luta de classes; o proletariado revolucionário não desenvolveu entre a juventude o necessário trabalho de educação e não prestou a suficiente atenção à luta por seus Interesses e as aspirações específicas.

O fascismo captou a ânsia de atividade combativa aguçada entre a juventude e atraiu uma parte considerável desta para seus destacamentos de combate. A nova geração da juventude masculina e feminina não passou pelos horrores da guerra. Sofre em sua pele todo o peso da crise econômica, do desemprego forçado e da decomposição da democracia burguesa. Não tendo perspectiva alguma para o futuro, setores consideráveis da juventude se mostraram especialmente acessíveis à demagogia fascista que lhes pintava um porvir sedutor se o fascismo triunfasse.

Em relação a Isto, muito menos devemos passar por alto a série de erros cometidos pelos Partidos Comunistas, erros que refreavam nossa luta contra o fascismo. Em nossas fileiras existia um imperdoável menosprezo do perigo fascista, que ainda não se desvaneceu em muitos lugares. Concepções do tipo das que antes podíamos encontrar em nossos Partidos, como aquela de que “a Alemanha não é a Itália”, no sentido de que o fascismo pode triunfar na Itália, mas sua vitória estava excluída na Alemanha, por ser um país industrialmente mais desenvolvido, um país de cultura muito elevada, com uma tradição de quarenta anos de movimento operário, um país em que é Impossível o fascismo; ou e concepção que se mantém hoje de que nos países da democracia burguesa «clássica» não há base para o fascismo. Semelhantes concepções podiam e podem contribuir para amortecer a vigilância diante do perigo fascista e dificultar a mobilização do proletariado para a luta contra o fascismo.

Poderíamos citar também muitos casos em que os comunistas se viram surpreendidos inopinadamente por um golpe fascista. Recordai-vos da Bulgária onde, a direção de nosso Partido adotou uma posição “neutra”, oportunista em sua essência, em relação ao golpe de Estado de 9 de junho de 1923; da Polônia, onde, em maio de 1926, a direção do Partido Comunista, que interpretou de uma maneira errônea as forças motrizes da revolução polonesa, não soube distinguir o caráter fascista do golpe de Estado de Pilsudski e foi a reboque dos acontecimentos; da Finlândia, onde nosso Partido, baseando-se numa falsa ideia da fascistização lenta, gradual, deixou produzir-se o golpe de Estado fascista preparado por um grupo dirigente da burguesia, golpe de Estado que apanhou de surpresa o Partido e a classe operária.

Quando o nacional-socialismo se tornou um movimento de massas ameaçador na Alemanha, havia camaradas, como Heinz Neumann, para os quais o governo de Brüning já era o da ditadura fascista, que declaravam carrancudos: “Se o Terceiro Reich de Hitler chegar um dia, será somente a um metro e meio debaixo da terra e com o poder operário, vencedor, por cima dele”.

Nossos camaradas da Alemanha menosprezaram durante muito tempo o sentimento nacional ferido e a indignação das massas contra Versalhes; observavam uma atitude desdenhosa com relação aos atritos dos camponeses e da pequena burguesia; demoraram em estabelecer um programa de emancipação social e nacional e quando o formularam não souberam adaptá-lo às necessidades concretas e ao nível das massas.

E nem sequer souberam populariza-lo amplamente entre elas. A necessidade de desenvolver a luta de massas contra o fascismo foi substituída em vários países pelos ra-

ciocínios estéreis sobre o caráter do fascismo em geral) e por uma estreiteza sectária a respeito da posição e solução das tarefas políticas atuais do Partido.

Camaradas, se falamos das causas da vitória do fascismo, se salientamos a responsabilidade histórica da socialdemocracia na derrota da classe operária, se anotamos também nossos próprios erros na luta contra o fascismo, não é simplesmente pelo prazer de remover o passado. Não somos historiadores situados à margem da vida; somos militantes da Classe operária e estamos obrigados a dar uma resposta à pergunta que atormenta a milhões de operários: É possível impedir, e por que meios, a vitória do fascismo? E respondemos a esses milhões de operários: sim, camaradas, pode fechar-se a passagem ao fascismo. É absolutamente possível isso depende de nós mesmos, dos operários, dos camponeses, todos os trabalhadores! Impedir a vitória do fascismo depende antes de tudo da atitude combativa da própria classe operária, da coesão de suas forças num exército combatente que lute unido contra a ofensiva do capital e do fascismo. O proletariado, ao estabelecer sua unidade de luta, paralisaria a influência do fascismo sobre os camponeses, sobre a pequena-burguesia urbana, sobre a juventude e os Intelectuais, conseguiria neutralizar uma parte deles e fazer a outra passar para seu lado.

Em segundo lugar, depende da existência de um forte partido revolucionário que saiba dirigir acertadamente a luta dos trabalhadores contra o fascismo. Um partido que exorta sistematicamente os operários a retroceder ante o fascismo e permite à burguesia fascista fortificar suas posições, é um partido que conduz os operários inevitavelmente à derrota.

Em terceiro lugar, depende da política acertada da classe operária com relação aos camponeses e às massas pequeno-burguesas da cidade. É preciso aceitar estas massas tal como são e não como desejaríamos que fossem. Só no decorrer da luta superarão suas dúvidas e vacilações, e, se o proletariado as ajudar politicamente, se elevarão a um grau superior de consciência e de atividade revolucionária.

Em quarto lugar, depende da atenção vigilante e da atuação oportuna do proletariado revolucionário. Não devemos deixar que o fascismo nos surpreenda nem deixar-lhe a iniciativa; é preciso vibrar-lhe os golpes decisivos quando ainda não conseguiu concentrar suas forças; não lhe permitir firmar-se; fazer-lhe frente a cada passo em que se manifeste; não lhe permitir a conquista de novas posições; como se esforça com êxito, por consegui-lo, o proletariado francês. (Aplausos).

Eis as condições mais importantes para impedir que o fascismo cresça e suba ao Poder.

O fascismo é um poder feroz, porém precário

A ditadura fascista da burguesia é um poder feroz, porém precário. Em que residem as principais causas da precariedade da ditadura fascista?

O fascismo, que pretende superar as divergências e as contradições existentes no campo da burguesia, vem aguçá-las ainda mais estas contradições. O fascismo tenta estabelecer seu monopólio político destruindo violentamente os demais partidos. Mas a existência do sistema capitalista, a existência de diferentes classes, a aprovação das contradições de classe, conduzem inevitavelmente ao enfraquecimento e destruição do monopólio político do fascismo. Não ocorre o mesmo no país soviético, onde a ditadura do proletariado é exercida também por um partido monopolista, mas onde este monopólio político corresponde aos interesses da sociedade sem classes. Num país fascista, o partido dos fascistas não pode manter por muito tempo seu monopólio, porque não está em condições de propor-se a missão de suprimir as classes e as contradições de classe. Suprime a existência legal dos partidos burgueses, mas alguns destes continuam vivendo ilegalmente e o Partido Comunista avança também dentro da ilegalidade, tempera-se e dirige a luta do proletariado contra a ditadura. Deste modo o monopólio político do fascismo tem que desmoronar necessariamente sob os golpes das contradições de classe.

Outra das causas da precariedade da ditadura fascista baseia-se em que o contraste entre a demagogia anticapitalista do fascismo e a política de rapinante enriquecimento da burguesia monopolista permite desmascarar a natureza de classe do fascismo e vai enfraquecendo e reduzindo sua base de massas.

Além disto, a vitória do fascismo provoca o ódio profundo e a indignação das massas, contribui para infundir-lhes espírito revolucionário e imprime um poderoso impulso à frente única do proletariado contra o fascismo. Realizando a política do nacionalismo econômico (autarquia) e apropriando-se da maior parte das rendas da nação para a preparação da guerra, o fascismo solapa toda a economia do país e aguça a guerra econômica entre os Estados capitalistas. Imprime aos conflitos que surgem no seio da burguesia o caráter de choques violentos e muitas vezes sangrentos, minando, assim, a estabilidade do Poder estatal fechada aos olhos do povo. Um poder que assassina seus próprios partidários, como aconteceu na Alemanha, a 30 de junho do ano passado, um poder como o fascista contra o qual luta de armas na mão outra parte da burguesia fascista! (o “Putsch” nacional-socialista da Áustria, as lutas violentas de diversos grupos fascistas contra os governos fascistas da Polônia, da Bulgária, Finlândia e outros países), este poder não poderá manter durante muito tempo sua autoridade aos olhos das amplas massas pequeno-burguesas.

A classe operária precisa saber explorar as contradições e conflitos existentes no campo da burguesia, mas não deve nutrir a ilusão de que o fascismo pode asfixiar-se por si só. O fascismo não se destruirá automaticamente. Só a atividade revolucionária da classe operária fará com que os conflitos que surgem inevitavelmente no campo da burguesia sejam aproveitados para minar a ditadura fascista e derrubá-la.

Ao liquidar os restos da democracia burguesa e elevar a violência descarada a sistema de governo, o fascismo solapa as ilusões democráticas e a autoridade da lei aos olhos das massas trabalhadoras. Isto acontece com maior razão nos países como, por exemplo, a Áustria e Espanha, onde os operários lutaram de armas nas mãos contra o fascismo. Na Áustria, a luta heróica do «Schitzbund» e dos comunistas fez tremer desde o início, apesar da derrota, a firmeza da ditadura fascista. Na Espanha, a burguesia não conseguiu por uma mordada fascista nos trabalhadores. As lutas armadas da Áustria e da Espanha fizeram com que massas cada vez mais extensas de classe operária adquirissem consciência da necessidade da luta revolucionária de classes.

Apenas filisteus monstruosos, lacaios da burguesia, como o mais antigo teórico da Segunda Internacional, Karl Kautsky, podem fazer censuras aos operários e dizer-lhes que na Áustria e na Espanha não deveriam ter empunhado as armas. Que aspecto apresentaria hoje o movimento operário na Áustria e na Espanha se a classe operária destes países se tivesse deixado guiar pelos conselhos traidores dos Kautsky? A classe operária destes países sofreria uma profunda desmoralização em suas fileiras.

“Os povos — disse Lenin — não passam em vão pela escola da guerra civil, é uma escola dura e em seu programa, se é completo, entram também Inevitavelmente os triunfos da contrarrevolução, a ira dos reacionários enfurecidos, o ajuste de contas feroz do antigo poder com os rebeldes, etc. Mas só os pedantes Inveterados e os espíritos mumificados podem choramingar, lamentando-se de que os povos passem por esta escola cheia de tormentos; esta escola ensina às classes oprimidas a fazerem a guerra civil e lhes ensina como triunfa a revolução, acumula nas massas dos escravos atuais o ódio que os escravos atemorizados, torpes e ignorantes levam eternamente no íntimo e que conduz os escravos já conscientes do opróbrio de sua escravidão às façanhas históricas mais grandiosas”⁵.

A vitória do fascismo na Alemanha provocou, como é sabido uma nova onda de ofensivas fascistas, que conduziu na Áustria à provocação de Dolfuss, na Espanha a novas agressões da contrarrevolução contra as conquistas revolucionárias das massas, na Polônia à reforma fascista da Constituição e na França incitou os destacamentos armados dos fascistas a uma tentativa de golpe de Estado em fevereiro de 1934. Mas esta vitória e

a fúria da ditadura fascista provocaram no plano internacional um contra movimento de frente única proletária contra o fascismo. O incêndio do Reichstag, que era o sinal para a ofensiva geral do fascismo contra a classe operária, o assalto contra os sindicatos e outras organizações operárias e sua espoliação, os gritos dos antifascistas torturados nas masmorras dos quartéis fascistas, e nos campos de concentração revelam palpavelmente às massas onde conduziu o jogo divisionista e reacionário dos chefes da socialdemocracia alemã, que repeliram as propostas dos comunistas para lutarem unidos contra o fascismo agressor, e os convencem da necessidade de unificar todas as forças da classe operária para a destruição do fascismo.

Na França, a vitória de Hitler imprimiu também um impulso decisivo à criação de frente única da classe operária contra o fascismo. A vitória de Hitler não originou nos operários somente temor pela sorte dos operários alemães, não acendeu apenas o ódio contra os verdugos de seus irmãos de classe alemães, como ainda fortaleceu sua decisão de não permitir de nenhum modo que aconteça em seu país o que sucedeu com a classe operária na Alemanha. A poderosa corrente para a frente única em todos os países capitalistas põe em evidência que os ensinamentos da derrota não passaram em vão. A classe operária começa a agir de um modo novo. A iniciativa dos Partidos Comunistas na organização da frente única e a abnegação sem limites dos comunistas, dos operários revolucionários na luta contra o fascismo, aumentaram em proporções nunca vistas a autoridade da Internacional Comunista. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se uma crise profunda no seio da Segunda Internacional, crise que se manifesta com uma clareza especial e acentuada depois da bancarrota da socialdemocracia alemã. Os operários socialdemocratas podem convencer-se cada vez mais palpavelmente de que a Alemanha fascista, com todos seus horrores e barbárie, é, em última análise, uma consequência da política socialdemocrata de colaboração de classe com a burguesia. ‘ Estas massas veem cada vez mais claro que o caminho pelo qual os chefes da socialdemocracia levaram o proletariado não pode ser percorrido de novo. Jamais se deu no campo da Segunda Internacional um transtorno ideológico tão grande. No seio de todos os partidos social-democratas se opera um processo de diferenciação. Em suas fileiras se destacam dois campos básicos: junto ao campo existente dos elementos reacionários, que tentam por todos os meios manter de pé o bloco da socialdemocracia com a burguesia e repelem raivosamente a frente única com os comunistas, começa a formar-se o campo dos elementos revolucionários que duvidam da justiça da política de colaboração de classe com a burguesia, que lutam pela criação de uma frente única com os comunistas e começam a passar-se cada vez em maior escala para as posições da luta revolucionária de classes.

Assim, o fascismo que surgiu como resultado da decadência do sistema capitalista, atua, portanto, em última instância, como um fator de sua ulterior decomposição. Assim, o fascismo que se impõe como dever enterrar o marxismo, o movimento operário revolucionário, o que faz como resultado da dialética da vida e da luta de classes é contribuir para que se desenvolvam as forças destinadas a ser seus coveiros, os coveiros do capitalismo.

(Aplausos).

Notas:

¹Informe apresentado no VII Congresso da Internacional Comunista - 2 de agosto de 1935

² Lênin: “A doença infantil do esquerdismo no comunismo”.

³Reichsbanner: milícia política criada em 1924 pelos Partidos Socialdemocrata e pelo Centro Católico e Democrático da Alemanha em colaboração com os sindicatos operários. Em 1932, tinha 3 milhões de filiados e, em 1933, os nazistas a dissolveram e prenderam seus líderes.

⁴ Alusão à derrota das Astúrias em 1934.

⁵ Lênin: “Matérias inflamáveis na política mundial”. Ed. Russa.

PRONUNCIAMENTO À NAÇÃO NO DIA SEGUINTE À VITÓRIA SOVIÉTICA SOBRE A ALEMANHA FASCISTA

J. V. Stálin

Camaradas!

Caros e caras compatriotas!

Chegou o grande dia da vitória sobre a Alemanha. Os fascistas alemães, forçados à rendição pelo Exército Vermelho e pelas tropas de nossos aliados, reconheceram a derrota e anunciaram sua capitulação incondicional.

A 7 de maio foi assinado na cidade de Reims o protocolo preliminar de rendição. A 8 de maio, os representantes do alto comando alemão, na presença dos representantes do Alto Comando das tropas aliadas e do Comando Supremo das tropas soviéticas, assinaram em Berlim a ata final de rendição, que iria entrar em vigor à meia-noite.

Cientes dos hábitos ferinos dos figurões alemães, que veem tratados e acordos como letra morta, não temos razões para crer apenas em suas palavras. Porém, desde hoje de manhã, as tropas alemãs, em cumprimento à ata de rendição, começaram em massa a depor armas e se entregar a nossas tropas. Isso não é mais letra morta, mas uma capitulação autêntica das forças armadas da Alemanha. É verdade que um grupo de tropas alemãs nos arredores da Tchecoslováquia continua resistindo a se render. Mas espero que o Exército Vermelho consiga lhe impor a realidade.

Agora podemos com toda razão declarar que chegou o dia histórico da derrota final da Alemanha, o dia da grande vitória de nosso povo sobre o imperialismo alemão.

Os grandes sacrifícios que fizemos em nome da liberdade e independência de nossa Pátria, as incontáveis privações e sofrimentos por que passou nosso povo durante a guerra, o intenso trabalho no front e na retaguarda consagrado no altar da Pátria, não ficaram por menos e culminaram na vitória total sobre o inimigo. A luta secular dos povos eslavos por sua existência e independência terminou na vitória sobre os agressores alemães e sua tirania.

Doravante sobre a Europa tremulará a grande bandeira da liberdade dos povos e da paz entre eles.

Três anos atrás Hitler declarou publicamente que entre suas tarefas estava desmembrar a União Soviética e arrancar dela o Cáucaso, a Ucrânia, a Bielo-Rússia, os Bálticos e outras regiões. Ele disse claramente: “Destruiremos a Rússia de forma que nunca mais possa se reerguer”. Isso faz três anos. Mas as ideias malucas de Hitler não tinham como se realizar, e o curso da guerra as reduziu a pó. Na prática ocorreu algo claramente contrário aos delírios dos hitleristas: a Alemanha sofreu uma derrota completa. As tropas alemãs estão capitulando, e a União Soviética celebrando a vitória, embora não tencione nem desmembrar, nem destruir a Alemanha. Camaradas! A Grande Guerra Patriótica terminou com nossa vitória total. Acabou a época da guerra na Europa, começou um tempo de evolução pacífica.

Parabéns pela vitória, meus caros e caras compatriotas!

Glória a nosso heróico Exército Vermelho, que defendeu a independência de nossa Pátria e alcançou a vitória sobre o inimigo! Glória a nosso grande povo, o povo vencedor!

Glória eterna aos heróis que pereceram combatendo o inimigo e consagraram sua vida pela liberdade e felicidade de nosso povo!

9 de Maio de 1945